

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

NORMA SUELY MIRANDA MAGALHÃES

**GALERA DAS ANTIGAS: A RECONFIGURAÇÃO RECENTE DO FUNK
CARIOCA.**

Niterói
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

NORMA SUELY MIRANDA MAGALHÃES

**GALERA DAS ANTIGAS: A RECONFIGURAÇÃO RECENTE DO FUNK
CARIOCA.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação
Stricto Sensu em Sociologia da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre.

Orientadores: Prof. Dr. Lucas Correia Carvalho

Prof. Dra. Raquel Guilherme de Lima

Niterói

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M188t Magalhães, Norma Suely Miranda
Título: GALERA DAS ANTIGAS: A RECONFIGURAÇÃO RECENTE DO
FUNK CARIOCA. / Norma Suely Miranda Magalhães. - 2024.
112 f.

Orientador: Lucas Correia Carvalho.
Coorientador: Raquel Guilherme De Lima.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2024.

1. Funk de Galeras Carioca. 2. Violência Urbana. 3.
Memória. 4. Cultura periférica. 5. Produção intelectual.
I. Carvalho, Lucas Correia, orientador. II. De Lima, Raquel
Guilherme, coorientador. III. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. IV. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

NORMA SUELY MIRANDA MAGALHÃES

GALERA DAS ANTIGAS: A RECONFIGURAÇÃO RECENTE DO FUNK
CARIOCA.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Correia Carvalho
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Raquel Guilherme de Lima
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Joana D'Arc Fernandes Ferraz
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Palloma Valle Menezes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Elevo meus pensamentos para dedicar este trabalho em memória dos meus pais: Hildete Miranda Lima Magalhães e Hudson Romero Nascimento Magalhães. Sou fruto do esforço de ambos. Na figura deles tenho as primeiras e principais referências de ser humano. Minhas virtudes transbordam do amor desprendido por eles. Meus olhos aprenderam a ver e ler, através e para além da lente do espelho. Sinônimos de garra, superação, felicidade e fé por melhores dias. Meu esforço se eterniza entrelaçado nas memórias que ajudaram a construir meu ser. Sou conjunto, sou parte e se sou é porque antes de mim eles foram.

Às minhas filhas Inara e Sophia e ao meu companheiro Carlos Eduardo, por acreditarem em mim desde sempre: Sem vocês meu mundo estaria deserto. À toda a minha família, de modo geral, por serem representatividade sem fim dentro de mim. Principalmente ao grande e maior artista que conheci de perto, meu irmão. Hudson Felipe, este trabalho foi inspirado também em sua memória.

À Universidade Federal Fluminense, refúgio sagrado para meu crescimento pessoal e acadêmico. Espaço de acolhimento e desafios necessários, mais que isso, onde fiz amigos que levarei para a vida. Ao PROAES e a CAPES que foram parte de incentivos necessários e fundamentais para que eu pudesse concluir o curso de Graduação em Sociologia (2021) e a Pós-graduação neste encantado momento. Aos professores Lucas Carvalho, Raquel Lima, Cristina Vital, Joana D'arc, Carlos Pinho e tantos outros, por todo incentivo e dedicação.

À toda a família do Dicionário de Favelas Marielle Franco por não me deixarem naufragar, quando o mar da vida se mostrou turvo. Abraços e experiências me fizeram crescer, mantendo em mim a vontade de continuar. Em especial cito os braços da Palloma Menezes e seu sorriso capaz de modificar qualquer situação. À Sônia Fleury, minha eterna gratidão por me mostrar que furacões podem pôr as coisas no lugar. Mônica Francisco e toda a sua incrível aura. Caíque Azael, Clara Polycarpo, Marcelo e sua esposa e todos os outros que me rodearam de amor e afeto. Foi neste espaço que nos dias bons me desenvolvi e naqueles não tão bons, amadureci.

Este trabalho é fruto de muitas cabeças e mãos. À minha galera, deixo aqui meus agradecimentos, sem a confiança de vocês nada disso estaria sendo possível. Em especial, agradeço ao DJ Canibal e ao Rodrigo (Digão). Meu desejo é que o gueto acorde e que juntos possamos colaborar para tal sonho. Somos parte de um universo que merece e pode chegar aonde quiser.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a reconfiguração recente do funk, notadamente nos anos 2000, considerando as desigualdades territoriais e a história da cultura popular no Rio de Janeiro. Uma das principais manifestações dessa reconfiguração são os encontros das “galeras funk” ou “funk das antigas”, organizados por funkeiros da geração dos anos 1990 e que buscam dotar de novos sentidos o funk contemporâneo. A hipótese é que o movimento cultural do “funk da galera” se constitui a partir de três eixos principais: a) da (re)apropriação do passado do funk, especificamente dos anos 1990; b) da articulação entre organização das “resenhas” (encontros das “galeras funk”), localização territorial e poder público; e, por fim, c) representações sobre vertentes contemporâneas do funk, das quais a “galera funk” deseja se afastar ou sobre as quais têm críticas. Para tanto, propomos a reconstituição desde os anos 1990 do movimento funk carioca e como atualmente a “galera funk” apresenta seus encontros como espécie de resgate ou renascimento do “funk das antigas”. Utilizando-se de técnicas qualitativas, como entrevistas e observação participante, a pesquisa buscará acompanhar como os integrantes das “galeras funk” se apropriam de certas experiências pretéritas vividas como funkeiros, bem como as motivações e as relações com diferentes grupos e instâncias do poder público que viabilizam a principal manifestação do funk das antigas, as “resenhas”.

Palavras-Chave: Galeras; Estado; Cultura periférica; Bailes funk carioca

ABSTRACT

The present research aims to analyze the recent reconfiguration of funk, especially in the 2000s, considering territorial inequalities and the history of popular culture in Rio de Janeiro. One of the main manifestations of this reconfiguration is the gatherings of "funk galeras" or "old-school funk," organized by funk artists from the 1990s who seek to imbue contemporary funk with new meanings. My hypothesis is that the cultural movement of "galera funk" is based on three main axes: a) the (re)appropriation of the funk's past, specifically from the 1990s; b) the articulation between the organization of "resenhas" (gatherings of "galera funk"), territorial location, and public authority; and finally, c) representations of contemporary funk genres, from which the "galera funk" wishes to distance itself or about which they have criticisms. To do this, we propose to reconstruct the Rio de Janeiro funk movement since the 1990s and examine how currently the "galera funk" presents their gatherings as a kind of rescue or rebirth of "old-school funk." Using qualitative techniques such as interviews and participant observation, the research will seek to understand how members of "galera funk" appropriate certain past experiences lived as funk artists, as well as their motivations and relationships with different groups and instances of public authority that enable the main expression of old-school funk, the "resenhas" (gatherings).

Keywords: Crews; State; Peripheral culture; Rio de Janeiro funk parties

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Organização do trabalho: Influências e referências iniciais utilizadas para a análise.....	12
2	CAPÍTULO I: METODOLOGIA E DADOS.....	17
2.1	Apresentando os interlocutores a partir das entrevistas	19
2.2	Sobre os Guerreiros das Antigas (GDA).....	21
2.3	Sobre a gestão duas vezes diferente (G2D).....	24
2.4	Organizações das “Resenhas”	26
2.5	Formato das “Resenhas”	29
3	CAPÍTULO II: RELAÇÃO DO ESTADO COM A FAVELA	30
3.1	O corpo da favela em disputa	32
3.2	Complexidade da violência urbana.....	34
3.3	Funk, Estado e Poder Paralelo - Balanço e memória.....	40
4	CAPÍTULO III: DOS BAILES DA PESADA ÀS RESENHAS	48
4.1	Bailes de Corredor	61
4.2	Bailes de Favela.....	63
5	CAPÍTULO IV: Por dentro das “Resenhas”	70
5.1	Fronteiras que separam o movimento funk das antigas do atual.....	71
5.2	Estrutura dos bailes dos anos 1990 x As “Resenhas” ou Bailes das antigas	78
5.3	Trabalho de Campo.....	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
6.1	A questão do funk das antigas como resistência de um movimento subalternizado. 95	
6.2	Contextualizando os argumentos levantados nas hipóteses iniciais.	100
	REFERÊNCIAS.....	107
	SITES CONSULTADOS.....	109
	ANEXOS.....	112

1 INTRODUÇÃO

A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros. A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade.

Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula. Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

– Sérgio Vaz

Esta pesquisa busca compreender as estratégias desenvolvidas por um grupo de funkeiros, habitantes das favelas cariocas, que por meio do conhecimento da cultura funk, fazem da festa não apenas um modo de expressão das suas identidades sociais, sentimentos e comportamentos, mas também um meio de sobrevivência material. O funk é um movimento social e artístico que, embora ultrapasse as fronteiras territoriais nas quais se originou, não pode ser compreendido sem a referência geográfica que demarca o seu surgimento, sobretudo quando consideramos os bailes e as “resenhas”, das quais deteremos o olhar. As comunidades periféricas do Estado do Rio de Janeiro foram e são cenário urbano intrinsecamente vinculado ao funk como movimento da periferia urbana fluminense. A estreita relação entre a experiência do funk com as favelas, legou ao movimento o enfrentamento de estereótipos negativos. Contudo, embora o funk esteja permeado por fenômenos generalizados na cidade do Rio de Janeiro, a organização e o funcionamento dos bailes funks têm especificidades de acordo com a localidade em que se realiza. Nesta pesquisa, daremos destaque para os bailes realizados nos municípios de Niterói e São Gonçalo, nos apoiando em diversas referências bibliográficas para o avanço das análises.

Para tanto, buscou-se remontar a trajetória do gênero desde o seu nascimento em 1970 e os principais processos e imbricações sociais que o envolveram até os dias atuais. É importante ressaltar que quando abordamos o gênero funk neste trabalho, pretendemos deter um olhar para a vertente da violência contida nos bailes de corredor, a criminalização dos eventos e seu eventual fim ao final da década de 1990. Contudo, o suposto “fim” conforme veremos mais a frente, renasceu por meio de esforços realizados pelos mesmos atores a partir do ano de 2015. Com o intuito de capturar a recente retomada

do funk, em suas novas configurações, realizamos trabalho de campo em “resenhas”. “Resenhas”, segundo os atores e a observação participante, é uma das expressões utilizadas para definir os “encontros das galeras”. Quando não usam o termo “resenha” ou “resenha das antigas”, geralmente indicado para reuniões menores, utilizam do termo: “baile da antiga” para a definição de promoção de festas que esperam um maior número de participantes no evento. Além disso, o grupo define a escolha dos termos “resenha” ou “baile da antiga”, conforme percebido durante as entrevistas, para diferenciar os seus eventos de outras reuniões e festas funk que possuem como pauta uma proposta de bailes que vão orquestrar aquilo que eles chamam de “funk dos novinhos” ou baile de favela. Neste caso, o que os participantes chamam de “funk de novinhos”, são aqueles nos quais os encontros são promovidos com um arcabouço de músicas de caráter sexual, o que para eles não é bem-vindo. Já o que os atores definem como “baile de favela”, são aqueles promovidos ou com alguma interferência do tráfico de drogas, algo que também buscam afastar-se. O termo baile funk, como podemos perceber, possui diversos troncos onde cada um desses troncos torna-se detentor de públicos também diversos.

Ressalto que interferi na cena em que estudo, tornando-a notícia em matéria de jornal pelo blog “Outras Palavras”. A matéria tem a minha autoria e as colaborações da Prof. Dra. Palloma Menezes e do Psicólogo Caíque Azael (ambos membros do Dicionário de Favelas Marielle Franco). Seu conteúdo liga a historicidade do funk, seus atravessamentos, suas lutas e o papel fundamental da ex-vereadora assassinada Marielle Franco na cena funkeira. Funkeira assumida, segundo o artigo publicado por sua filha Luyara ¹ (2020), Marielle Franco lutou por legitimar o funk frente à opinião pública a partir da ótica de quem mora na favela, sobretudo denunciando as formas de controle com a chegada da UPP, tema de sua pesquisa de mestrado.

Ao longo dos meus estudos, iniciados na graduação em 2017, busquei investigar nas ciências sociais quais eram as razões que levaram os meus e a mim mesma, quando adolescente, a frequentar os clubes ditados pela sociedade como lugares de violência e marginais. Não fazia a mínima ideia do porquê. Contudo, tinha uma absoluta certeza: tais espaços de sociabilidade faziam com que me sentisse confortável, seja por estar entre os meus ou por me sentir representada pelo meu “bonde”/minha galera. Uma gama de

¹ MINHA mãe, Marielle Franco, e o funk dentro de mim. GELEDÉS, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/minha-mae-marielle-franco-e-o-funk-dentro-de-mim/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

sentimentos me ligava aos bailes dos anos 1990. Dentre eles posso destacar a adrenalina, a competição, o orgulho, a dor, a solidariedade, a honra etc. Isto era algo que, no silêncio, era compartilhado por todos os meus amigos. Como um pacto. Com o tempo uma coisa ficou clara para o nosso grupo ainda adolescente, não importava o que fizéssemos, sempre seríamos rejeitados. Para os homens eram dados rótulos de bandidos e para as mulheres o de prostituta. Um funkeiro era reconhecido de longe pelas suas roupas, que funcionavam como um código entre os nossos, trazendo reconhecimento e respeito, mas fora do grupo elevavam-se as críticas sobre as nossas cabeças. O ônibus não ia parar para você entrar, mesmo estando no ponto. Na escola, os professores iam perceber que você era funkeiro e isso mudaria o tratamento diante dos demais colegas. Como se o seu intelecto, indiretamente, estivesse sob ataque ou subestimado pelo fato de se expressar como pertencente ao movimento funk. Na escola as minhas notas eram destaque, mas isso nunca foi suficiente para que eu fosse olhada com “outros olhos”. O funk estava em todo lugar, e o funkeiro não precisava mais estar no clube para que isso fosse percebido. Bastava observar os códigos: o jeito de falar, de vestir, de sorrir, de andar e isso custava um preço que estávamos dispostos a pagar. Em 2017 escolhi o campo da sociologia, sem nunca ter tido aula desta disciplina. Tudo o que eu sabia, e era muito pouco, vieram dos livros que eu lia ao começar a dar aulas de reforço escolar em minha residência quando ainda tinha 17 anos, mas com o Ensino Médio concluído.

Sabia que gostava de ensinar e que isso era algo que dava certo, uma vez que o meu número de alunos só crescia ao mesmo tempo em que o desempenho deles na escola também era percebido, em meio notas disciplinares. Durante 15 anos atuei dando aulas de reforço escolar no bairro em que ainda resido. As mães que a mim confiavam a tarefa de suporte (reforço escolar) a seus filhos, investigavam minha vida antes da matrícula e não encontravam nada que manchasse minha conduta. Mesmo assim, algumas delas chegaram a perguntar: por que você gosta de funk? Como se isso fosse um defeito. Eu apenas sorria. Nesta trajetória um dos meus alunos foi primeiro lugar como bolsista 100%, por meio do PROUNI. Fui reconhecida por ele, já adulto, quando também consegui tal bolsa, logo na primeira tentativa de prova do ENEM. Eram duas bolsas disponíveis, e acabei ficando em segundo lugar, pois havia um rapaz à minha frente que se tornou um adulto de sucesso, apesar de ter enfrentado grandes dificuldades de aprendizado quando criança. Isso foi algo que ele superou de forma incrível. Fui reconhecida por ele no primeiro dia de aula na universidade, embora não me lembrasse mais dele. Naquela época,

havia tantas crianças cheias de sonhos, e era muito gratificante poder contribuir para o desenvolvimento de cada uma delas. Compreender o que de fato ocorreu naquele seio social do qual fiz e faço parte, era algo que me faltava. Este foi o motivo de ter me transferido do curso Letras para o curso de Sociologia. Atualmente no mestrado, a razão de dar continuidade aos estudos neste campo nasce da mesma fonte que quer problematizar os elementos que permanecem vivos sobre este corpo que nunca esteve estático. Sou parte disso.

Durante as entrevistas que chegam dos encontros nas “resenhas” ou pelo grupo que criamos no WhatsApp com a finalidade de colaborar, esbarrei com um dilema: “Que bagulho é esse de mestrado?”. Um de nossos entrevistados não estava entendendo o que eu estava dizendo, porque não conhece algumas palavras que acionamos. Com isso, o trabalho é chamado por alguns de “documentário”. A mim ficou claro que usar o termo documentário foi um mecanismo encontrado para justificar as razões da entrevista, que para eles são mais palpáveis, tendo em vista que estão narrando tudo aquilo que viveram e os detalhes sentidos em suas vidas ao longo das suas histórias pessoais. O que se percebe é que eles já se sentem donos deste trabalho e de fato, eles são. Saber que foi possível deixar isso em evidência é algo extremamente gratificante.

O rótulo que criminaliza o movimento e a perseguição continuam em curso e intencionam calar o barulho que ecoa do cotidiano presente nas vidas de quem sobrevive aos becos e vielas. O presente trabalho visa analisar, a partir do estudo de caso realizado por meio do acompanhamento da organização das festas funks nomeadas como “resenhas ou baile das antigas” e de entrevistas, como se dão os encontros e todas as dificuldades encontradas pelos atores ao percorrer este caminho. A voz que ecoa, neste trabalho, será a deles.

1.1 Organização do trabalho: Influências e referências iniciais utilizadas para a análise.

A hipótese que norteia este trabalho é de que o movimento cultural do “funk de galeras” define-se e se constitui a partir da (re)apropriação do passado do funk onde eram

promovidos os bailes de corredor², especificamente nos anos de 1990. Reapropriação cujos sentidos são definidos por uma lógica, em parte nova, que surge da articulação entre organização das “resenhas”, localização territorial e poder público. O núcleo da pesquisa envolve os participantes - que são os mesmos que compuseram a década de 1990 - são frequentadores, diretores/organizadores e artistas que estão a dar continuidade ao elo que foi abruptamente rompido pelo poder público na época.

Os organizadores que estão colaborando, são moradores de comunidades divididas entre Niterói e São Gonçalo. Sua maioria – durante a década de 1990 - foi representante de galera. A época, ser representante de galera significava falar em nome de determinadas comunidades para estabelecer lações de união, bem como ficavam incumbidos da organização dos seus bondes, ou seja, planejava a ida das pessoas em direção aos bailes que estavam espalhados por todo o Rio de Janeiro. As equipes de som, por sua vez, imprimiam crachás com a identificação do cargo para essas pessoas, que também gozavam do prestígio de receber cortesias em forma de ingresso para acessar os eventos antes promovidos pelos empresários (donos das equipes de som). O sentido do cargo de representante de galera, ainda se mostra presente conforme observado nas entrevistas. Todo o trabalho de organização nos parece funcionando por uma razão: “O funk da antiga surgiu por isso, para que a gente pudesse ter o nosso espaço. É a nossa válvula de escape” (E10, São Gonçalo).

O território aparece como parte principal do processo, uma vez que as canções tocadas vão servindo de canal. Isto porque o conteúdo das letras – expressa o nome do guerreiro do corredor e a galera da qual ele fez ou ainda faz parte - tal fato nos parece fortalecer a história dos participantes no que toca o ponto sensível das brigas nos salões. Ou seja, cada som revela o nome das comunidades e a união que cada uma estabelecia como meio de rivalizar umas com as outras nos bailes. Na atual configuração isso não se perdeu, pelo contrário, foi e é o motor que manteve viva a cultura deste tronco do funk que está em observação. A música, na nova configuração, ainda faz referência ao território e à união que tal território possuía enquanto pertencente aos lados A ou B, ainda que a

² Estamos a estender um olhar que se inicia na investigação do meu trabalho de conclusão de curso de título: Comunidade, território e bailes funk de corredor: Rio de Janeiro, década de 1990. A pesquisa desenvolveu-se sob a Orientação do Prof. Dr. Lucas Correia Carvalho e foi concluída no ano de 2021.

A Bibliografia é ampla, mas alguns trabalhos sustentaram a hipótese de que a violência esteve pautada na defesa do pertencimento a determinados territórios. Bem como a honra estaria nesta mesma pauta, onde através de mecanismos violentos se conseguiria obter ou reaver alguns sentimentos que são caros a honra pessoal.

questão da violência na atualidade observada tenha sido completamente banida entre eles e ressignificada em elos de união e memória. Contudo, as questões territoriais aparecem como peça-chave, isto porque estão a revelar e reforçar o quanto o território importa, tendo em vista que cada componente representa uma história pessoal que sempre parece estar atrelada a força e importância que ele pretende dar ao espaço da sua comunidade. A lógica se mostra da seguinte forma: se os guerreiros de determinadas comunidades eram fortes nos bailes de corredor, o respeito a ele e ao território dele eram conferidos pelos outros guerreiros e esses outros guerreiros poderiam ser de comunidades rivais nos bailes ou até mesmo seus aliados territoriais. O legado da história dos guerreiros é algo que nesta nova fase, conforme dados obtidos na pesquisa, mostrou-se fundamental para constituir a força que cada um pretende dar a si e à sua comunidade ou galera.

A partir de 2015 os dados obtidos em entrevista, nos revelam que o poder público necessita ser acionado para a viabilização das “resenhas ou bailes das antigas”.

Os eventos são documentados num prazo mínimo de 50 dias. Envolve o batalhão, a prefeitura, o corpo de bombeiros, o Juizado de menor e a delegacia. Ficando tudo requisitado direitinho e não tendo nenhum problema jurídico no local - se for um clube. ou numa rua que não seja lugar de periculosidade e de muito movimento - o evento é liberado normalmente sem problema nenhum. (E5, São Gonçalo)

Dificuldades apontadas:

As dificuldades são as autoridades que não conseguem enxergar o nosso movimento como cultural que gera empregos. É a gente que arrecada alimentos, a gente conseguiu fazer não é eu que digo, é no todo uma coisa que nem o governo do estado conseguiu. Que foi unificar todas as comunidades em todas as facções em um mesmo ambiente de pessoas, que no passado se matavam ao ouvir músicas respectivas as suas comunidades e divididos por lados A e B e uma corda no meio. Onde os grandes empresários do funk só queriam ganhar dinheiro, enriquecer e ficar milionário com isso. É que vários donos de equipes promovia a guerra e o único que não participou dessa guerra foi o Dj Marlboro. Aí tu a tocar essa parte do funk que fazia os jovens, assim como eu, na época a tirar suas diferenças no baile do corredor. Então as autoridades ficaram como isso na cabeça (o passado), também por uma parcela de culpa nossa, mas muito mais das empresas que geravam esses tipos de eventos. (E1, São Gonçalo)

A partir das palavras dos entrevistados E1 e E5, ambos do município de São Gonçalo, percebemos um conflito. Toda a parte requisitada como burocracias colocadas pelo Estado são respeitadas e acionadas para que os eventos não sejam encerrados pelas

autoridades. Tal comunicação se dá pelos dirigentes das empresas que pretendem promover suas “resenhas”. Enquanto o entrevistado E5 nos informa que basta apresentar toda a documentação em um prazo de 50 dias para que a festa aconteça sem nenhum problema, o entrevistado E1 vai relatar que as autoridades estão com o “passado em suas cabeças” ou em suas memórias.

E as autoridades não nos dá suporte, enquanto isso hoje o funkeiro ele tem um valor se ele tiver com um político influente, hoje o funkeiro só tem valor se ele tiver um amigo da autoridade influente, hoje o funkeiro da antiga mesmo provando para as autoridades que não é local próximo de tráfico, mesmo falando que o evento é beneficente, a viatura chega lá e acaba com um evento. Porque para você fazer um evento de funk atual junto a todos os órgãos competentes é inviável no estado do Rio de Janeiro. Por que você precisa de nada opor do batalhão, pegar a liberação com o comandante, 45 Dias antes, pra começar a dar entrada neste papel, na semana do evento saber se o comandante dormiu bem com a esposa dele para poder liberar o evento, bombeiros, o conselho tutelar, aí se tiver que fechar a via pública se for tumultuar o trânsito tem que comunicar a Secretaria de postura da prefeitura. Aí chegando lá que eles querem saber se você está com algum político e eu digo não, não tenho político não, estou fazendo assim assim assim assim, então você vai ter que ajudar fulano de tal, se não a postura não funciona e a gente bem sabe que tem um jeitinho brasileiro. Isso sim que funciona no estado do Rio de Janeiro. (E1, São Gonçalo)

O legado da violência nas festas funk, que eram promovidas nos anos de 1990 pelos empresários donos de equipes de som, deixou um rótulo sobre a face desta parcela do funk. Ainda que a boa vontade de cumprir com as burocracias sejam buscadas, as “resenhas” podem ser encerradas pela vontade da polícia a qualquer tempo, principalmente se não houver laços políticos ao lado de quem pretende promover o evento. Podemos perceber que os organizadores que promovem as festas, seguem com olhares diferentes no que diz respeito a necessidade de conseguir êxito para liberar suas festas.

Ao considerar o olhar dos entrevistados sobre as resenhas, em relação ao funk das antigas, podemos perceber certo orgulho nas palavras das pessoas - que em sua maioria - citam o seu nome ou apelido, seguido do nome da sua comunidade ou fazendo referência ao bonde/galeras que a representavam no passado.

Vejamos:

(...) Eu sou (E4) do Castro. *Referência ao Morro do Castro, comunidade de Niterói)

(...) Eu sou (E10) do “bonde dos carrascos” (Referência aos laços de união entre as comunidades da Nova Brasília e Morro do Castro em Niterói)

(...) Eu sou (E11) Da Vila Agra (Comunidade de Niterói)

(...) Eu sou (E28) Do “bonde da realidade” (Comunidade da Boa Vista em São Gonçalo)

(...) Eu sou (E2) da Estrela do Norte e Mutuá (Bairros de São Gonçalo)

A partir das apresentações dos entrevistados podemos constatar que a recuperação do passado por meio das “resenhas”, segue conferindo certo sentimento de respeito aos participantes que não veem somente a si, mas operam pela lógica de seus respectivos coletivos e territórios dos quais fazem parte. Algo que permite rememorar o passado na presente configuração.

Todos estes elementos que trouxemos para construir a hipótese colaboram para que se perceba que há uma espécie de rede de proteção, seja do passado ou estabelecendo novas maneiras de se articular no presente. A confiança seria o mecanismo que vai mantendo a vida e todas as relações em movimento. O sistema que alimenta as crenças naquilo que se deve defender, pactuar ou dividir se deve a sentimentos de fidelidade, algo percebido ao longo das observações e pesquisas.

O trabalho se desdobra em quatro capítulos. No capítulo I nomeado de Metodologia e Dados, buscamos apresentar os interlocutores que colaboraram por meio de entrevistas e tocamos no ponto sensível que envolve a nova configuração do funk carioca: os “guerreiros das antigas”. Apresentamos quem são os atores, como também revelamos como se dão as festas dentro do novo formato iniciado em 2015. No capítulo II desprendemos as análises para a compreensão das relações entre Estado e favela. Para tanto desdobramos esta seção em três partes que buscam sistematizar a) o território da favela em constante disputa, b) a complexidade da violência urbana c) e por último um balanço de memória envolvendo Funk, Estado e Poder Paralelo. No capítulo III abordamos a história do funk, desde os famosos “bailes da pesada” até as “resenhas”. Para uma melhor compreensão tratamos também dos temas dos “bailes de corredor” versus os “bailes de favela”, intencionando jogar luz nos processos que o gênero funk foi passando desde a sua chegada e aderência pelo público periférico. Por último, no capítulo IV, fazemos um mergulho no trabalho de campo com a finalidade de jogar luz naquilo que acontece por dentro das “resenhas” e trazer a informação ao conhecimento de todos. A partir deste esforço, foi possível tratar de conhecer desde a estrutura dos bailes dos anos

1990 até as “Resenhas” ou Bailes das antigas. As considerações finais tratam de analisar a questão do funk das antigas como resistência de um movimento subalternizado, trazendo os elementos que o circundam para uma melhor compreensão do tema tratado ao longo dos capítulos.

2 CAPÍTULO I: METODOLOGIA E DADOS

A partir de técnicas qualitativas pretendeu-se recuperar como os bailes funk de corredor, que se associavam a condutas que valorizavam fortemente o território de onde vinham e moravam os participantes e a certos valores caros à honra pessoal, se reconfigurou como funk das antigas por meio de células que organizam todas as comunidades e favelas espalhadas pelo Rio de Janeiro. A estratégia metodológica da pesquisa usou de referências com evidências coletadas a partir da Observação Participante (OP), Observação de Campo (OC), entrevistas e conversas com os grupos de discussão que integram e organizam as “resenhas” ou bailes das antigas. A Estratégia de uso da Metodologia Qualitativa irá se valer de técnicas diversas de obtenção de dados, seguida de observação etnográfica das festas "funk das antigas".

Gostaria de frisar que este trabalho também está pautado em entrevistas gravadas em roda de conversa (na ocasião no Clube Mauá de São Gonçalo), observações via redes sociais e conversas formais e informais seja em “resenhas” visitadas ou, desde o início de 2022 via canal de WhatsApp. Valendo destacar que o sucesso para o estudo passou pelo desafio da minha autodeclaração enquanto funkeira, que precisou ser aferida pela diretoria em meio a reuniões presenciais e aceita pelos demais integrantes que variam em local, idade e perfil (frequentadores, diretores, DJs e artistas). Isto por que fazê-los falar e falar as verdades, não foi tarefa fácil.

A desconfiança foi dissipada quando a maioria do grupo confirmou que se tratava de um trabalho acadêmico e, em algumas ocasiões, pude reforçar que não tinha relações com partido ou políticos. Foi necessário argumentar que não pretendo lucrar, inclusive, e que não havia finalidade de prejudicá-los. Tal feito, foi possível porque fui aceita por uma maioria que precisou me conferir a legitimidade de favelada e funkeira que estudou e almeja registrar nossa história pelo lado de dentro. O que não foi suficiente, até eu dividir minhas histórias e experiências pessoais que foram vividas nos bailes funk

de corredor. Uma percepção que foi deferida quando os participantes também corroboraram ao lembrarem e concordarem com tais acontecimentos vividos no interior do corredor e fora dele, a título de exemplo temos a sociabilidade da época e como ela era sentida por quem frequentava. Além de tudo isso, também foi preciso que eles constatassem que alguns diretores já me conheciam e, a partir disso, assinaram a respeito da minha história e pessoa.

Neste universo de sociabilidade, o comum é vermos a história do funk e da favela ser contada por quem detém poder. Não se sentindo representados pelo que falou a rede Globo, jornais, trabalhos feitos por pessoas que nunca integraram o movimento ou pisaram na favela, o grupo tornou-se fechado e desconfiado. O que demos a eles foi o poder de contar a sua própria história, algo que para eles é inédito. Uma história contada de dentro para fora e não mais no sentido inverso. Romper com a tradição dos homens letrados como narradores capacitados foi a maior causa da aceitação. Se comunicação é poder, eles estão exercendo a força enquanto este trabalho é desenvolvido.

O grupo não vê com bons olhos os pesquisadores, que para eles são curiosos de gabinete ou academicistas. Nas falas dos entrevistados, percebe-se que há certa intolerância para a questão da educação que para eles não é forte aliada. Trago este dado a partir de uma conversa em que um entrevistado usa o termo “cabecinha de estudante”. O discurso político atual, que chegou pelas vias da extrema direita, segue inflamado de negacionismo e é ampliado pela falácia da meritocracia. Tal fato alcançou pessoas esforçadas e de bom caráter, que pensam ter vencido a pobreza e as desigualdades sociais seculares impostas ao povo mais pobre ao ver que algumas pessoas ascenderam socialmente. Resumindo, acredita-se que a favela venceu. De fato, a favela tem feito um ruído. A vitória de alguns acaba por representar, segundo eles, a vitória do coletivo que conhece por dentro o que é a derrota.

A principal reunião, ocorrida no clube Mauá de São Gonçalo no dia 30, de março, de 2023, foi gravada e está disponível para ser acessada via link nos anexos desta pesquisa. As perguntas seguiram um roteiro programado, contudo, ganhou proporções que enriqueceram temáticas que podem abordadas em momentos futuros. O roteiro em questão, está disponível nos anexos deste trabalho. Ademais esta principal entrevista transcorreu como uma conversa em que uma pergunta determinada foi levantada e teve a colaboração da resposta de cada integrante presente. A primeira parte se concentrou em uma breve apresentação individual, na qual cada um deveria abordar também sua

trajetória de vida e suas principais experiências no universo funk. Modelo que colaborou, ao final das apresentações, para que novos elementos aparecessem e pudessem ser discutidos na roda da conversa. O modelo favoreceu para que todos ficassem à vontade para se posicionar em outros temas, que foram surgindo a partir da fala daquele participante.

A confiança de obter informações sinceras me foi dada, não enquanto pesquisadora (que é entendida como curiosa), mas quando provei para eles que eu estive, de fato, na história do corredor. As informações que aqui trago, não foram fáceis. Precisei conseguir reunir as principais figuras da cúpula dos diretores das maiores células que são: as do GDA, G2D e UDN, figuradas nos territórios das cidades de Niterói e São Gonçalo.

2.1 Apresentando os interlocutores a partir das entrevistas

A tabela abaixo apresenta os interlocutores. Houve o cuidado de optar por manter o anonimato de cada um, visto que esta pergunta foi feita e alguns não se sentiram confortáveis para expor suas identidades. O modelo da tabela trazida inspirou-se no trabalho da Raquel Lima (2020). O debate teórico apresentado ao longo do texto esteve em diálogo com a fonte de informações obtidas através de entrevistas em profundidade, realizadas com um grupo de 28 pessoas, em sua grande maioria negra e residentes de comunidades carentes (favelas) das regiões de Niterói e São Gonçalo (siglas SG e NIT). Somente uma pessoa foi entrevistada respondendo pelo município do Rio de Janeiro, sendo este o Presidente e fundador oficial da Gestão Duas Vezes Inteligente (G2D). Todas as demais pessoas respondem pelos municípios de Niterói e São Gonçalo. Bem como a maior parte dos colaboradores, são homens. A empiria do trabalho, apoiado em largo material de coleta de dados, submeteu perguntas abertas aos participantes que geraram ricas discussões sobre variados temas e está disponibilizado nos anexos deste trabalho.

ENTREVISTADOS

TABELA
1

Entrevistado	Sexo	Idade	Raça	Local	Função
--------------	------	-------	------	-------	--------

E1	M	41	NEGRA	SG	ARTISTA
E2	M	48	BRANCA	SG	COORDENADOR G2D
E3	F	49	BRANCA	SG	G2D
E4	F	43	BRANCA	SG	EX COORDENADORA
E5	M	44	BRANCA	SG	COORDENADOR GERAL G2D
E6	M	44	NEGRA	RJ	PRESIDENTE G2D
E7	M	50	NEGRA	SG	COORDENADOR G2D
E8	M	44	NEGRA	SG	EX REPRESENTANTE
E9	F	44	NEGRA	SG	FREQUENTADOR
E10	M	45	NEGRA	NIT	DESIGNER
E11	M	43	NEGRA	NIT	COMUNICAÇÃO E MÍDIA
E12	M	48	BRANCA	NIT	PRESIDENTE GDA
E13	M	51	BRANCA	NIT	VICE-DIRETOR GDA
E14	M	53	NEGRA	NIT	EX COODENADOR GDA
E15	M	42	BRANCA	SG	PROMOTOR DE EVENTOS
E16	F	47	NEGRA	NIT	MC
E17	F	43	NEGRA	NIT	ARTISTA
E18	M	42	NEGRA	NIT	FREQUENTADOR
E19	M	48	NEGRA	NIT	FREQUENTADOR
E20	M	44	NEGRA	NIT	ARTISTA
E21	M	42	BRANCA	NIT	EX DIRETOR GDA
E22	F	49	BRANCA	SG	FREQUENTADOR
E23	M	47	NEGRA	NIT	ARTISTA
E24	F	43	NEGRA	NIT	FREQUENTADOR
E25	M	48	NEGRA	SG	FREQUENTADOR
E26	M	45	NEGRA	SG	FREQUENTADOR
E27	M	43	NEGRA	SG	FREQUENTADOR
E28	F	41	BRANCA	NIT	FREQUENTADOR

	TABELA 2	
	RESENHAS VISITADAS	
FORMATO DO ENCONTRO	FAVELA	LOCAL
BAILE	COMUNIDADE DA BRASÍLIA	NITERÓI
RESENHA	COMUNIDADE DA BOA VISTA	SÃO GONÇALO

2.2 Sobre os Guerreiros das Antigas (GDA)



A ANF GDA (Associação Nacional de Funk Guerreiros da Antiga), nasceu de um coletivo de amigos que se reuniu em 21 de janeiro de 2015 com a intenção de relembrar os bailes funk das décadas de 1980 e 1990. Diante do sucesso dessa reunião, esses amigos resolveram expandir a abrangência dos encontros e trouxeram mais adeptos do movimento no intuito de retomar o conceito do funk.

Entretanto, com um viés bem diferenciado, prezando a união entre as comunidades e assistência social aos mais necessitados. Após um período de aproximadamente 4 anos de tentativas, acertos e erros o Coletivo Guerreiros da Antiga, passou a ser referência nesta modalidade cultural de funk, e hoje, congrega mais de 90 comunidades espalhadas pelas cidades de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Rio Bonito e Maricá. Diante do crescimento exponencial do Coletivo Guerreiros da Antiga, surgiu a necessidade da legalização de suas atividades e a partir de 23 de maio de 2019, é fundada a ANF Guerreiros da Antiga, que tem como escopo de trabalho, a promoção cultural com respeito a legalidade, diversidade, entrega de oportunidades e assistência às comunidades integrantes de sua base territorial. Com o passar do tempo, a ANF GDA (Associação Nacional de Funk Guerreiros da Antiga), entendeu que poderia junto com parte da sua equipe, difundir o desejo de realizar mais projetos sociais. Nasce com isso a ideia de se criar uma teia de solidariedade, fazendo surgir o Projeto Guerreirinhos da Antiga, cujo propósito e trabalhar diretamente com as ações sociais. O Projeto Guerreirinhos da Antiga, até hoje conseguiu realizar ações sociais em diversas comunidades de Niterói e São Gonçalo, levando cestas básicas as famílias que passavam por momentos de insegurança alimentar, fazendo doações de roupas, agasalhos e alimentos a moradores em Situação de rua e a moradores oriundos das "cracolândias" de Neves e Favela da Coruja em São Gonçalo, além de Madureira. Os recursos utilizados pelo Projeto Guerreirinhos da Antiga, em sua grande parte, são recursos financeiros dos próprios diretores do Projeto, de alguns poucos apoiadores, além de pessoas comuns, simpatizantes com o propósito do Grupo. (Diretoria do GDA.)

A Associação Nacional de Funk Guerreiros da Antiga (ANF/GDA) foi criada em 2019 com sede na Rua da Conceição, Centro de Niterói/RJ. O objetivo foi legalizar o escopo do trabalho e a promoção cultural, tendo em vista que os grupos já encontravam dificuldades em reunir-se e com isso precisavam buscar apoio ou parcerias que pudessem ajudar na causa.

O registro foi realizado com a intenção de conseguir realizar os encontros de forma legal, tendo em vista que a polícia chegava e dava fim às reuniões. Mais ainda, ter o CNPJ,

para eles, reforça a seriedade da causa. Com uma equipe de pessoas que reúne os mais diversos cargos, tais como: designer gráfico, contador, advogado e até equipe de som, todos fazendo parte da comunidade, as “resenhas” tem sido um fato de largo acontecimento. Isso se prova quando recentemente, em 2023, o entrevistado (E10, Niterói), em nome do GDA, junto com a União de Niterói ou (UDN), foi levado à rede Globo de televisão para falar sobre tais acontecimentos. A grande imprensa do Rio de Janeiro mostrou alguns integrantes e organizadores, suas bandeiras, o gênero musical que trabalham e levaram o nome funk das antigas, para frisar a recuperação histórica em curso.

A matéria ³visa informar que o baile das antigas virou patrimônio cultural imaterial do Rio de Janeiro, misturando funk, soul e charme. Muito embora não tenha sido informado que se trata dos componentes do baile de corredor na frente de todo este trabalho, para o movimento este foi um grande ganho para quem está buscando conferir seriedade e respeito ao que está sendo feito. A matéria primeiro explora imagens de um baile antigo, mostra o “trenzinho ou mulão”, dá foco nas vestimentas e nos passinhos que aconteciam nos antigos bailes de final das décadas de 80 e início de 90. Na sequência, mostra uma quadra localizada em Niterói onde os atores, mais velhos hoje e trajados das suas camisas de galera, ensaiam um passinho enquanto no fundo a rede Globo toca uma montagem (não de galera).

A reportagem diz que os bailes das antigas marcaram gerações, enquanto o presidente da associação dos bailes das antigas, vinculado ao grupo União de Niterói ou UN, confirma que se trata da recuperação daquilo que aconteceu entre 80 e 90 e diz que as galeras se reúnem para curtir um funk de boa qualidade e na paz. A deputada Verônica Lima (atualmente do Partido dos Trabalhadores) diz que esta é uma manifestação cultural da periferia e da favela, também frisa que muitas vezes o povo pobre e trabalhador não tem grana para acessar equipamentos na zona sul ou no centro da cidade. Um representante da equipe HotMusic em dado momento diz que o que toca são: funk, melody, rap, rasteiro e montagens. Quando o DJ diz que tocam montagens de galera, aproveita para justificar que as vezes tem que tocar. Esse ponto reforça que o entrevistado, diante da imprensa, possui receio quanto aos preconceitos que podem surgir caso afirme que o ponto crucial são as montagens. São as mesmas montagens que antes geravam os

³ BAILE das antigas vira patrimônio cultural imaterial do Rio: Sucesso nas décadas de 80 e 90, baile mistura muito funk, charme, soul e rap. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/baile-das-antigas-vira-patrimonio-cultural-imaterial-do-rio-11986749.ghtml>. Acesso em: 19 fev. 2024.

conflitos, somadas a algumas outras novas, todas de galera, mas agora só geram o reforço pelo saudosismo e aumentam o respeito recíproco entre os componentes.

Aproveitando o ciclo da matéria, que durou pouco mais de três minutos, o MC Rony canta um rap de galera: “Moro em São Gonçalo, gosto de Niterói, curtimos bailes do Rio, Fazenda somos nós.” Aqui o MC pontua um saudosismo que agora voltou a ser sucesso, não por conta da mídia, mas pelo esforço dos organizadores. O vice-presidente da União de Niterói, Fernando Bocaiuva, reitera que há crianças no seio dos eventos e eleva o discurso para dizer que há pessoas com até 70 anos de idade. O quadro fecha com um “mulão” gritando: O baile é nosso!

Na exposição dos relatos dos entrevistados e de outros materiais coletados, os eventos começam à luz do dia e possuem hora para terminar. Para os organizadores é muito importante que haja ênfase de que eles não possuem relação com o tráfico local e que os eventos têm como marca o emblema da família. Inclusive, toda reunião também é integrada por um público infantil: são os “guerreirinhos”. Nas “resenhas” os guerreirinhos encontram brinquedos, lanches, churrasco e lazer. Além de tudo isso, há a marcação de um cunho social, pois o ingresso é um quilo de alimento não perecível que é convertido em cestas básicas distribuídas para a população do entorno. Cada evento promovido aquece a economia local e acaba por gerar empregos indiretos, o que também é uma forte marca do movimento.

A gente tem uma agenda com centenas de bailes durante o ano e cada baile desse movimenta uma economia tanto dentro da comunidade, quanto do entorno. Porque o cara vai fazer um baile, então ali já é uma divulgação e vai vender bebida. A Tiazinha que está ali vai investir o dinheiro, para vender na própria comunidade, o produto. A fábrica vai produzir camisas, vestidos e tal. A manicure vai fazer a unha, o barbeiro vai cortar o cabelo... olha quanta gente acaba dependendo diretamente do funk. (E10, Niterói).

Logo, as “resenhas” tornam-se parte da forma de vida material de toda a comunidade. Seus organizadores, usam como estratégia do evento essa importância de não cobrar ingresso, ou o fazem de forma simbólica a 5 reais, paralelamente promovem a doação de alimentos para comunidade local. Isto não apenas chama atenção para as “resenhas”, mas colabora para a legitimação do evento e dos organizadores frente à comunidade e à sociedade como um todo.

Na ocasião do texto destacado no início deste capítulo, pela diretoria do GDA, foi apresentado a um candidato à câmara dos vereadores em São Gonçalo/RJ, que prometeu

apoio à causa. Entretanto, após sua eleição a importância do movimento deixou de ser sua prioridade. Como vimos no texto de apresentação disponibilizado, somente a célula dos GDA's são responsáveis por administrar um vulto de 92 comunidades, número que pode ter sido suficiente para eleger o então candidato ao cargo pretendido.

O grupo da antiga que consegue fazer mais bailes a nível Estado do Rio de Janeiro e nos 92 municípios de SG e Niterói, se chama G2D (gestão inteligente). É um grupo que eu acredito que seja legalizado por algum deputado estadual ou federal que não coloca o bigode para não ter o seu mandato cassado. Essa empresa consegue gerir documentações para todo o estado do Rio de Janeiro, mas só para as galeras que são filiadas a eles. G2D é um grupo que surgiu depois do (Guerreiros da antiga). Só que eles têm um aval estadual, para que você me entenda então tem alguém da Alerj no bagulho que não bota a cara, óbvio. Porque todas as documentações que saem desse grupo chamado GD2 o comandante aceita com mais facilidade. (E1, São Gonçalo)

Percebemos que há disputa política no interim das organizações e o G2D torna-se uma empresa que surge em concorrência ao GDA. No final das contas, quem consegue liberar os bailes junto ao batalhão, tem o sucesso garantido.

2.3 Sobre a gestão duas vezes diferente (G2D)



O nascimento da G2D: Criada por funkeiros que tiveram seus eventos embargados. Diante do ocorrido tivemos a ideia de registrar a empresa e assim legalizar os eventos do baile funk das antigas. A articulação se dá sempre sem fins lucrativos e com a ideia de somente liberar os eventos, com isso promover também as ações sociais. A G2D compõe, só no estado do Rio de Janeiro, 392 comunidades entre elas algumas bem grandes como: Complexos, Comunidades e bairros (Galeras). Todas fazem parte da G2D. Algumas tentativas políticas geraram certo desconforto em algumas outras células, e no interior dessas células chamadas de “células politizadas” há certa dificuldade de liberação para o desenvolvimento de alguns de seus eventos. Tendo em vista toda essa burocracia e pensamentos distintos, que a G2D surgiu com mecanismo facilitador de forma gratuita em prol do Movimento Funk das Antigas. Até porque é uma empresa composta por 100 % de funkeiros. Assim representando a nossa cultura na raiz. (E5, Diretoria G2D.)

Foi neste cenário, que acabou abrindo ainda mais o mercado para o movimento funk, que nasceu a UBA ou União do Baile das Antigas, administrada pela G2D ou Gestão Duas Vezes Diferente. Esta nova direção, informa que teve como princípio não admitir ou diminuir a influência política no interior do movimento. O coletivo fez uma reunião geral para poder dividir a parte burocrática, que ficava concentrada mais na capital do RJ. Sua sede está registrada legalmente no Castelo, Centro do Rio de Janeiro. A empresa conta com inscrição e registros em todos os setores dos Órgão Públicos Estaduais, segundo a sua diretoria. A partir daí, a empresa G2D abriu Núcleos na Baixada, Zona Oeste, Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Rio Bonito, Maricá, Região dos lagos, Região Sul Fluminense, Leste Fluminense, Costa Verde e Região Serrana. O vulto, ainda maior, corresponde a organização de eventos em um total de 392 comunidades, segundo relata o diretor geral da G2D Leste Fluminense e colaborador desta pesquisa (E5).

Este novo movimento mostra como o funk segue sendo capaz de se reinventar e canalizar a voz das favelas, com seus sujeitos expressando dores e valores por meio de sua cultura. Cultura essa que segue com resiliência frente a perseguições constantes.

Integrantes dos coletivos narram que são recorrentemente criminalizados e ainda encontram muitas barreiras para promover seus encontros. Contudo, mesmo habitando o olho do furacão, o funk vai seguindo na contramão do controle colonial. Para alegria de muitos, por meio dos “batidões”, a cultura funk continua como um rio em curso que busca desaguar em sua tão sonhada liberdade. Segundo a diretoria do G2D, algumas tentativas políticas geraram certo desconforto em algumas outras células, e no interior dessas células chamadas de “células politizadas” há certa dificuldade de liberação para o desenvolvimento de alguns de seus eventos.

Conforme aponta (E5, São Gonçalo): “Células políticas” são aquelas influenciadas por alguma figura política”. Tendo em vista toda essa burocracia e pensamentos distintos, que a diretoria do G2D diz ter surgido com mecanismo facilitador gratuito e em prol do Movimento Funk das Antigas.

A direção das duas empresas informa que a agenda dos bailes, hoje chamados de “resenhas” ou baile das antigas, é cuidadosamente montada e registrada com a antecedência de um ano, gerando inúmeros encontros oficiais e outros extraoficiais. Isso foi percebido enquanto observava-se que há bailes organizados pela GDA, outros pela G2D (sua maior concorrente) ou por qualquer outra diretoria autorizada que pode formar

laços para o desenvolvimento do evento ou não. A promoção das festas já ocorre de forma certa e recorrente em todos os finais de semana em favelas espalhadas pelo Rio de Janeiro.

2.4 Organizações das “Resenhas”

Atualmente as organizações das “resenhas” do lado Leste Fluminense contemplam, além de GDA e G2D que são as maiores, outras várias diretorias que também concorrentes, organizam as suas festas de maneira independente. Suas siglas são muitas, contudo, localizamos interlocutores oriundos das células:

- RESISTÊNCIA FUNK
- UZO - UNIÃO DA ZONA OESTE
- UN - UNIÃO DE NITERÓI
- URM - UNIÃO DA REGIÃO METROPOLITANA
- LENDÁRIOS - ITABORAÍ
- UNIÃO SEM FRONTEIRAS
- UBA - UNIÃO DO BAILE FUNK DA ANTIGA
- GDA - GUERREIROS DA ANTIGA
- G2D – GESTÃO DUAS VEZES INTELIGENTE

Nas palavras do entrevistado:

Uma vereadora lá, que é a Verônica Costa. Ela não bota o bigode dela, não bota os lindos cabelos dela, loiros, na reta para ninguém. Ela ajuda muita gente, mas quando se trata de funk, a mãe loura só promove o que é dela, na high society dela. E não fala nada e nem está nem aí porque não precisa mais do funk. Ela tem a empresa dela, que é furacão 2000, que é uma marca consolidada e sólida no mercado mundial do funk. Então a furacão 2000 pode tocar em qualquer lugar e onde ela quiser, mas para os outros é muito difícil. Aí é que tá. Quando hoje você entra e cita a **G2D**, que é a gestão inteligente, consegue liberar baile em todo o estado do Rio de Janeiro. Quando sai um documento de lá dessa empresa, chamada **G2D**, qualquer comandante “peida baixinho” aqui no nosso jargão popular. (E1, São Gonçalo)

Segundo (E1), a empresa G2D, “misteriosamente”, consegue alvará com mais facilidade. Há a percepção de um esforço coletivo entre os funkeiros, para que ambas as empresas maiores (GDA e G2D) administrem suas festas em datas que diferentes. Inclusive há “resenhas” em que as duas empresas organizam de forma conjunta. A equipe Furacão 2000, percebendo o vulto do movimento, por meio da figura do Rômulo Costa,

já tenta emplacar bailes com o slogan: das antigas. Contudo, não tem obtido muito sucesso. A hipótese é que a organização ter crescido a ponto de o público mais fiel entender que não foi por esforço dos empresários que poderiam fazer algo, mas não quiseram. Percebe-se que a própria comunidade tem dado preferência para as equipes de som que tem nascido da própria favela. Afinal, conhecer o Dj confere prestígio, uma vez que será ele o responsável por falar o nome do antigo guerreiro lá no microfone, o que vai pontuando e deixando acesa a ainda necessidade de firmar respeito entre os demais.

O Dj mais presente nas reuniões e em 90% de todas as “resenhas”, sejam elas de quaisquer células (controladas pelo GDA ou G2D), é o Dj Canibal. A própria equipe Furacão 2000, já o procurou querendo contratá-lo e o fato foi constatado por meio das redes sociais que também está servindo de veículo observador. No entanto, o Dj em questão fundou sua própria equipe. A empresa Furacão fez o convite para que ele tocasse em um evento e ele aceitou, o que não significa que ele esteja a serviço exclusivo dela. Na festa, o maior influenciador é o Dj e a empresa Furacão já entendeu o novo cenário.

Atualmente os diretores de galera que organizam suas festas e contratam a equipe de som que preferem e não mais o inverso. Isto significa que se uma galera for fazer uma “resenha” ou baile da antiga, o diretor representante daquela comunidade irá buscar contato com a equipe de som que ele quiser e pagará para usar as caixas de som, bem como escolherá o Dj. Descentralizou-se o poder antes concentrado nas mãos dos grandes empresários e o favelado decide quem será a atração e como se dará a festa. Nas redes, vê-se que o diretor da G2D e o DJ canibal são os maiores influenciadores deste momento específico do funk e não são inimigos, são apenas bons concorrentes nesta cena.

Percebe-se em conversa com os entrevistados, que o termo “baile funk” carrega um sentido tão estigmatizado e perseguido pelas autoridades policiais, que o nome “resenha” (que significa reunião, na acepção de seus participantes) foi dado a alguns encontros de galeras atuais. Os entrevistados, quando questionados, disseram que se um jovem de hoje citar que vai ao baile, o destino já consiste em ir a um evento promovido pelo tráfico de drogas ou “baile de favela” e isso ocorre por falta de opção deste mesmo jovem poder curtir um evento em um local que não exponha a sua vida. Não falar baile é uma forma de fuga, a não ser que se pronuncie: baile das antigas. É justamente assim que eles vão deixando a sua marca.

Nas palavras do entrevistado (E10, Niterói):

Tem gente que nunca pisou eu tal lugar. Eu estou falando fisicamente porque dentro de uma cidade caótica, dentro uma guerra urbana, você ser cerceado por não conhecer, você finca uma bandeira da paz real no lugar.
(E10, Niterói)

Chamar de “resenha” e não de baile funk nos parece ter sido um mecanismo encontrado para diferenciar os encontros promovidos pelos funkeiros das antigas que possuem a intenção de não serem confundidos com traficantes. Ou seja, não querem que acreditem que suas festas por serem na favela, sejam confundidos com ditos “bailes de favela”. Mesmo assim, há casos em que a polícia chega e dá fim ao evento de forma súbita, sob o pretexto de ser um encontro ilegal ou patenteado pelo tráfico, conforme relatam nossos entrevistados.

Atualmente não foi observado no Rio de Janeiro nenhum clube promovendo bailes funk dentro desses moldes, salvo quando a articulação parte da premissa de ser uma “resenha” organizada pela diretoria que responde ao funk das antigas, que também enfrenta as suas dificuldades. A maior parte das “resenhas” acontece em lugares públicos ou em escolas que emprestam o seu pátio. Organizar um baile num clube importante ou em locais públicos, segue sendo muito difícil em virtude das burocracias colocadas ao funkeiros. A dificuldade se mostra pelo alto valor que lhes é cobrado pelos clubes, o que se torna algo que colabora por inviabilizar a festa, ou pelas proibições ilegais sob a luz da própria lei que assegura tais encontros, com ressalva no artigo 5º, XVI, da Constituição Federal.

O Clube Mauá de São Gonçalo reuniu milhares de pessoas quando conseguiu promover um dos primeiros bailes da antiga em 2020, promovido não pelos funkeiros diretamente, mas com o apoio da Equipe Pips. Um pequeno vídeo, com uma parte do evento, foi filmado e está disponível na plataforma do Youtube⁴. Observa-se nas imagens que não há nenhuma briga e o teor das montagens, como centro dos sons, se confirma neste link também. Já o Clube Tamoio, em São Gonçalo, foi pioneiro e entregou duas festas no ano de 2015 quando tudo estava em seu início. Novamente quem conseguiu liberar a festa no clube foi uma equipe, desta vez a Las Vegas. Esses locais receberam funkeiros de toda a parte do Rio de Janeiro, pois existia a premissa das comunidades realizarem encontros de união ou de brigas e era isso que fazia com que qualquer

⁴ SUPER pips 4 no Mauá de SG. YOUTUBE, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GqB3-I1766g&t=22s>. Acesso em: 19 fev. 2024.

comunidade tenha visitado alguma outra em dado momento para curtir um baile funk. Inclusive a história do próprio “festival de galera” tem seu início nestes clubes, começando pelo Clube Mauá e seguido pelo Tamoio Futebol Clube no início dos anos 1990. Ainda que muito pouco tenha sido registrado dentro do ambiente acadêmico para confirmar algumas afirmações, muitos atores estão vivos e ainda inflamados com tanta história. Eles são a nossa principal fonte de informação.

2.5 Formato das “Resenhas”



Galeras reunidas no baile do inferninho, promovido pela União de Niterói.

Havia montagens de galeras que davam ênfase às roupas de marca, característica que pontuava certo respeito por quem conseguia ter condições materiais para comprar. Contudo, as entrevistas apontam que eles não andam mais de Cyclone. Se os anos 1990 foram agregando valor e enriquecendo muitos donos de lojas de roupas, conferindo valor pessoal aos funkeiros que vestiam tais marcas, o novo retrato revela um outro sentido. As pesquisas indicam que há uma outra realidade, a de uma economia chamada de paralela,

silenciosa, mas que já é gigante. Há uma liderança que mexe com a indústria têxtil. “Esse tecido furadinho era usado por poucos. É uma economia meio que paralela, mas uma economia real. Você gera emprego e eu sou um que trabalho cuidando dessa área (E10, Niterói).

A nova configuração do funk desenvolveu sua própria marca na qual toda a indumentária é desenvolvida no escopo das próprias comunidades, fomentando o mercado local. São vestidos, camisas e muitos outros acessórios que carregam nas estampas o nome de suas respectivas favelas por meio dos antigos laços de união.

O peso do respeito não depende mais da etiqueta de nenhuma loja de grife, mas da própria história que cada “galera” possui e das marcas que criam. Vestir roupas produzidas nas comunidades vai conferindo o devido peso do respeito adquirido ao longo do tempo desde os “bailes de corredores”. Foi observado que em todas as “resenhas” a maior parte das pessoas vão vestidas com um item correspondente à sua comunidade. Além disso, todas as comunidades possuem a sua bandeira, que é levada a todos os eventos como forma de sinalizarem de longe que são os funkeiros da antigas presentes no local.

Surge assim, uma nova configuração do funk carioca que tem marcado os finais de semana de milhares de pessoas espalhadas na atualidade. O formato das festas consiste no resgate dos raps e montagens que antes eram tocados nos famosos bailes de corredor. Contudo, agora há um novo visual marcado não mais pela violência, mas pela união entre as comunidades. Exemplos podem ser conferidos em pequenos vídeos espalhados pelas redes sociais⁵.

3 CAPÍTULO II: RELAÇÃO DO ESTADO COM A FAVELA

Problema tipo samba da Mangueira, que fala muito ao criador. Quem pintou essa aquarela livre do açoite e da senzala é preso na miséria da favela. A gente quer tirar justamente essas amarras. Mas é difícil. É difícil, a gente sabe disso e a gente tem toda essa admiração. Até pela história do nosso povo, por tudo

⁵ Referência disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/726358668259185>> Acessado em 17, de outubro, de 2023.

que a gente tem noção e sabe o quanto a favela sofre. Uma ponte de ligação entre a sociedade e todos aqueles problemas que existem numa favela. Esquecer... uma fuga. Esquecer e abrir uma porta de leve esperança. Mas é difícil. Mas a luta não pode parar. Tem a lembrança do nosso primeiro funkeiro, primeiro funkeiro do Brasil, foi Zumbi dos Palmares. (E21, Niterói)

Pensar a respeito da relação do Estado com as favelas, tema de grande amplitude, requer certo esforço uma vez que o tema é complexo e envolve múltiplas variáveis, nem sempre fáceis de pesquisar e com mudanças ao longo do tempo. narrativa.

Enquanto a grande mídia trabalha mostrando a violência ocorrida nos espaços da favela e lhe dá grande destaque, em paralelo e historicamente segue construindo a figura do sujeito marginal na pele de alguns indivíduos: “O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (Almeida; 2019, p. 41). Um comportamento midiático que direciona sua vertente a operar por meio da lógica racial, como apontou o atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvío de Almeida, em entrevista⁶ dada no ano de 2020: “A mídia naturaliza a figura do negro como marginal”. O Ministro, em entrevista, desenvolve o argumento embasando o racismo estrutural como principal causador da morte da população negra, sendo esta infinitamente maior do que a violência verbal. Para aumentarmos o debate, podemos também observar um outro balanço realizado pelo IBASE⁷, em 2022, que traça um retrato racial e nacional a respeito das favelas:

Com relação à composição em termos raciais e de gênero, 67% das pessoas que vivem em favelas são negras, 12% a mais do que a composição total de brasileiros e brasileiras, na qual o percentual é de 55%. Com relação ao gênero, 6,3 milhões de mulheres brasileiras vivem em favelas e 69% delas são negras. Portanto, é legítimo afirmar que favelas são territórios essencialmente negros onde prevalece a presença de mulheres negras. (IBASE, 2022).

⁶ SILVIO Almeida: "A raça é um elemento de naturalização da morte": Durante entrevista ao programa 'Roda Viva', o jurista e pesquisador do racismo também disse que a mídia naturaliza a figura do negro como marginal. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-06-22/silvio-almeida-a-raca-e-um-elemento-de-naturalizacao-da-morte.html>. Acesso em: 19 fev. 2024.

⁷ IBASE (BRASIL). IBASE. Favelas – uma condição urbana de caráter nacional. In: Favelas – uma condição urbana de caráter nacional. IBASE, 2022. Disponível em: <https://ibase.br/favelas-uma-condicao-urbana-de-carater-nacional/#:~:text=Com%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20composi%C3%A7%C3%A3o%20em,%2069%25%20delas%20s%C3%A3o%20negras>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Poderíamos tratar da favela abordando a precariedade dos serviços públicos, que são caros à sobrevivência. Ou mesmo poderíamos falar sobre o projeto do estado capitalista, que segue exercendo sua função interessada em fazer a manutenção da falta de políticas públicas e com isso mantém viva a pobreza. Contudo, queremos dar foco para as consequências que a administração de tal abandono produz sobre a população negra, que é a mais afetada. Dentre todos os problemas, o agravante está na persistência do extermínio de boa parte desta população, que segundo a série sobre os mapas da violência, também é a que mais morre, como aponta o trabalho de Julio Waiselfisz (2007).

Queremos fazer uma relação a partir de quem leva a violência, entendendo que o abandono do Estado é um tipo de violência. Afinal de contas, a precariedade dos serviços, de certa forma, também violenta a dignidade e a qualidade de vida das pessoas que dependem de morar nessas localidades. Ou seja, o tipo de presença de Estado afeta mais diretamente os corpos favelados e negros. Deteremos o olhar sobre como as populações reagem ao acúmulo de violência física, moral e psicológica, sem perder de vista a maneira pela qual o movimento funk e os funkeiros vão sobrevivendo a tantos infortúnios ao longo da sua trajetória.

3.1 O corpo da favela em disputa

Com a intenção de remontar o surgimento do discurso que traz a favela para o centro e revela os elementos que a circundam, nos apoiaremos em estudos e dados que utilizaram deste objeto no âmbito das ciências sociais.

A obra desenvolvida por Lícia Valladares (2000), realiza um aprofundamento da sua história desde o seu surgimento. A autora aponta que os primeiros autores a se dedicarem a essa temática foram, em geral, jornalistas, cronistas, engenheiros, médicos, arquitetos, administradores públicos e assistentes sociais. Seus estudos enquadram o início do século XX até os anos 50, quando se inaugurou um saber oficial com a realização do primeiro Censo das Favelas da Prefeitura do Distrito Federal e do Censo Demográfico de 1950. Seu trabalho reforça: “Resgatar nossas heranças a partir das contribuições das gerações que forneceram as “chaves” para leituras e interpretações que só se tornaram verdadeiramente conhecidas a partir da institucionalização das ciências sociais” (Valladares; 2000, p.06).

Na revista O Malho, Oswaldo Cruz ostenta uma braçadeira com o símbolo da saúde no braço esquerdo e expulsa a população do morro da Favela com um pente onde se lê “Delegacia de Hygiene”. O morro da Favela é representado por um homem mal-encarado, com olhar de mau e de vadio. A caricatura vem acompanhada por um pequeno texto: “Uma limpeza indispensável; a Hygiene vai limpar o morro da Favela, ao lado da Estrada de Ferro Central. (Valladares; 2000, p.08)

O trabalho de Lícia Valladares (2000) emergiu de uma abordagem crítica aliada às ciências sociais. O arcabouço de dados históricos revela que a imagem da favela foi atrelada a adjetivos ruins, vindos de uma elite que esteve interessada em “limpar” um lugar que concentrava, em sua visão, vagabundos e criminosos. Mais que isso, a especulação imobiliária seguia à espreita de tais acontecimentos com a finalidade de lucrar. O Rio de Janeiro, enquanto capital do Brasil, disseminava para o restante do país sua definição de favela como algo endêmico: “Seguiu-se, naturalmente, a leitura da favela como doença, moléstia contagiosa, uma patologia social que precisava ser combatida” (Valladares; 2000, p.14). Tais discursos, como vimos anteriormente, partiam de alguns homens das letras. A capital fora apresentada como um corpo urbano que apresentava deficiências e precisava de intervenções.

A gênese deste processo, ou do próprio termo favela, ao longo do século foi sendo construída no imaginário coletivo, que segundo a autora, esteve em todo este processo permeado por tendências ideológicas, políticas e raciais. O resultado disso ainda se vê vivo no discurso atual da favela como um problema de polícia, da política ou da figura do favelado como culpado em toda essa disputa. Uma guerra que ao longo do tempo criminalizou os moradores de favelas: “Tornando-os o tipo ideal do Outro que precisa ser afastado a qualquer preço” (Menezes; 2019, p.531).

Enquanto o Estado controla e remove os corpos a seu bel prazer e busca culpados, quando lhe convém, também busca redesenhar a imagem castigada por vários episódios de violência que, automaticamente, alcançam e afetam o turismo na cidade e com isso geram impactos na economia. – “Façam aquarela da miséria colorida” - Foi com a finalidade de “melhorar” aquilo que se dizia sobre os espaços favelados, que no início dos anos de 1990, se iniciam passeios pagos pela favela.

Um ponto interessante neste quadro foi a missão que envolveu a conversão da experiência da pobreza em mercadoria turística, como aborda o artigo desenvolvido por

Palloma Menezes e Bianca Medeiros (2016). Na ocasião, se deu o projeto de pesquisa de nome: “Para ver os pobres: a favela como destino turístico”. Levou-se em conta as favelas da Rocinha e Santa Marta somado a entrevistas envolvendo donos de operadoras de turismo, moradores, turistas e suvenires de favela. Neste contexto, o Estado seguiu a serviço do atendimento a interesses públicos e privados e para além, o texto aponta: “Os esforços do Estado estiveram concentrados em oferecer ares de ordem e segurança” (Menezes e Medeiros; 2016, p. 651).

Na busca por uma definição mais apropriada, o IBGE organizou o "I Encontro Nacional de Produção, Análise e Disseminação de Informações acerca das Favelas e Comunidades Urbanas do Brasil" entre os dias 25 e 28 de setembro de 2023. Durante o evento, especialistas e representantes de diversos coletivos de favela foram convidados a colaborar na formulação de um novo termo oficial. O objetivo foi rever as definições ainda carregadas de estigmas e preconceitos a tais espaços. Uma reunião nacional, com presença diária de aproximadamente 80 pessoas, e assistido por outras centenas de outras que se interessam pelo assunto. De forma inédita, o IBGE ⁸se dispôs a discutir a mudança do termo “aglomerado subnormal” a partir da perspectiva de pessoas moradoras de favelas ou assentamentos populares. A ideia segue partindo da ótica de quem ali vive e não mais apenas pelo imaginário negativo já construído. Imaginamos que seja possível, a partir de iniciativas como essas, um futuro de desconstrução de alguns estereótipos que violam espaços e pessoas.

Enquanto o discurso sobre o que é a favela envolve inúmeros problemas a serem enfrentados, de forma muito complexa e atual, continua-se a saga que visa buscar uma definição que agregue mais valor e honra e menos preconceitos e humilhações. Os favelados seguem carregando estigmas ao mesmo tempo em que sobrevivem ou tentam sobreviver, a duas linhas de ação que seguem levando medo e terror: o tráfico e a polícia.

3.2 Complexidade da violência urbana

Até 1970 não se falava de violência urbana no Brasil, pouquíssimos estudos estiveram voltados para o tema da criminalidade conforme aponta o trabalho realizado

⁸ I Encontro Nacional de Favelas: IBGE promove evento para discutir e rever o conceito de aglomerado subnormal. [S. l.]: IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38042-ibge-promove-evento-para-discutir-e-rever-o-conceito-de-aglomerado-subnormal>. Acesso em: 19 fev. 2024.

por Michel Misse (2008). Uma narrativa fluía com naturalidade e frisava que por aqui as pessoas eram cordiais e o país era pacífico. Como se os séculos de escravidão no Brasil, um dos últimos países do mundo a aboli-la, estivesse superada: “Os bolsões da pobreza aumentaram com a vinda de descendentes de pessoas que foram escravizadas, sertanejos e filhos de imigrantes para o Rio de Janeiro e São Paulo” (Misse; 2008, p.372). Com isso as antigas favelas, de forma proporcional, aumentavam a sua pobreza já conhecida.

Apenas no final da ditadura Vargas e, portanto, após a Segunda Guerra Mundial, fez-se um esforço no sentido de integrar à cidade as populações urbanas marginalizadas, moradoras de favelas, grande parte delas migrante interna de outros estados do sudeste e do nordeste. Esse esforço, do qual participaram políticos populistas e parte da Igreja Católica, foi asperamente interrompido pela reação conservadora das classes médias urbanas que apoiaram, a partir dos anos 1960, as políticas de remoção das favelas situadas nas zonas nobres do Rio de Janeiro para a periferia urbana e, no plano político, apoiaram o golpe militar de 1964, que pôs fim ao populismo no Brasil. (Misse; 2008, p.373)

No balanço da violência urbana, tema tratado no trabalho desenvolvido por Michel Misse (2008), percebemos que houve um vácuo de espaço a respeito de estudos que estivessem concentrados e voltados para investigar o tema da integração das populações de favela (migrante interna do sudeste e nordeste) com a própria cidade.

Segundo sua pesquisa, isso se deu de forma acentuada somente ao final da ditadura Vargas e todo esse processo foi interrompido pela política de remoção das favelas que ocorre após o golpe militar de 1964. Seus estudos concluem que: “Eu situo o início da violência urbana brasileira exatamente no mesmo período em que surgem os primeiros esquadrões da morte no Rio de Janeiro, em meados dos anos 1950” (Misse; 2008, p. 375). Muito embora o autor não afirme categoricamente o ponto de o esquadrão da morte ser a única causa, seus estudos defendem que o seu surgimento indica o início do processo de acumulação violenta no Rio de Janeiro, que depois, espalhou-se por outras grandes cidades do Brasil.

De qualquer modo, havia se alcançado uma certa normalização e essa normalização dependia ainda de uma estrutura fortemente hierárquica, uma hierarquia de classes e de direitos efetivos onde cada um sabia, mais ou menos, o seu lugar. Como se dizia na época: cada macaco no seu galho! Esse era o país dos anos 1950. Um país hierárquico, tradicional, desigual, mas onde não havia ainda uma demanda forte de igualdade, onde não havia uma pressão por acesso a direitos, onde não havia também uma sensibilidade maior para a violência, que já estava ali, mas que ainda não era percebida como um problema. (Misse; 2008, p. 376)

O autor recupera o século 19 para enquadrar o que ele denomina de: “sistemático controle repressivo da polícia sobre as populações urbanas pobres”. Contudo, o trecho acima citado aumenta a nossa compreensão quando se traduz um Brasil que não via a violência como um problema, desde que esta, fosse operada por agentes entendendo o sistema hierárquico que envolve classes, direitos e toda a sorte de desigualdades. Para além, segundo o autor, neste dado momento não havia lutas populares ou pressões por direitos. Literalmente, “cada macaco no seu galho”.

Reforçando o estado do Rio de Janeiro como capital do país e o lugar no qual se concentrava todos os poderes, também estava a Rádio Nacional e os maiores veículos de comunicação, de modo que tudo que acontecia no Rio tinha uma enorme repercussão nacional. É nesse período que começam a aparecer, de forma frequente, situações de assaltos a mão armada e outros crimes como arrombamentos, assaltos a bancos e a residências e junto com isso a contravenção do jogo do bicho. Justamente neste período que se constrói a figura do “justiceiro” que nasce no imaginário social fabricado pela imprensa dos anos de 1960, segundo consta na obra do autor.

Seus estudos apontam que o “justiceiro” operava por meio da figura do EM ou esquadrão motorizado, também chamado pelas classes populares de esquadrão da morte. “O principal objetivo do esquadrão seria matar os “bandidos”: “bandido bom é bandido morto”, disse à imprensa um de seus integrantes, que anos depois seguirá carreira política no Rio utilizando essa frase em sua campanha eleitoral” (Misse; 2008, p. 377). A violência e a sede de eliminar o outro se alimentam e crescem, sistematicamente para todos os setores da sociedade, frente ao lento sistema judicial que favorece assassinatos generalizados praticados por agentes do exército, marinha e aeronáutica - principalmente - contra presos comuns e em plena ditadura, que já operava suas técnicas de tortura.

As técnicas de tortura, tão usadas tradicionalmente nos presos comuns, provenientes das camadas populares, sem que ninguém se interessasse em opor-se a essas práticas, passavam a ser agora aplicadas aos jovens de classe média e das elites políticas e intelectuais, causando comoção entre as famílias e fortalecendo a oposição política parlamentar, que sairá vitoriosa, contra o regime, nas eleições de 1974 e 1978, anunciando o fim da ditadura. (Misse; 2008, p. 378)

Como podemos perceber, o termo: “cada macaco no seu galho”, usado anteriormente como forma explicativa para enquadrar as classes sociais, se mostra vivíssimo. Isto porque a violência só começa a incomodar quando atinge os jovens de classe média e os jovens que compõem as elites políticas intelectuais. Ou seja, a violência

se mostra abertamente liberada desde que aplicada a corpos dispensáveis seguindo um sistema de “justiça” carregados de juízos de valor.

Esta naturalização da violência, que anda de mãos dadas com as desigualdades, chega a proporções máximas e, segundo o texto, atravessa vários níveis institucionais. Junto a esses níveis, acrescentou-se um sistema de crenças no qual aquilo que eu desejo para o outro não estará passível de acontecer comigo. Uma lógica que alcança uma ampla camada de setores sociais, que de cima para baixo, segue sendo operada por meio de julgamentos morais fabricados por esse jogo político e de classes onde as cartas de quem ganha ou perde, já estão marcadas. Como apontado bem no trecho: “alvos preferenciais” Alexandre Magalhães (2021).

Este legado violento, onde o Estado opera a partir de uma racionalidade militar que intenciona unificar e articular gestão urbana e gestão da ordem, faz com que a cidade seja tratada como um campo de guerra, como aponta Alexandre Magalhães (2021). Seus estudos versam que o controle violento pela parte do Estado, considerando a necropolítica instaurada no Rio de Janeiro, intensificou-se a partir da intervenção federal ocorrida no ano de 2018. Este acontecimento é crucial, segundo o autor, para o que ele define como: “A normalização da guerra como seu paradigma político” (Magalhães; 2021, p.2).

A guerra ao tráfico produz diversos e enormes efeitos, principalmente colaterais e perversos, como a intensificação da estigmatização dos moradores de favelas; a ruptura frequente de suas rotinas pela irrupção imprevisível de tiroteios no espaço público dessas áreas; a alta incidência de mortes intencionais e/ou acidentais de pessoas vinculadas ou não com o tráfico, seja durante confrontos com a polícia, seja porque acusadas de com ela cooperar; e o desenvolvimento de um profundo ressentimento com relação à atuação do Estado em áreas pobres, protagonizada pela performance policial violenta. (Grillo; 2013, p.06)

O trecho citado acima nos orienta para pensar um então “sistema de justiça” produtor de mortes físicas e psicológicas, operado por ações policiais arbitrárias, que seguem a colaborar para o fomento de ainda mais violências contra corpos favelados. Com isso as revoltas desta parte da população, emergem de forma simultânea conforme apontou Carolina Grillo (2019). Além de produzir revoltas e não diminuir a violência, este sistema corrobora para a aderência de uma nova construção social na figura do jovem que assume o seu papel de guerreiro: “Um “etos guerreiro” (Idem, 1994)”; [...] É sob o ângulo de enfrentamento à polícia que se desenvolve o chamado mundo do crime” (Grillo; 2019, p.69). Temos com isso um imaginário social onde se coloca de um lado o “justiceiro” (na figura da polícia), tendo como missão combater a “criminalidade”, e do

outro lado alguns jovens assumindo o papel de “guerreiro” como elemento valorizado dentro da hierarquia do tráfico, como apontado no trabalho de Machado da Silva e Palloma Menezes (2019). Nutridos pelo ressentimento e pelas marcas deixadas pelas ações letais da polícia, Carolina Grillo (2013), aponta:

Esses jovens pobres se dispõem a matar e morrer em troca de pífias recompensas materiais e para provar seu valor e seu ardor guerreiro, a que se referem como “disposição” – categoria nativa que congrega os sentidos da coragem de se expor ao risco de morte e a frieza necessária para não hesitar antes de agir (Grillo, 2013, p. 76).

Os esforços em torno de enquadrar o início específico da guerra urbana são diversos, mas a década de 1990 consegue explicar fatos de violência que foram marcantes ao se observar os exemplos das chacinas generalizadas. Um estudo analítico deste fato possui resultados apresentados em um relatório produzido pelo Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (2022). O estudo ⁹aponta: “Entre 2007 e 2021, foram realizadas 17.929 operações policiais em favelas na Região Metropolitana do Rio, onde 593 terminaram em chacinas deixando um saldo total de 2.374 mortos, que representa 41% do total de óbitos”.

Cinco chacinas, incluindo a trágica ocorrência em Acari em 26 de julho de 1990, na qual onze jovens foram assassinados, deixaram uma marca indelével na época e – segundo a imprensa, os corpos das vítimas jamais foram encontrados. Esse evento posteriormente deu origem a um legado histórico conhecido como “Mães de Acari”. O movimento das mães de Acari busca por justiça, frente a violência no Estado do Rio de Janeiro. Sua repercussão, internacional, foi apoiada pelo Le Monde Diplomatique Brasil e Radar Saúde Favela – Fiocruz. O saldo de mortes envolve também a chacina da Candelária, em julho de 1993, com oito jovens assassinados. Como resultado, seis menores e dois maiores morreram e várias crianças e adolescentes ficaram feridas. Segundo estudos realizados por associações ligadas à organização da Anistia Internacional, quarenta e quatro das setenta pessoas que dormiam nas ruas daquela região perderam a vida de forma violenta. Todas as vítimas eram pobres e negras, conforme

⁹ CHACINAS policiais. Grupo de estudos de novos Ilegalismos: Universidade Federal Fluminense, 2022. Disponível em: <<https://geni.uff.br/2022/05/06/chacinas-policiais/>> Acesso em: 07 de fev. 2024.

aponta os grupos GENI/UFF, RADAR SAÚDE FAVELA e CASA (IESP-UERJ) e o Dicionário de Favelas Marielle Franco¹⁰

Já o massacre ocorrido na favela de Vigário Geral, aconteceu na madrugada de 29 de agosto de 1993, quando a favela foi invadida por um grupo de extermínio formado por cerca de 36 homens encapuzados e armados, que arrombaram casas e executaram vinte e um moradores. Esta foi uma das maiores chacinas ocorridas no Estado do Rio de Janeiro e de 51 acusados, só um continua preso: o Ex-PM Sirlei Alves Teixeira. O caso chegou a ser julgado na Organização dos Estados Americanos (OEA) como crime contra os direitos humanos. Até aquela data, a chacina era considerada a segunda maior do Estado e ocorreu durante o segundo governo de Leonel Brizola.

Em 18 de outubro de 1994, as polícias Civil e Militar do Rio realizaram uma incursão na favela Nova Brasília, no Complexo do Alemão, com auxílio de helicóptero. Na ação, 13 jovens foram executados. De acordo com as denúncias formuladas, três mulheres, duas delas adolescentes na época, teriam sido torturadas e violentadas sexualmente. A segunda Chacina também na Nova Brasília, ocorreu em 1995, e culminou na primeira condenação do Estado Brasileiro na OEA. Somadas, as duas chacinas causaram a morte de 26 pessoas.

A última chacina dos anos 90, foi a do Maracanã. Ocorreu no dia 10 de outubro de 1998, quando, após uma discussão e uma perseguição de carro, na madrugada, quatro jovens foram assassinados por agentes das forças de segurança do Estado que atuavam como seguranças de um clube privado em São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Os dados apresentados a respeito das chacinas no Rio de Janeiro são objeto de intenso estudo das ciências sociais. Considerando a relevância, os grupos: GENI/UFF, CASA (IESP-UERJ) e o Dicionário de Favelas Marielle Franco fizeram o esforço em realizar um balanço histórico que aponta o modo como o Estado se programa e atua para gerir e concentrar a violência de forma desproporcional em territórios de favela, motivo pelo qual usamos esses dados para enquadrar nossa pesquisa.

¹⁰ O projeto do Dicionário de Favelas Marielle Franco, foi criado por meio da colaboração de um grupo heterogêneo de pessoas (pesquisadores, moradores de favelas e grupos ativistas) e que tem por objetivo incentivar ampla articulação do conhecimento (acadêmico ou não) produzido nas favelas e sobre estas, que muitas vezes se encontra hierarquizado e disperso em diferentes áreas do conhecimento. Ao reunir os conhecimentos produzidos acerca das favelas, por meio de uma plataforma wiki própria, de construção coletiva e colaborativa, o Dicionário busca a difusão de outras narrativas acerca desses territórios e suas populações, valorizando suas memórias e experiências.

Sônia Fleury e Palloma Menezes (2021).

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/TpqQWfCtDjk7ZKyKxWYVs4b/?format=pdf&lang=pt>>
Acessado em 12, de janeiro, de 2024.

A militarização da segurança pública nos parece um grande desafio para a democracia brasileira, uma vez que seu autoritarismo no atual quadro, contempla no máximo uma semidemocracia. No trabalho desenvolvido por José Nóbrega (2010) está contido um estudo que versa sobre a segurança pública e seus mecanismos de operação da lei e da ordem, que limita o controle civil sobre os militares brasileiros.

II. OS MILITARES E A CONSTITUIÇÃO DE 1988 Na Constituição Federal de 1988, as cláusulas relacionadas às Forças Armadas, policiais militares estaduais, sistema judiciário militar e de segurança pública em geral, permaneceram praticamente idênticas à Constituição autoritária de 1967-1969. Lei e ordem podem ter várias conotações; a interpretação da ordem interna por parte dos militares pode estar permeada por uma série de estímulos ideológicos. A garantia dessa ordem, ou dos poderes constitucionais, quando da solicitação de qualquer um dos três poderes da República (Executivo, legislativo ou Judiciário), pode não ser levada em consideração por parte dos militares. Se os três poderes não acharem conveniente ou necessária a intervenção dos militares para manter a ordem interna, mas estes, baseados na Constituição – que lhes dá poderes de garantidores da lei e da ordem interna – , acharem que devem intervir, prevalecerá a vontade castrense, daqueles que estão armados (Zaverucha; 1998, p. 128).

Nos parece que a brecha que permite a atuação de tal autoritarismo se configura nos três poderes. Importante lembrar que os militares possuem autonomia para como agir, inclusive possuem também o poder de omitir fatos que os desagradam: “A tendência é destacar os militares como defensores da democracia e da ordem, expurgando qualquer posição que seja a ela contraditória” (Júnior; 2010, p. 121).

A política de morte, como podemos observar, ficou muito mais forte nos anos 1990 sob a justificativa de manter a lei e a ordem ou o combate ao narcotráfico. O contexto político federal estava sob o comando da Presidência de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), que pouco ou nada fez para intervir.

3.3 Funk, Estado e Poder Paralelo - Balanço e memória

Ao longo dos tempos, o funk, ora potencializou o seu alcance para outros espaços, ora sofreu retração, tornando-se recluso em seu centro de origem. Esses movimentos são reflexos de processos de espetacularização e de criminalização, levados a cabo por diferentes agentes, tais como: o Estado, a grande mídia, o monopólio das equipes de som, a indústria fonográfica, a sociedade civil e, evidentemente, o(s) “funkeiro(s)”¹. Pode-se dizer que a história do funk carioca é, portanto, uma história de amor e ódio, que segue uma linha tênue entre esses dois sentimentos. (Ferreira; 2014, p. 82)

As mudanças estéticas e organizacionais do movimento Funk é um exemplar que contempla inúmeras mudanças. As distintas formas de produzir o Funk, dos bailes de corredor às “resenhas” das antigas, permitem que as vozes funkeiras seguissem ecoando, em forma de resistência, por meio de coletivos que seguiram se organizando em busca por justiça social. O funk, portanto, aparece neste quadro como um meio de comunicação que expressa dor, indignação, revolta, pedidos de paz e inúmeros outros sentimentos, por meio dos raps. A cultura funk vira verbo. Suas melodias contêm letras que pedem socorro ao mesmo passo em que as montagens de galera, surgidas neste mesmo contexto, naturalizavam o curso intensivo (oferecido pelo Estado) de como agir com violência.

O início do baile era marcado pelos sons das músicas mais calmas, enquanto as pessoas iam enchendo os clubes até que os DJs começassem a tocar as montagens que eram gravadas pela voz de uma pessoa comum de alguma comunidade, aqui enquadramos os anos de 1990. A sensação de identidade e pertencimento movia as pessoas a mostrarem que a sua localidade era de fato forte: “Seus corpos, seu maior patrimônio” (Ferreira; 2014, p. 86). Nesta época a equipe de som furacão 2000, que ganhou espaço no canal televisivo rede CNT, levava esses Mc 's para cantar e através das suas músicas, protestavam sobre as matanças e covardias que ocorriam no Estado do Rio de Janeiro. Eles estavam a cantar para um público cada vez maior.

Ao cantar para um público que só tendia a aumentar, algumas letras clamavam pela vida das crianças de rua, tendo a intenção de sensibilizar ou chamar a atenção para movimentos como o do sociólogo e ativista dos Direitos Humanos Herbert José de Sousa (1935-97), o Betinho, responsável por uma das maiores mobilizações em torno da luta contra a fome e a miséria no Brasil através da “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”, além de fundador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE)¹¹. Este exemplo mostra o quanto a dualidade da vida e da morte, caminhavam de mãos dadas.

Ainda que as comunidades do Rio de Janeiro se dividissem a fim de se enfrentar nos finais de semana em lados A e B (veremos mais detidamente no próximo capítulo), inicialmente tal divisão para acontecer, não levava em consideração o tráfico de drogas e seu poder em territórios de Comando Vermelho, Terceiro Comando ou qualquer outra

¹¹ IBASE: Organização de cidadania ativa, sem fins lucrativos. Efetiva a partir de 1981, foi fundada após anistia política por Herbert de Souza, o Betinho, e os companheiros de exílio Carlos Afonso e Marcos Arruda.

facção. Contudo, um de nossos entrevistados afirma: “A rivalidade ocorria fora dos clubes e as pessoas que residiam no lado A não poderiam transitar no lado B e vice-versa, sob pena de linchamento ou morte” (E1, São Gonçalo).

Mais que não poder transitar, eles também relatam que com o passar do tempo, houve interferência do tráfico e que este fator de interferência os legou ainda mais estigmas, aumentando a narrativa de que eles supostamente seriam marginais a serviço do poder paralelo:

Isso não é verdade, foi sempre por laços afetivos mesmo de amizade, nunca foi porque o comando ou o terceiro comando... não. No começo não, mas no final as facções se apropriaram das marcas de roupas. Isso também foi motivo de se acabar com os bailes. Ninguém ali era criminoso. Foi quando a gente teve que parar de usar vermelho... Se você entrasse numa favela de terceiro comando com roupa vermelha você podia morrer. Muita gente perguntava: Se você não bebe, não fuma e não cheira o que você está fazendo lá? (E2, São Gonçalo)

Foi por meio das entrevistas que estão a colaborar com este trabalho, que coletamos evidências sobre o papel do tráfico de drogas, já no final do movimento, na definição de que funkeiros de lado A ou B, não seriam bem-vindos caso se deslocassem para locais onde a facção fosse diferente da sua região de origem. Com isso, O tráfico tomou para si algumas marcas de roupas por considerar que assim daria para fazer a distinção das pessoas. Segundo um entrevistado (E10, Niterói), há o exemplo de quem usava a marca TCK indicava pertencer a alguma favela controlada pelo Terceiro Comando. Conta-se que a marca da Cyclone seria do Comando Vermelho. Logo, usar uma roupa vermelha em favela de Terceiro Comando, poderia acarretar uma pena severa (de morte) e vice-versa. Dado o cenário, que já era perigoso, alguns funkeiros foram deixando de querer frequentar os clubes já em seu final e aquele mercado de roupas que muito lucrou com a indumentária dos funkeiros, enfraqueceu.

Há no trabalho de Danilo Cymrot (2011), um balanço que dialoga com o objeto que estamos tratando, o baile de corredor. Seu estudo diz que quanto mais distantes do seu território de origem, mais os jovens se sentem frágeis e o autor afirma que eles ficam mais engajados a lutar por um lugar, por reconhecimento (Cymrot; 2011, p.68). Para além, o tema tratado, vai se esforçando em analisar o movimento funk a partir da sua repressão penal em detrimento de um olhar concentrado em políticas culturais. O movimento da sua pesquisa, foi desenvolvida a partir de procedimentos históricos, sociológicos e

comparativos. Os pânico morais, fabricados pela grande mídia, segundo o autor, insistem em atrelar ao público simpatizante a figura do que ele chama de bandido romântico.

A linha do tempo da abordagem, reflete uma sequência de fatores que vão tratar a história inicial da repressão do funk somada a seletividade da aplicação da lei (atingindo uma determinada parcela da população). Seu trabalho embasa e dá norte para a compreensão do corredor, prosseguindo ao ponto sensível que atrela o movimento à criminologia. O fechamento da análise se desenrola nos bailes de comunidade e sua relação com o tráfico, ou quando revela o incômodo e o pânico que o funk provoca ao chegar à lugares geograficamente reservados a burguesia, que acaba por julgar a vertente (principalmente de galeras) como uma bolha que abriga corpos indesejáveis, na figura do favelado. A própria definição da palavra favela, como vimos, segue carregando os piores adjetivos possíveis. Adjetivos esses que são produzidos pela própria grande mídia, branca, e detentora secular da produção de conceitos que visam manter sua própria hegemonia, poder e controle sobre corpos estigmatizados.

Quando as autoridades dão fim ao movimento em 1999, segundo o autor, nasce o que chamamos hoje de “funk da putaria”. Um cenário que teve investimento para cantores fazerem sons de cunho sexual, para com isso tentar sanar as desavenças. Assim, nos anos 2000, apareceram os bondes. Não os bondes que estão a ser tratados na abordagem deste trabalho (que consiste em concentrar e remontar o quadro das galeras), mas começa-se a tentar atrelar outros significados para a palavra. Exemplos são os grupos “Bonde do Tigrão”, “Bonde dos Havaianos” e muitos outros. Foi dentro deste mesmo universo que outra válvula foi acionada e deu origem aos ditos proibições. Sem clubes realizando eventos para um público mais hegemônico, as favelas se tornaram o espaço principal para promoção de festas que tinham como marca os raps que retratavam a violência entre as facções criminosas e a polícia. O baile de favela, muitas vezes patrocinado pelo tráfico, adotou em seu repertório musical o funk da putaria e o funk lúdico que fala sobre a guerra urbana instaurada no Estado do Rio de Janeiro, consequentemente fechou o espaço para o “funk de galeras” (Cymrot, 2011, p.100).

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre

ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (Pollak; 1989, p.4)

Alguns elementos conectam os anos de 1990 (período de ascensão e declínio dos bailes de corredor) à nova era pós 2015. Estamos aqui a privilegiar a análise dos excluídos e marginalizados responsáveis pela importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", neste caso a memória ditada como nacional Michael Pollak (1989).

O estigma que conectava o funk à criminalidade foi reiterado ao longo da década de 1990 por políticas estatais e pela grande mídia, construindo não apenas a imagem de um inimigo - jovem, negro e morador de favela -, mas sua respectiva trilha sonora. (Novaes; 2020, p. 41)

Assistimos a memória submergir entre os componentes, principalmente, no recorte dos “bondes” que voltaram a aparecer e são compostos pelos mesmos laços antigos de união ou desunião. A partir desses laços, as canções são desenvolvidas ou resgatadas com a mesma intenção de rivalizar, mas desta vez por meio da memória coletiva que não sofreu ruptura após 15 anos de silenciamento. A figura dos integrantes foi ressignificada a partir do espectro do funk dos anos 1990 e isto se deu por meio das experiências sentidas ao longo do tempo e de muitas outras experiências que os atores possuem em comum. Foram essas lembranças e sentimentos, que reconstruíram a base que hoje revive e remonta o que foi batizado de funk das antigas.

Este grupo de atores, composto antes por jovens com idades entre 14-25 anos, foi marcado não só por inúmeros preconceitos dados pela grande mídia, mas exponencialmente por uma CPI que foi presidida pelo deputado Alberto Brizola, em 1999, sobre os bailes funk que embasou a Lei nº 3410, de 29 de maio de 2000. O material foi encaminhado pelo Juiz da 1ª Vara de Infância e Juventude do Rio, Siro Darlan, e entregue pelo comissário de Justiça, José Tavares Gabriel. Este momento legava a esses funkeiros um lugar, oficialmente, reservado no limbo da marginalidade. Isto porque a comissão operou sua justificativa de encerramento dos eventos, com muitas declarações, mas a pior delas fora a declaração de que as equipes de som estavam a treinar soldados para o tráfico de drogas¹². Uma inverdade que é lamentada entre os integrantes que tiveram sua sociabilidade ainda mais abalada no dia a dia de suas vidas, enquanto funkeiros. Foi essa

¹² RJ instaura CPI sobre bailes funks. DIÁRIO DO GRANDE ABC: DIÁRIO DO GRANDE ABC, 1999. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/232463/rj-instaura-cpi-sobre-bailes-funks>. Acesso em: 19 fev. 2024.

gama de funkeiros, maioria de pele preta e favelados, que partilharam desta dor que acabou por abastecer o canal de forças que serviu na luta para contrariar esta imagem carimbada no seio das suas histórias. Contudo, foi este elemento que acabou por se tornar um dos fios condutores que os conecta e, com isso, mantém a memória coletiva do movimento ainda mais viva.

Em maio de 2008 o Projeto de Lei 4124/08 do deputado federal Chico Alencar (PSOL) foi apresentado para definir o funk como forma de manifestação cultural, mas a sequência de “golpes” ainda não havia terminado. Enquanto o movimento ainda tentava comemorar, um mês depois, a Lei Álvaro Lins veio em junho, de 2008, para aprimorar o rol dos preconceitos e reforçar toda a gama de perseguição. Foi quando os componentes reuniram suas forças, na mesma época, para fundar a APAFUNK. Com a ajuda do deputado Marcelo Freixo, revogaram tal lei. Neste “corredor” de forças a figura do MC Leonardo, Filho do forrozeiro Chico Mota, que tocou com Jackson do Pandeiro, nascido e criado na favela da Rocinha e com 34 anos na época, foi primordial uma vez que ele foi o principal mobilizador de ações em favor do funk.

A vitória que vimos ser conquistada não iria conseguir apagar o golpe dado ao movimento de maneira fácil, como vimos anteriormente, e o gosto amargo desta violência transformou-se em um sentimento coletivo sentido até os dias atuais. O Núcleo Piratininga de Comunicação¹³ aborda o assunto da perseguição ao movimento, observemos o trecho: “A perseguição contra o funk é tão suja que é difícil achar quem é o inimigo. Ninguém quer dizer que é contra o funk porque, do favelado ao *playboy*, todo mundo frequenta os bailes”. A favela não é Marte, como consta na letra de autoria de MC Leonardo. Ainda em 2008, a fundação Getúlio Vargas apontou que o gênero movimentava R\$ 10 milhões por mês só no Estado do Rio e a APAFUNK debatia contra o preconceito por meio de rodas de conversa que envolviam o tema do preconceito e da criminalização do movimento.

Em 2010, o Brasil acompanhou a prisão de cinco funkeiros acusados de apologia ao tráfico¹⁴, por cantarem a realidade das favelas, mas foi em 2011, que em contrapartida,

¹³ VITÓRIA do batidão: lei corrige injustiça cometida com o funk ao proibir discriminação. NÚCLEO PIRATININGA DE COMUNICAÇÃO: NÚCLEO PIRATININGA DE COMUNICAÇÃO, 2008. Disponível em: <https://nucleopiratininga.org.br/vitoria-do-batidao-lei-corrige-injustica-cometida-com-o-funk-ao-proibir-discriminacao/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

¹⁴ STJ manda soltar MCs do Alemão acusados de apologia ao crime. CORREIO BRASILIENSE, 2010. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/12/26/interna-brasil,229441/stj-manda-soltar-mcs-do-alemao-acusados-de-apologia-ao-crime.shtml>. Acesso em: 19 fev. 2024.

a Secretaria Estadual de Cultura lançou editais que distribuíam R\$ 500 mil para 20 projetos ligados ao gênero. O Rio parada funk, grande festa gratuita, também aparece como um marco em 2011, reunindo milhares de pessoas no Largo da Carioca. Em 2013, houve mais fomento vindo da Secretaria de cultura que lançou a Chamada Pública para Projetos de Bailes e Criação Artística no Funk, com aporte financeiro de R\$ 650 mil. O edital ofereceu apoio financeiro de até R\$ 20 mil para projetos de produção de Bailes Funk e de até R\$ 15 mil para projetos que se enquadrassem nas demais categorias: produção musical, circulação artística, audiovisual, memória e comunicação.

Já em 2015 a APAFUNK publicou um documento que relatava a destruição de bailes funk, por policiais militares em diversas favelas da cidade. O grupo relatou que os policiais agiram com agressões físicas, extorsões, prisões forjadas, tortura e até homicídios. No ano de 2016, os jogos olímpicos levaram o samba, o passinho e o funk, (todos nascidos na favela) para dentro do Maracanã durante sua cerimônia de abertura. Em 2018, vivemos a triste cena na qual policiais militares invadiram um baile funk na Rocinha durante a madrugada, deixando oito jovens mortos na ação, um deles foi baleado nas costas. Foi neste mesmo ano que um levantamento do Spotify mostrou que o consumo de playlists de funk brasileiro aumentava 3.421% fora do país nos últimos dois anos anteriores. Os Estados Unidos lideraram a lista dos países que mais ouvem funk fora do Brasil. Portugal e Argentina apareceram logo em seguida. E não acabou. O funk também viveu a prisão do DJ Renan da Penha e de mais 10 pessoas, em 2019, acusados de associação para o tráfico de drogas, para ser solto posteriormente por uma decisão Supremo Tribunal Federal, que defendeu que o condenado só pode ser encarcerado quando se esgotam todos os recursos (o chamado trânsito em julgado). Na sequência, em 2021, também vimos a polícia pedir a prisão de MC Poze, MC Negão da BL e DJ Markinho do Jaca que não foi perpetrada com êxito.

Trouxemos algumas informações, com a intenção de desenhar uma linha do tempo ¹⁵que deixasse clara a trajetória das lutas, vividas pelo movimento. Como vimos, a história funk foi marcada por prisões, assassinatos, leis etc. Inúmeros mecanismos estiveram e estão em curso, segundo a história, para parar o movimento ou orquestrar mais ações de violência contra os corpos pretos e periféricos. Dentro dessa realidade violenta, pela parte

¹⁵ A CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK. DATA LABE, 2020. Disponível em: <https://datalabe.org/funk10anos/?fbclid=IwAR1PfCzXUIGdRO3lrVGySqZ8sc7kgFn2U9RgMO69RC88t9Vx-eVvIJyzDjk%20%3E%20Acessado%20em%2014,%20de%20janeiro,%20de%202024>. Acesso em: 19 fev. 2024.

do Estado, muitos levantes foram acontecendo em forma de resistência pelos componentes do movimento. Diante desses registros que trouxemos e de tantos outros, que não caberiam neste breve trabalho, fica a pergunta: Quem são figuras reais dos lados A e B, dentro da lógica de uma realidade social perpetrada e operada pelas ferramentas do Estado que segue firme travando este jogo de forças?

Exemplos de bondes dos anos 90:

Bonde da Realidade: Boa Vista. Abarca a região da praia das Pedrinhas e o morro do Abacatão, que fazem parte do seu complexo, situado em SG/RJ. (Lado A)

Bonde dos Carrascos: Brasília, Tenente jardim e Morro do Castro. Situado na divisa entre SG e Niterói. (Lado B)

Bonde dos Pula: Porto da pedra, situado em SG. (Lado A)

Bonde Quebra Côco: Cubango e Apollo, situado em Niterói. (Lado B)

Exemplos de montagens:

Montagem/música: Bate o tambor! Bate e quebra o lado B! A Otto, Porto da pedra e a Vila Kenedy

Montagem/música: Pablo Escobar falou: nosso bonde é só carrasco! Tenente Jardim, Brasília e Morro do Castro.

Montagem/música: Quebramos o taco deles e matamos o jacaré (símbolo da comunidade do Salgueiro/SG).

O trecho com exemplos de bondes e de montagens, foi trazido para mostrar que a rivalidade de fato era a figura principal dos eventos marcados nos anos de 1990. Contudo, quem seria o verdadeiro inimigo? Os jovens daquela época (anos de 1990), são os mesmos que hoje possuem idades a partir de 40 anos. Eles seguem na luta pela subversão da ordem e buscam gozar do sentimento coletivo de solidariedade uns com outros, experimentado por outrora. Tudo o que se fazia nos anos 90 foi resgatado, menos o fator da violência física e emocional que fora fomentado pelos donos das equipes de som que na sequência foram ampliados pelo tratamento dado aos funkeiros pela esfera do Estado. Entretanto, os atores desenvolveram uma forma estratégica que visa conceber e traçar novas experiências na forma como agora reorganizam suas festas, veremos isso ao longo deste trabalho.

4 CAPÍTULO III: DOS BAILES DA PESADA ÀS RESENHAS

Com o objetivo de narrar o desenvolvimento do funk, de forma cronológica, este capítulo pretende trazer informações anteriores ao formato do funk enquadrado na categoria de “resenhas” e pautadas nos bailes funk das antigas que acontecem atualmente. Fatos, acontecimentos e momentos marcantes serão tratados de modo a situar a compreensão do que está sendo abordado, de forma breve. As diferentes fases do movimento registraram cada uma a sua própria nomenclatura baseada no formato dos encontros. Todas as fases, porém, apresentaram, um elemento central em comum: o território como principal componente.

Dentro deste cenário será feita uma breve recuperação histórica do funk, em específico, os seus formatos organizacionais que foram se modificando desde o seu aparecimento no Rio de Janeiro. Dos anos 1970 até os anos 1990, quando a violência operava (oficialmente) como código de honra ¹⁶e conduta por meio dos “festivais de galera” e depois configurando os “bailes de corredor”. Nos anos 2000, falaremos do elemento surpresa que nasce junto com a proposta do “funk sensual” ou “proibidão da putaria”: o proibidão vai abordar a pauta das facções criminosas e a realidade das guerras e conflitos provocados pelo Estado sob a justificativa de combate as drogas. Na sequência, em 2015, o baile se reconfigurou no “funk das antigas” para não sucumbir. As estratégias simbólicas, materiais e sociais mobilizadas pelos realizadores do “funk das antigas” serão analisadas nesta fase.

Assuma sua mente, brother!
 E chegue a uma poderosa conclusão
 De que os blacks não querem ofender a ninguém, brother!
 O que nós queremos é dançar!
 Dançar, dançar e curtir muito soul
 Não sei se estou me fazendo entender
 O certo é seguir os mandamentos blacks, que são, baby
 Come on, brother
 Dançar como dança um black!
 Amar como ama um black!
 Andar como anda um black!
 Usar sempre o cumprimento black!
 Falar como fala um black!
 Eu te amo, brother!
 - Mandamentos Black (Canção de Gerson King Combo)

¹⁶ Argumento de minha autoria, defendido no Trabalho de Conclusão de Curso. MAGALHÃES, Norma. Comunidade, territórios e bailes funk de corredor, 2021. Universidade Federal Fluminense.

Em 1970, mais precisamente em 12 de julho de 1970 - conforme apontado no trabalho de Hermano Vianna (1987) - aparecia o termo “baile da pesada”, composto pelos discotecários Ademir Lemos (1946 - 1998) e Newton Alvarenga Duarte, o Big Boy (1943 - 1977). Os “bailes da pesada” movimentaram a tradicional casa de shows, Canecão, no Rio de Janeiro, tocava clássicos de nomes como James Brown, Tony Tornado, Tim Maia e The Stooges. A casa de espetáculo ficava localizada em área nobre do Rio de Janeiro, mais especificamente no bairro de Botafogo. Segundo Hermano Vianna (1987) O encontro da festa funk, que reunia milhares de jovens negros e de periferia começa a acontecer não no gueto, mas em território que concentra pessoas de classe social elitizada e majoritariamente branca.

O Baile da Pesada, tornou-se um marco das festas Black. Em 1973, surge então a equipe de som Furacão 2000. Outras equipes também surgem neste período como a Black Power e Soul Grand Prix, esta última fundada por Dom Filó. A matéria destaca que mais de 400 equipes, promoviam bailes frequentados por incontáveis jovens. Tinha o baile Black e o baile da galera que curti rock, conhecidos como os cocotas.

Os cocotas iam pros bailes de rock do subúrbio, tinham cabelo parafinado, visual meio surfista, usavam calças baixas. O negócio deles era só diversão. Já o baile Black era mais sério, mais social, todo mundo ia bem-vestido, produzido. Era uma espécie de ritual, tinha coreografias ensaiadas etc., recorda DJ Marlboro¹⁷. (GGN, 2010)

O artigo “Black Rio – O orgulho (importado) de ser negro no Brasil” de Lena Frias (1976), que escrevia e publicava para o Jornal do Brasil, serviu para batizar o movimento de Black Rio, que inclusive foi usado para nomear uma banda. Contudo, pontuamos o quanto o título da matéria serviu para fundamentar desconfiança. Isto porque ao invés do movimento Black ser tratado a partir do parâmetro de algo globalizado e maior que um acontecimento restrito ao Brasil, acaba por sugerir ou “vender uma ideia” de que pretos estão importando o seu próprio orgulho a partir de um norte que não os pertence.

¹⁷ VAI começar o baile black. GGN, 2011. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/musica/vai-comecar-o-baile-black/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Como apontado por Luciana Oliveira (2018) a jornalista em questão não se importa em contextualizar que a juventude branca também é consumidora globalizada de filmes, roupas, discos e ideias. Logo, também esta camada seria copiadora? Ou o termo já teria cunho racista? Nesta fase, cria-se o outro, neste caso os “Blacks”. Este outro é criado como termo que consegue diferenciá-los ou separá-los dos grupos que estão denominados pelo termo “cocotas”: os brancos que curtem rock.

Dom Filó, em entrevista à revista Veja:

Por que se aceita com toda naturalidade que a juventude da zona sul se vista de jeans, dance o rock, frequente discoteca e cultue Mick Jagger, enquanto o negro da zona norte não pode se vestir colorido, dançar o soul e cultuar James Brown? Por que o negro tem que ser o último reduto da nacionalidade ou da pureza musical brasileira? Não será uma reação contra o fato de ele haver abandonado o morro? Contra uma eventual competição no mercado de trabalho? Por que o negro da zona norte deve aceitar que o branco da zona sul (ou da zona norte) venha lhe dizer o que é autêntico e próprio do negro brasileiro? Afinal, nós que somos negros brasileiros nunca nos interessamos em fixar o que é autêntico e próprio do branco brasileiro. (BLACK RIO, 1976, p. 158)

A figura que talvez melhor encarnou o Black Power brasileiro foi o lendário Dom Filó, criador da Soul Grandprix, equipe que se identificava mais fortemente com o movimento Black Power. As referências eram: calça boca-de-sino, roupas coloridas, enfeitadas cabeleiras etc. – mais estéticas do que políticas.

A vida nas grandes cidades brasileiras foi marcada por movimentos jovens contraculturais, algumas vertentes diretamente descendentes do Tropicalismo criado entre os anos de 1967 e 1968. De certa forma, por seu caráter mais fluido e sem uma ideologia consolidada nem preocupação diretamente política e institucional, esses movimentos eram vistos sem um claro propósito ideológico, muitos acusados de alienação política. Claramente, por parte desses sujeitos, havia uma desilusão em relação às organizações tradicionais de esquerda, especialmente por esses centrarem o foco da revolução na classe, em detrimento de questões como raça e gênero, por exemplo. Novas demandas apareceram na esfera pública com o surgimento de movimentos sociais e políticos independentes representando negros, mulheres, gays, indígenas e outras identidades. Esses grupos propunham uma articulação política por outras vias que não a institucional, nem a luta armada, especialmente em um momento de fracasso das tentativas de revolução insurrecional marxista durante o governo militar. (OLIVEIRA, Luciana. 2019, p.44)

Enquanto os estudos da Luciana Oliveira (2018 e 2019) vão enquadrando tal momento da história como um lugar que não conseguiu integrar outros grupos, que representassem: negros, mulheres, gays ou outras identidades, algumas narrativas feitas

por representantes importantes daquela época diziam, que: 80% dos negros não opinavam nada politicamente. Segundo Marlboro: “Quando viram aqueles caras dançando junto, com aquelas roupas e cabelos, os militares perceberam que ali nascera um líder, ali no meio, ia dar uma grande merda para o governo. Foi aí que eles passaram a perseguir os blacks”, explica Marlboro. As análises contidas na obra da autora apontam que:

O gesto político se consolidava, efetivamente, na oferta de novos repertórios simbólicos e culturais que ressaltavam a capacidade de intervenção de seus atores sociais, cujas ações espontâneas apresentavam uma alteração na realidade social, propondo novas estratégias culturais e políticas emancipatórias. (Oliveira; 2018, p.42)

Ao jogar luz no que acontecia nesta época da história, percebemos certo apontamento que caminha na direção da interpretação de que a juventude negra deste período estava a construir um cenário para lideranças negras, e isso não só no Rio, mas em cidades como Salvador, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre. Ideias globais ligadas à raça, em consonância com novos modos de fazer política, estavam a se desenvolver.

Em contrapartida, um pouco mais da pequena análise realizada pelo jornal GGN, em 2011, remonta a mesma época nos trazendo fatos que ligam as primeiras perseguições ao movimento, liderado pelo DOPS, bem como aponta os mandamentos Black, como dizia Gerson King Combo. Sua matéria ganha força com o posicionamento de um Dj importantíssimo para a época em questão: Marlboro.

Já sobre Asfilófilo de Oliveira Filho (Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1949), mais conhecido como Dom Filó¹⁸, segundo a Wikipédia, é um DJ, engenheiro civil, jornalista, produtor cultural, cine-documentarista, ativista do Movimento Negro, é pós-graduado em marketing pela ESPM e possui MBA em gestão esportiva pela FGV. É cofundador do acervo “Cultne”, atualmente, maior acervo audiovisual de cultura negra da América Latina. As experiências trazidas por Dom Filó, legaram, pela imprensa carioca, o apelido de Black Rio para as festas da época. O resultado foi “a polícia política” achar que por trás das equipes de som, existissem grupos clandestinos de esquerda. Tal

¹⁸ DOM Filó. WIKIPÉDIA, 2011. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Fil%C3%B3#:~:text=Asfil%C3%B3filo%20de%20Oliveira%20Filho%20\(Rio,em%20gest%C3%A3o%20esportiva%20pela%20FGV.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Fil%C3%B3#:~:text=Asfil%C3%B3filo%20de%20Oliveira%20Filho%20(Rio,em%20gest%C3%A3o%20esportiva%20pela%20FGV.) Acesso em: 19 fev. 2024.

motivo levou a figura de Dom Filó ao DOPS para dar explicações, em 1978, amparados pela lei da vadiagem.

Podemos perceber que a identidade negra estava em ascensão, mas nenhum negro precisava segurar uma bandeira ou fazer discurso político para ser preso. “Muito embora os empresários dizerem que as equipes nada tinham a ver com o movimento negro, a matéria já estava escrita por Lena Frias” (Vianna; 1987, p.54-56). Os olhares a respeito do que o movimento despertava na sociedade eram diversos que temos vários pontos de vista, mais um olhar diz: “Cabe ressaltar que a “questão racial não integrava a pauta dos partidos da esquerda revolucionária socialista e tal discussão era vista como fator divisório da luta contra a classe trabalhadora que ia contra o capitalismo” (Oliveira; 2016, p. 53).

As análises, feitas por Hermano Vianna (1987), seguindo a linha do que provocou a matéria produzida de Lena Frias, foi apenas a primeira de muitas outras reportagens e, este momento da história, reflete o tema sendo debatido com alguma seriedade em torno dos assuntos relacionados à alienação ou ao colonialismo cultural ¹⁹que operam a partir de uma identidade negra que até então havia se perdido.

Concluimos que não se tratava somente de festas. Para além, eram festas somadas a elementos de identidade, etnicidade, sociabilidade negra, representatividade e afins. Motivo pelo qual, constatamos as primeiras perseguições justificadas pela manutenção da ordem social em plena ditadura militar sob o comando do General Ernesto Geisel.

Nos anos de 1980, nascem os bailes de “mulão”. Nas palavras de um entrevistado:

Eu comecei a ir para o baile de Mulão com 13/14 anos, começou nos anos 1980. Eu sou da época do funk Brasil. Quando começou o funk do Dj Marlboro, Ademir Lemos. Na época tocava na rádio Manchete. Então, isso foi na década de 1980 entendeu? O Mulão começou ali. Depois veio a época dos festivais e isso tudo foi pegando. O baile dos Encontros de Gigantes (festivais de equipes de som)”. (E9, São Gonçalo)

¹⁹ Em suma, o colonialismo cultural é uma prática de hierarquização de diferentes culturas que gera opressão. A injustiça estética, por sua vez, denota a atrofia das capacidades estéticas provocada pela opressão. Por capacidades estéticas, entenda-se nossa habilidade de sentir e perceber algo.

O termo “Mulão”, nome dado aos bailes da época de 1980, vem do fato das pessoas pularem todas ao mesmo tempo com as mãos uma nos ombros das outras. Com isso, forma-se “a mula” a partir da ideia de todos serem um corpo só. “Começa com um “trenzinho” e quando se junta um número muito grande de pessoas compondo esse “trenzinho”, é dado o nome de “Mulão” (Cymrot; 2011, p. 75).

O condutor da festa, o DJ, começa tocando músicas lentas (internacionais, geralmente os *freestyles*²⁰) e na medida em que o baile vai enchendo, gradativamente, vão tocando as músicas mais esperadas pelo público: os raps de galera ou de ordem já nacional. Os sons são desenvolvidos na chave do *Miami Bass* e a chave do *volt mix* chega por meio do Dj Americano Battery Braim, que deu a base musical para o novo estilo.

O rap começa a ser o canal de comunicação e reivindicação das ideias e ambições desses jovens que tinham a violência e o preconceito racial coexistindo com eles. O rap, através de suas letras, se torna capaz de denunciar esses problemas e começa a se tornar um referencial para a juventude negra. (Cordeiro; 2006, p.09)

Segundo Aline Cordeiro (2009) o rap está atuando na chave das ideias e atua somando forças para a pauta dos problemas que envolvem violência e preconceito racial. A história aponta que os primeiros raps nacionais a terem sucesso ficaram registrados pelas obras do Dj Hum e Thayde, em 1986, na cidade de São Paulo. Depois deles vieram nomes como Racionais, Planet Hemp etc.

Aqui destacamos que há diferença entre raps e “raps de galera”. O que estamos trazendo enquanto rap de galera, no contexto do Rio de Janeiro, é diferente. Isto porque o rap de galera, na década de 1990, possui diferenças sobre aquilo que está sendo desenvolvido em São Paulo. Para conceitualizar, podemos enquadrar o rap de galera, no Rio de Janeiro, como ferramenta que traz a favela para o centro, trata a visão social e política de uma outra forma. “Neste sentido, as galeras cariocas, juntamente com outras galeras brasileiras, não estão simplesmente abalando os anos 90, mas apontando questões

²⁰ A música freestyle se desenvolveu no início dos anos 80, principalmente nas comunidades hispânicas de Manhattan e Bronx e nas comunidades ítalo-americanas do Brooklyn, Bronx e outros bairros da cidade de Nova York, espalhando-se pelos cinco distritos de Nova York e chegando a Nova Jersey. Inicialmente foi uma fusão de instrumentação sintética e percussão sincopada do electro dos anos 80, como favorecida pelos fãs de breakdancing. Samples encontrados no synthpop e no hip-hop, foram incorporados.

chave do século XXI” (Mello; Acácio; 1999, p.209). O rap de galera, segundo as canções, aborda a fala de determinada comunidade, denuncia questões sociais (como chacinas e desigualdades) e leva representatividade local. O funkeiro do Rio de Janeiro, carimba o seu lugar na cena, explorando principalmente, o nome do seu morro ou sua favela. Além disso a chave do gênero, por meio de seus componentes seguem negociando respeito mútuo e para tanto, transitam entre o lúdico e o violento. Eram só mais uns “Silvas” retratando o seu tempo à sua maneira.

Foi dentro desde recorte histórico que nasceram as outras equipes de som e os festivais de equipe, conseqüentemente após o encerramento do Canecão, com a ideia de continuar promovendo as festas que antes eram concentradas somente naquele espaço. Afinal, segundo Hermano Vianna (1987) cada festa reunia cerca de 5.000 pessoas. Com o encerramento do espaço, os donos das equipes passaram a levar o som para seu público: festa = lucro. O momento do Funk Brasil registrou sua marca ao investir na produção dos primeiros raps nacionais, fugindo da “lógica perpetrada pelo imperialismo cultural norte americano que estava acostumado a exportar modismos culturais para o resto do planeta” (Vianna; 1987, p. 132). Para além, problematiza-se o imperialismo americano que diz que os dançarinos cariocas não estavam buscando suas músicas preferidas no Paquistão ou na Indonésia. A afirmação se aplica no fato de a escolha não estar absolutamente livre, mas pautada no modelo divulgador de novos comportamentos para o resto do mundo.

É importante porque foi a primeira do funk nacional. Foi a partir dela que nasceu o movimento no Rio. Foi a primeira em português, cantada pelo Abdulah [em uma versão a partir de 'Do wah diddy']. Foi a partir dali que tudo começou”, explica o DJ Marlboro, que incluiu a faixa no primeiro “Funk Brasil”, de 1989, que abriu as portas para a explosão do funk na década de 1990. (G1, 2019²¹.)

O DJ Marlboro, em entrevista ao G1, se refere a sua primeira produção de música funk nacional, que recebeu título de “melô da mulher feia²²”, cantada pelo Abdulah. Frisa-

²¹ MUSICAL conta história de 4 décadas do funk no Brasil; relembre 40 hits. G1, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/08/musical-conta-historia-de-4-decadas-do-funk-no-brasil-relembre-40-hits.html>. Acesso em: 19 fev. 2024.

²² LETRAS.mus.br. Disponível em: <<http://www.letras.terra.com.br>>. Acessado em 07, de fevereiro de 2024. MARLBORO, DJ; ABDULAH; NIRTON. Melô da mulher feia (Do Wah Diddy). Intérprete: Abdulah. In: MARLBORO, DJ. Funk Brasil. Rio de Janeiro: Polygram, 1989. 1LP. Faixa 7.

se que o sucesso do trabalho do Dj Marlboro chega após ter ganhado uma bateria vinda das mãos do Antropólogo Hermano Vianna. A letra da “melô da mulher feia” consiste em conferir inúmeros adjetivos pejorativos que diminuem a beleza da mulher, contudo, houve um grande sucesso de público.

Um outro pioneiro que vai influenciar a cena do rap nacional (estilo funk), além do Dj Marlboro é o Dj Grand Master Rafael com a Melô da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), sucesso total de público. A letra diz: “eu vim da Funabem, agora eu sou do bicho e não dou mole pra ninguém”. Foi neste contexto que a atuação do CEAP, segundo matéria feita pelo canal Cultne.tv²³, contribuiu de forma marcante para o fortalecimento do direito à cidadania e favoreceu a consolidação da democracia no Brasil, mobilizando centenas de milhares de pessoas. Ao que parece o teor da letra reage ao fato de mostrar que vir da Funabem seria sinônimo de resistência, agindo na contramão dos duros efeitos que os menores que passavam pela instituição sentiam frente ao juízo moral que a sociedade os legava.

Foi dentro dessa resistência, que coincidência ou não, em 1989, ex-alunos da extinta Fundação do Bem-estar do Menor – FUNABEM, aliados a membros da Movimento Negro e de Coletivos Feministas, fundaram uma organização não governamental - sem fins lucrativos e de caráter cultural, educacional, social e assistencial – conhecida por CEAP²⁴ – ou Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. Posteriormente outras melôs apareceram. O termo *melô*²⁵, que também começa a ser utilizado pelo reggae maranhense como aponta Elaine Araújo (2004), vem de uma adaptação fonética da palavra melodia.

Em algumas partes das entrevistas, fica claro que o “Baile de Mulão” era um encontro no qual as galeras se apresentavam, sem um tema estabelecido pelos

²³ Referência disponível em: <https://cultne.tv/> Acessado em 06, de fevereiro, de 2024.

²⁴ CEAP: Somos uma organização civil de cunho social, fundada no Rio de Janeiro em 1989, com a missão de promover a Cultura Negra – tanto as tradições africanas quanto as contemporâneas – como forma de combate ao racismo e à intolerância religiosa. Referência disponível em: < <https://ceapoficial.org.br/quem-somos/> > Acessado em 07, de fevereiro, de 2024.

²⁵ SIGNIFICADO de Melôs. DICIONÁRIO, 2010. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/melos/#:~:text=Significado%20de%20mel%C3%B4,question%C3%A1vel%3B%20talvez%20derivada%20de%20melodia>. Acesso em: 19 fev. 2024.

organizadores do evento. Os organizadores somente indicavam onde seria a festa e os participantes combinavam de “invadir de mulão”, ou seja, chegariam em massa. (E3, São Gonçalo), uma de nossas entrevistadas, diz que adorava ficar lá no meio pulando. Já o entrevistado e diretor (E2, São Gonçalo), mesma região, explica que os frequentadores podiam “andar o baile todo”, pontuando que não havia restrições com relação a transitar no espaço. Esse relato é importante porque diferencia os “bailes do mulão” dos “bailes de corredor” (frequentes nos anos 90), que possuíam uma corda no meio com o intuito de dividir o espaço do clube em dois lados, no qual a violência ficava restrita ao espaço da corda, como veremos mais à frente. Contudo, foi nesta época que algumas “galeras” começaram a brigar com as outras. Neste caso, conforme alguns dos entrevistados, as brigas despontavam sem motivo aparente a partir de rixas que iam se criando entre territórios.

Registra-se que, na época dos acontecimentos desses bailes, uma grande onda de *arrastão*²⁶ ocorreu. A notícia foi muito bem trabalhada e disseminada pela imprensa, que logo produziu largo pânico social. Foi neste cenário que as galeras de Vigário Geral e Parada de Lucas se estranharam em um baile funk e marcaram encontro na praia de Ipanema (em 1992), “segundo o Ministério Público, por meio da terceira câmara criminal em 21, de julho de 2003, e a própria polícia da época, não houve nenhuma intenção de roubar os banhistas” (Cymrot; 2011, p. 27).

Mesmo com as autoridades do Estado justificando que a ação não consistiu em ato criminal, “os arrastões colocaram os funkeiros no meio de um conflito que vem sendo travado sobre o espaço do pobre, seu acesso a bens e serviços de cidadãos, sua vulnerabilidade e à violência do Estado” (Cymrot; 2011, p. 31). Segundo seus trabalhos, tal ação colaborou para certa personalização de estigmas, vindos da parte de conservadores que decidiram não deixar barato as invasões a “seus espaços”. Foi com esta cortina de fumaça, justificada nos arrastões, que a elite não conseguiu esconder sua intolerância à determinados grupos sociais em alguns locais da cidade (neste caso, as praias da Zonas Sul). Nas palavras do entrevistado (E10, morador de Niterói): “Começou a dar problema quando o favelado começou a quebrar a casa do rico. Começou a quebrar a casa do rico... começou o arrastão nas praias, entendeu? aí começaram a olhar para

²⁶ O termo *arrastão* remete a “pesca predatória”, uma ação praticada a partir dos anos 80, na arquibancada geral e na saída no Maracanã em dias de grandes jogos. Mais tarde o termo passou a designar diferentes eventos de violência, com origens e objetivos específicos. Desde as depredações durante as saídas das galeras dos bailes funk de subúrbios até a ação de grevistas e protestos dos camelôs. (Cymrot; 2011, p. 26)

dentro do Funk.” Como podemos perceber, o baile de “Mulão” foi, automaticamente, associado a gangues que praticavam roubos ou promoviam desordem.

Durante a construção do problema favela ao longo da história da cidade, aspectos morais e políticos perpassaram as preocupações do poder público em relação às favelas. O estereótipo do favelado como indivíduo não civilizado, bem como o medo da ameaça comunista, são exemplos da dimensão político-moral que condicionou a atuação do Estado com relação a tais territórios. Da retirada dos cortiços do centro da cidade na gestão de Pereira Passos (1902-1906), passando pela construção dos Parques Proletários (1941) destinados a receber as populações removidas de favelas, à política remocionista efetuada durante a ditadura militar com o auxílio do Banco Nacional de Habitação (1964-1986), a literatura sobre o tema demonstra que a remoção, seja enquanto política pública ou opção pontual, sempre permeou a interação entre o Estado e as camadas populares que habitam as favelas da cidade. (Wikifavelas, 2023)

Destaco o contexto da ditadura militar, regime vigente desta época (até 1985), para retratar a política de remoções. Remoções que, segundo as análises feitas por Eleonora Ceia (2017), são definidas como fatos jurídicos que se contrapõem ao direito humano à moradia adequada. O artigo fundamenta a violação de moradia adequada pelo Estado Brasileiro, no contexto de remoções forçadas e defende: “remoções forçadas violam direitos de cunho civil, social, econômico e cultural” (Ceia; 2017, p. 128). O funk, em paralelo, resistia ao aparato fascista deste específico momento da história do Brasil. Contudo, o tema é completamente atual tendo em vista a atuação do Estado frente as favelas no contexto da preparação da cidade para a copa do mundo em 2014 e para os jogos olímpicos em 2016, durante a gestão do Eduardo Paes onde a reativação da política de remoções também se observou. Tais políticas públicas, seguiram favorecendo interesses imobiliários ao mesmo tempo em que foram se transformando em políticas de marginalização e exclusão social, sob a ótica da ONU e do estudo feitos por (2017).

Para resumir, acabaram com as festas no Canecão dos anos de 1970, mas continuaram a perseguir o público sob a justificativa do arrastão ou violência entre os anos de 1980 e 1990. Intensificaram as remoções das favelas, sempre com a intenção de limpeza étnica. Vale mais uma vez destacar que o período destacado da história do funk, compreendido entre as décadas de 1970 e de 1980, ocorreu sob a vigência da ditadura civil militar. Tal contexto político colaborou para mais preconceitos políticos e morais, corroborando para o deslocamento de corpos indesejáveis, para espaços cuidadosamente reservados e distantes dos lugares reservados às elites. Dentro do funk, o argumento em

torno da violência que irrompia nos eventos, foi o principal fator que justificou a intensa perseguição pela parte da imprensa e pelos órgãos do Estado.

Em paralelo a tais acontecimentos, os anos de 1990, permeados pelo movimento funk Brasil e com importante participação do Dj Marlboro, foi elevando a fusão do ritmo norte americano e influenciava mais letras de raps nacionais. Além disso, este Dj se tornava residente do programa da Xuxa, em 1994, que por ser de ordem nacional fazia crescer o “barulho do funk” para o restante do Brasil e do mundo. Foi neste contexto de expansão musical, que as letras começaram a dar ênfase e enaltecer o nome de algumas favelas.

O nome das favelas na música da dupla Claudinho e Buchecha é um exemplo de várias outras músicas com este mesmo formato.

Boassú, Boa Vista, Young Flu
 Vianna e Madama, Paiva, Trovão Azul
 Martins, Catarina, Jôquei, Arsenal
 Cruzeiro, Pecado, Caçador, Central
 Responsas do outro lado que provocam
 Eclosão
 Irmãos lá da Mineira, Salgueiro é sangue bom
 Galeras que agitam com união
 Massa Funkeira arrebentação
 (Rap do Salgueiro – Claudinho e Buchecha- 1990)

Quando tocava rap de galera, principalmente falando sobre as favelas, a violência acontecia. Ter um rap de favela, com um representante oficial dela sendo exibido em escala nacional, fazia com que aquela comunidade se tornasse mais forte frente as outras. O resultado do conflito era visto nos salões, onde falar sobre determinada favela ia conferindo mais força ao território ao mesmo tempo em que fomentavam as brigas. O resultado deste fator conferia às pessoas que habitam esses espaços, ainda mais sentimento de pertencimento ao lugar que se criaram. E isso se dava ao ouvirem o nome da sua comunidade tocar no rádio. Esses dados foram sentidos pela minha pessoa, enquanto frequentadora e estão reforçados pelas entrevistas com diversos atores que permeiam esta pesquisa.

Nos parece que este foi um dos elementos que foram nutrindo e gerando ainda mais representatividade, até porque algumas canções já chegavam como forma de

protesto. E foi em forma de protesto que os primeiros raps nacionais acabavam por conectar os funkeiros a uma corrente que ia desaguando na forma de um contrapoder. Os Mcs Claudinho e Buchecha são um exemplo de pioneirismo quando se trata de raps de galera, tocados em festivais e na tv. A música deles foi criada dentro de um festival que acontecia no clube Tamoio em São Gonçalo promovido pela equipe de som Furacão 2000, dos anos de 1990.

A letra do rap de galera do Salgueiro, destacada acima, foi trazida para retratar dois tempos (“festival” e “corredor”). No “festival de galeras”, quando o DJ convocava as “galeras” (conforme seus laços de união) para se apresentar com bolas e uma maquete temática, os funkeiros iam “pulando de mulão” enquanto uma pessoa cantava o rap daquela galera específica, do palco. Nesta hora, as brigas irrompiam. O rap de galera servia para fomentar as rivalidades ao mesmo tempo que gerava representatividade. No festival, ainda sem corda, a briga acontecia em qualquer espaço do clube e um grande buraco se abria no meio. No entanto, um corredor imaginário já estava se estabelecendo, isto porque cada “mulão” já tinha o seu espaço reservado no clube e quando outro “mulão” desfilava próximo aquele espaço, as brigas eram parte do espetáculo.

Nesta parte da história, pode se dizer que qualquer clube já possuía linhas imaginárias reservadas para determinadas galeras. Segundo as palavras do entrevistado (E7, morador de São Gonçalo):

Do lado esquerdo do clube Tamoio em São Gonçalo, ficavam: Salgueiro, Chumbada, Fazenda, Boassú, Mutuapira, Marimbondo, Paiva, Porto Velho. Na mesma parte esquerda tinha um local que cabia as galeras rivais: Boa Vista, Camarão, Coroados, Porto da Pedra, Otto e outras que não tinham afinidade com nenhuma dessas outras galeras que também estavam na parte esquerda. Na hora do desfile, todas as outras galeras (deste lado esquerdo) brigavam com ela e o inverso também acontecia. Bem como, na parte direita do clube havia galeras rivais em seus respectivos espaços vivendo o mesmo jogo.

O tabuleiro do jogo estava sempre montado, nestes moldes, em qualquer festival de galera promovido nos clubes espalhados pelo Rio de Janeiro. Caso uma pessoa fosse para outro clube, diferente da sua cidade, teria que buscar afinidade com galeras da cidade

local e negociar a “formação de mais um bonde” e assim iam ampliando os pertencimentos e as distinções.

Gradativamente o rap de galera foi dando lugar ao chamado “grito de galera”. Os “gritos de galera” consistiam em rimar em torno das favelas que faziam a união de determinado bonde.

Exemplo de grito de galera do Salgueiro:

- Geral de São Gonçalo, “peida” para esse “mulão”. Peida para o Salgueiro, Fazenda e o Chumbadão. Segura essa galera que o bonde é do terror: Mutuá, Chumbada, Salgueiro, Porto Velho. Primeiro São Gonçalo, agora o mundo inteiro peida para a Chumbada, Fazenda e o Salgueiro.
- União de São Gonçalo, vai jogar você no mangue para o Jacaré do Salgueiro.

“O Salgueiro – neste caso trata-se de uma comunidade situada no município de São Gonçalo - era parte do que depois, já com o corredor, foi batizado como “União de São Gonçalo” e o lado escolhido por eles foi o B. O Mascote escolhido, pelos componentes foi o Jacaré. Isso porque na favela do Salgueiro há muitos mangues e o jacaré é um animal natural daquela localidade” (E8, São Gonçalo). Tudo favorecia as rivalidades e começava na criação das melodias, que começaram primeiro com os raps e depois substituído pelos “gritos de galera”. Neste contexto os atores começaram a nomear seus bondes²⁷ e respectivamente o Dj fazia a *montagem*²⁸ baseada no nome daquele respectivo grupo, revelando todo o seu sentimento de participar a partir da representação do território que pertencem. “As brigas antes esporádicas que aconteciam quando um “mulão” passava próximo a outro “mulão”, já estava oficializada pela promoção dos bailes chamados festivais de galera” (E2, São Gonçalo). A chave musical no apelo do som por via das montagens (por meio dos gritos de galera), começa a aparecer disputando a cena junto com os raps de galera.

As músicas na forma de montagens são centrais para a produção de violência e colaboram para o formato do “corredor”, como veremos mais à frente. Isso porque o

²⁷ Bonde é nome dado a um determinado grupo de favelas que possuem união, independente do tráfico. União essa que vai organizar os componentes dos lados A e B. O termo mulão também detém o mesmo significado.

²⁸ Termo que faz referência a um mix de partes de várias músicas em uma. A montagem de galera consiste em enviar um recado à outra galera por meio de mixagens feitas pelo Dj.

conteúdo sonoro das montagens tem por objetivo fomentar ainda mais os duelos, logo, assume a forma de mola propulsora musical geradora dos conflitos.

Os primeiros festivais de galera começaram a ser promovidos na ala Leste Fluminense do Rio pelo Clube Mauá de São Gonçalo. As galeras campeãs do último festival do Mauá, promovido pela Furacão 2000, batizou o clube de “Maracanã do funk” dado o seu tamanho (segundo entrevistas) e por abarcar galeras de várias partes do Rio de Janeiro. “As galeras campeãs, na ocasião, foram: Lindo Parque, Boa Vista, Camarão e Mutuapira” (Todos os entrevistados estão em consonância com a afirmação, que se vê no próprio “hino” da Furacão 2000). O Hino, ou a música/rap de galera campeã, revelou o MC Dieddy. Este artista foi o primeiro que alcançou o Brasil, com canção oriunda deste formato de festa o que o levou a ser convidado pelo programa da Xuxa. O próprio “hino” da Furacão 2000 carrega o nome dessas galeras e as cita no papel de campeãs. Na qualidade de frequentadora, estive presente nesta etapa onde desfilei com meus amigos representando a galera da Boa Vista. Posteriormente o clube Tamoio/São Gonçalo, passou a dar continuidade aos festivais, revelando muitos outros artistas, dentre eles os MCs Claudinho e Buchecha que participavam representando a galera do Salgueiro (comunidade de São Gonçalo) e as outras que com o Salgueiro faziam a união.

Os atores começaram a fazer uma espécie de gestão de territorialidades (redes) que se constroem a partir do sentimento de pertencimento. Teias inteiras no interior do território da favela, começaram a se engajar na busca de transcender suas relações, antes só pessoais, e a sensação de identidade e pertencimento movia as pessoas à vontade de mostrarem que a sua localidade era de fato forte e eles também.

4.1 Bailes de Corredor

Na ritualização da violência nos bailes funk, os grupos não visavam propriamente à eliminação do inimigo, cuja permanência parecia garantir o clima de excitação e competição, mas o reconhecimento de um território. A participação no jogo compensava um cotidiano que, em geral, os excluía (Herschmann; 2000, p. 174-175).

Como as rivalidades já eram um fato nos bailes, a partir das linhas imaginárias, os clubes espalhados pelo Rio de Janeiro se readaptaram para dar lugar oficial ao espaço das brigas entre 1994 e 1995. Entradas, banheiros, enfermarias, estacionamento para os

ônibus e afins; tudo com espaços reservados às galeras do Lado A e do Lado B. Os donos das maiores equipes de som da época, (Furacão 2000, ZZ Disco, A Gota, Dudas) nomearam alguns interlocutores para que a organização desse certo, e estes eram chamados de “representantes de galera”.

As equipes forneciam crachás de identificação e alguns ingressos para os representantes, indivíduos tidos como destemidos e populares entre as mulheres. Nas palavras dos entrevistados:

“Levantar o nome do meu bairro ou comunidade, e ganhar fama de um dos melhores!” (E6, São Gonçalo)

“Participar para mim era a oportunidade de representar a minha galera através das minhas composições musicais.” (E7, São Gonçalo):

“Defender o nome da minha galera. Tais palavras vem da própria diretoria do atual formato”. (E18, Niterói)

Como podemos perceber, a violência e o companheirismo (lealdade) eram código da conduta dos participantes. A violência era a pitada de glamour, ou seja, era o que alimentava o ego de cada participante, ou aquilo que todo guerreiro do corredor experimentava: sensação de vitorioso frente ao adversário e protetor e guerreiro destemido entre as mulheres. A rivalidade ia sendo alimentada pelos donos das equipes, quando faziam a convocação para os duelos durante a semana inteira por meio da extinta Rádio Imprensa FM. No meio do clube, ficava uma corda dividindo os espaços em lados A e B e as pessoas que queriam brigar iam para lá, para o corredor. Ou seja, a maioria das pessoas iam ao baile para dançar e ver o espetáculo e não propriamente para brigar.

Pode-se concluir que a violência possuía para as galeras que os frequentavam um caráter lúdico. O jogo radical praticado nas pistas de dança refletia não só a glamorização da violência, como também uma sociabilidade violenta ampla, que permeia toda a sociedade. (Cymrot; 2011, p.170)

Danilo Cymrot (2011) reflete de forma sistemática, a respeito do que as brigas de fato significavam para quem curtia. O autor tem o cuidado de não criminalizar as pessoas que frequentavam o movimento. Bem como, acima de tudo, explana toda a seletividade da lei e da violência usada pelas mãos do Estado. Por fim, revela como essa violência chega até as pessoas que a sentem no cotidiano favelado.

A bruta ruptura que se impôs aos bailes funk de corredor dos anos 90, uma das principais vias de lazer e cultura para os moradores de favelas baseou-se no problema

com a violência e na forma pela qual o Estado sistematicamente interveio nesses bailes. Em tese, os anos 90 dividiram-se entre o *festival de galera*²⁹, o posterior *corredor*³⁰ e seu fim nos anos 2000 no espectro da criminalização dos eventos. Como podemos perceber, a criminalização do funk estendeu-se aos funkeiros e aos moradores de comunidades com a legitimidade do poder público e todo o seu processo de segregação. O Estado trouxe à exposição, um apartheid ainda vigente. Assim, condenados pela ilegalidade, os bailes foram proibidos e empurrados de volta à favela.

4.2 Bailes de Favela

Vou te dizer
 Tem preto e tem branco, moço!
 Tem sim, empenhado no seu bem-estar.
 A favela é socialista, me deu overdose de consciência
 Religiosidade, fê em Deus, trazemos no coração
 Paz, justiça e liberdade
 Guerra pelo bem, sem desunião
 E responde Sebá:

²⁹ Do palco, o DJ ou o organizador do baile chamava grupo por grupo (conforme os laços de união das comunidades) para se apresentarem. Nesta hora, o volt mix era aberto para uma pessoa cantar enquanto sua galera (grupos de comunidades) pulava e então desfilava. O termo desfilar era dado pelo entendimento da organização das comunidades na qual cada uma tinha seu momento e também um tempo para mostrar o tamanho de seus integrantes que se organizavam com um tema do desfile que era designado pela equipe de som, sempre com antecedência, para mostrar o trabalho que desenvolveu para aquele tema específico. O final do “festival” que durava cerca de um mês cada, com 4 apresentações em média por mês, consistia em dar um troféu à galera que tivesse tido mais imaginação, criatividade, organização e união. Assim, ao final de cada festival se estabelecia o grupo de galeras campeãs. As rivalidades geralmente ocorriam na hora do “desfile” onde a galera A poderia simplesmente cadenciar uma agressão em alguém da galera B. Isso porque cada parte do baile já era reservada para determinadas comunidades e a divisão inicial era imaginária, não havendo corda ou algo que os separasse de fato. Então, quando chegava o momento do desfile, ocorria daquela “galera” desfilando no espaço que não lhe “pertencia” o que gerava conflito. Músicas (raps e montagens), com letras dos nomes dos bairros, estimulavam que a “galera” x mostrasse sua força para a “galera” y e vice-versa. Neste contexto ainda não havia corredores de brigas que poderiam ocorrer de forma aleatória.

³⁰ Nasceram os clubes de corredor após o fim dos festivais de galera em 95 (aproximadamente). Durante a semana a antiga rádio imprensa FM, anunciava onde aconteceriam os bailes que eram realizados nos finais de semana e todas as equipes de som como Dudas, Cash Box, A Coisa, Pipo’s, Furacão 2000, ZZ Disco etc. tinham, cada uma, o seu horário reservado para tocar os raps e montagens e rivalizar umas com as outras. Enquanto as galeras eram fomentadas a se enfrentar o mesmo ocorria com as equipes, pois havia encontro de DJs onde uma equipe confrontava a outra através dos sons elaborados pelos djs. O encontro tinha o nome de duelo de equipes, mas os empresários estavam em busca de lucro e não iam brigar no sentido literal da palavra. Ônibus eram alugados para que galeras de todo o Rio de Janeiro pudessem se encontrar de alguma forma nos vários clubes que eram organizados em diversas cidades espalhadas, ou seja, praticamente quase todo Bairro já visitou algum lugar do Rio através desta premissa de ir até uma outra cidade e poder então fazer o seu nome. Os clubes eram planejados desde as entradas, enfermarias, bares e banheiros separados, um para o lado A e outro para o lado B e dentro dele uma corda já dividia o espaço. Os ônibus também possuíam seus estacionamentos separados e quando o clube era localizado em área de lado A, por exemplo, essa galera deveria entrar antes para que somente depois pudesse entrar a galera do lado B. Às vezes acontecia do Lado A expulsar o lado B ou o contrário e aí era êxtase total (significava a vitória plena de um lado e ficava estabelecido a sua força diante do outro). Geralmente isso acontecia quando um lado estava visivelmente maior do que o outro. Mas a polícia sempre estava presente para controlar os ânimos.

Meu movimento é político-social, meu tráfico é cultural.

Mr. Catra

Sem apoio para a realização dos eventos, nos anos 2000, os funkeiros (não todos) passam para o contexto dos bailes de favela. “São eventos concentrados nos espaços da favela e com a presença ativa do tráfico de drogas” (E10, Niterói). Nesta fase, conforme entrevistas, nascem duas vertentes então chamadas de proibidas: o “funk da putaria” que apela para a sensualidade das mulheres e o “funk proibidão” que narra o cotidiano violento e neurótico dos moradores. Contudo, há um nicho de funkeiros que não se veem representados por nenhuma dessas duas novas vertentes (segundo as entrevistas) e são eles o objeto central deste estudo.

A respeito dos proibidões, define-se que são canções que divergem claramente da polícia e de sua forma letal de agir dentro das periferias. Um perfil musical que tem criado um grande núcleo de simpatizantes. “O normal é que todo vídeo tenha 1 milhão de views em 24h”, conta Konrad Dantas, o Kondzilla³¹”, segundo matéria do G1. A confirmação se dá por meio do número de visualizações das músicas no YouTube, por exemplo, que já chegaram a passar de 1 milhão em vinte e quatro horas.

Em segundo lugar, fica claro que esse movimento liderado pelos MC’s (Mestres de Cerimônia ou os intérpretes das canções), que já foram perseguidos e presos pela polícia por apologia ao tráfico ou por crime organizado, não pode mais ser julgado como um ato criminoso.

Nesse sentido, Danilo Cymrot (2011) destaca que o proibidão incomoda porque joga na cara da sociedade uma realidade que ela prefere esconder. Ao passo que Facina (2009), aponta que proibir o funk é segregar ou tornar invisível a experiência do que é ser jovem e favelado no contexto urbano brasileiro e aumenta a discussão ao apontar que criminalizar a cultura do funk, incluindo-se aí o proibidão, é criminalizar os pobres. O momento da produção dos proibidões renderam perseguição e prisões à inúmeros MC’s, num ato forçado que possuía como intuito retratar o cotidiano violento nas favelas. MR

³¹ KONDZILLA vira maior canal do YouTube no Brasil e quer dominar funk além de clipes. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/noticia/kondzilla-vira-maior-canal-do-youtube-no-brasil-e-quer-dominar-funk-alem-de-clipes.ghtml>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Catira do Borel, um dos pioneiros, gravou um CD inteiro com versões ditas proibidas ao final de 1999. Contudo, provavelmente, as constantes perseguições fizeram com que ele parasse e investisse para o proibidão da putaria e ganhasse o cunho de rei deste estilo.

Há destaque para uma matéria, publicada pelo G1³², em 2010, sob o título: Funkeiros são presos no Rio por apologia ao tráfico. Entre os presos destacaram: Wallace Ferreira da Mota, o MC Smith, Frank Batista Ramos, o MC Frank, Fabrício Baptista Ramos, o MC Ticão, Max Muller da Paizão Pessanha, o MC Max. Um outro cantor e Anderson Romoaldo Paulino da Silva, o MC Dido, que estaria então foragido.

O site Palmares³³ em 2009 revela: "Os dois principais escritórios que agenciam os funkeiros, são a Big Mix do DJ Marlboro e a Furacão 2000 de Rômulo Costa, eles apostam quase exclusivamente em artistas que adotam o sexo como temática principal". Alguns MCs chegaram a mudar o estilo para ganhar mercado. "Muitos dos que hoje 'mandam a novinha sentar' têm rap de cunho social", ironiza MC Leonardo." Por fim, todos os MCs foram soltos e atualmente continuam fazendo os mesmos projetos, inclusive inspiraram nomes como MC Cabelinho, MC Poze do Rodo entre outros. As letras politizadas foram boicotadas e perderam em efeito para dar espaço às letras com temática sexual.

Reações políticas e disputas aconteciam no ano de 2008, quando o ex-chefe da Polícia Civil, Álvaro Lins, criava seu principal projeto de lei na qual criminalizava a prática do baile funk, principalmente nas favelas. A assembleia legislativa aprovou a lei, com 69 votos contra um, num tempo recorde de três meses. As regras colocadas na pauta, inviabilizariam a promoção do evento em espaços de favela, mas os clubes mais ricos não teriam problema em promover esses mesmos bailes. No mesmo ano, Álvaro Lins foi cassado e preso, sob acusação de formação de quadrilha, facilitação de contrabando, lavagem de dinheiro e corrupção ativa. O voto solitário, contra os 69 a favor da criminalização, foi do Deputado Marcelo Freixo.

³² FUNKEIROS são presos no Rio por apologia ao tráfico. G1: Agência Estado, 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/12/funkeiros-sao-presos-no-rio-por-apologia-ao-trafico.html#:~:text=S%C3%ADmbolos%20que%20exercem%20grande%20influ%C3%A4ncia,ocupa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Complexo%20do%20Alem%C3%A3o>. Acesso em: 19 fev. 2024.

³³ SOM de preto, de favelado, e criminalizado. FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2009. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=3701#:~:text=Seu%20principal%20projeto%20de%20lei,apenas%20pelos%20clubes%20mais%20ricos>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Em 2009 o funk foi definido como movimento cultural, por lei. Paralelo a isso, revogaram a antiga lei Álvaro Lins. Após 39 anos do seu surgimento, oficialmente, o funk se deslocava da pasta de segurança pública e passava pelos órgãos de cultura do Estado. A primeira lei de número (5.543/09), que conferiu o título de movimento cultural foi de autoria dos deputados Marcelo Freixo (PSol) e Wagner Montes (PDT). A segunda lei de número (5.544/09) que permitia os eventos nos espaços das favelas, também foi responsabilidade do Marcelo Freixo desta vez em parceria com o deputado Paulo Melo (PMDB). Dos seis artigos aprovados, há um parágrafo único que diz: Não se enquadram na regra prevista neste artigo conteúdo que faça apologia ao crime. Temos uma brecha que coopera para a não produção de hits que traduzam a violência nas favelas. Ou seja, letras de caráter mais subversivos são agora o novo argumento para a perseguição.

A criminalização do funk baseia-se em preconceitos arraigados sobre a favela e suas expressões culturais. Seja um produto musical falando sobre “galeras”, “corredor”, “proibidos”, “melody”, “putaria” ou afins. Qualquer “barulho” nascido das periferias é perseguido e atacado para ser silenciado, ainda que a comunidade esteja amparada pela lei ao se reunir. Em suma, o funk pode ser entendido como consequência de uma sociedade marcada ativamente por: exclusão e violência. Ao encarnar o rosto e o corpo periférico, o funk que já é alvo de repressão, consequentemente passa a ser perseguido e ainda mais marginalizado. A data 12 de julho de 1970 ficou conhecida como o dia nacional do funk em homenagem ao ponto inicial da sua trajetória. Um projeto de Lei, apresentado em 2021, desenvolvido pelo Deputado Federal Alexandre Padilha (Partido dos Trabalhadores) fez com que o Congresso Nacional decretasse a lei. Vejamos o trecho:

Estima-se que o gênero tenha cerca de 20 milhões de adeptos por todo o país. De acordo com reportagem de 2020, publicada pela jornalista Thais Monteiro, no Meio & Mensagem, “Em 2009, uma pesquisa realizada pelo FGV Opinião, instituto de pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, constatou que o funk movimentava R\$ 10 milhões por mês no Rio de Janeiro. Em pouco mais de dez anos, passou a gerar mais de R\$ 40 milhões, segundo estimativas de Afonso Marcondes, head of music da Sync Originals e fundador da escola de negócios Musicness, e Müller Santos, diretor da GR6.”. A criação de um dia nacional para celebrar a cultura funk significa a institucionalização de um espaço para que se discutam políticas públicas capazes de atender as demandas das comunidades onde o movimento é mais forte, gera renda e oferece à população uma possibilidade de lazer. Sabendo que o acesso à renda, ao lazer e a equipamentos de cultura são direitos negados às comunidades vulnerabilizadas por todo o país, a mobilização aqui apresentada pretende

estabelecer uma data a fim de criar esse espaço de debate, fomentando a valorização da cultura popular. (PROJETO DE LEI ³⁴Nº 2.229, DE 2021)

Muitas iniciativas políticas, como vimos, vieram da parte da polícia ou da política. Ainda que o movimento seja/esteja sendo perseguido por alguns, receberam e ainda recebem de outros o reconhecimento. O dia nacional do funk tornou-se um momento emblemático para a comunidade funkeira.

O "funk das antigas" de “galeras” ou propriamente as “resenhas”, são nomes que marcam um movimento que surge como resposta à proibição dos "bailes de corredores" nos anos 1990 e foco central deste estudo. Movimento que passou por uma ressignificação e renascimento a partir dos destroços deixados pelo Estado. Nesse contexto, a música negra e as expressões artísticas negras tornaram-se inseparáveis, desempenhando um papel fundamental no ressurgimento do movimento. Atualmente, os encontros do “funk das antigas” ocorrem somente quando há autorização da polícia. Uma das estratégias adotadas pelos organizadores desses eventos para se obter o aval do Estado, via polícia, ao que parece foi nomear os encontros como “resenhas”, fugindo assim do estigma associado ao termo “baile funk”. Podemos perceber a preocupação presente na fala do entrevistado abaixo:

É o que a gente primeiro começou a fazer as regras para que o funk da antiga fosse diferenciado de outros movimentos que não condiz com o nosso movimento. Então, no nosso movimento foi da antiga. É extremamente proibido apologia ao sexo, drogas, ao crime, a qualquer tipo de situação que não seja favorável à sociedade e a gente está dentro dessas regras, nos nossos bailes. Se chegar à comunidade durante o evento e tocar algum tipo de música referente a esse... esse tipo de apologia, essa galera fica suspensa durante um ano, ela fica um ano sem, sem fazer evento. (E14, Niterói)

O entrevistado acima faz referência direta, aos chamados “bailes de favela” (que tocam proibições) e ao que ele chama de “funk dos novinhos” que ocorrem com apoio do tráfico de drogas local e toca músicas com apelo sexual. Esta postura de não permitir que o funk da antiga seja confundido com outras vertentes é uma posição importante para os

³⁴ COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA. PROJETO DE LEI Nº 2.229, DE 2021 nº 2.229, de 19 de fevereiro de 2021. Estabelece o dia 12 de julho como o Dia Nacional do Funk. [S. l.], 2022. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2351012&filename=Parecer-CCJC-2023-10-25. Acesso em: 19 fev. 2024.

próprios promotores das “resenhas”. Além disso, torna-se um argumento central utilizado para tornar, frente ao Estado e ao debate público, os encontros que eles promovem, menos estigmatizados. As penalidades para quem não obedece as regras, chegam em conjunto no interim do debate entre os organizadores, como percebemos no trecho acima.

Abaixo (E1, São Gonçalo), um dos interlocutores da presente pesquisa, explica como se deu a criação de uma dessas “resenhas”, por meio do grupo “Guerreiros das Antiga” ou GDA.

Em 2015 dois amigos conversando, dois amigos moradores da Engenhoca/Niterói, resolveram ousar e arriscar para tentar unir os dois lados e funcionou. Surgiu o grupo Guerreiros da Antiga (GDA). Salvo engano o nome Paulo César Teixeira, o PC, que criou. Ele hoje é designer que faz uns flys para as galeras e todas as outras artes: bandeiras, camisas e vestidos. Enfim. A parte de visual do funk é dos precursores, mas a criação mesmo foi com o Patrick e o Pé, ambos são moradores da Engenhoca, Niterói. Eu respondo da ponte para cá. O GDA foi o primeiro do estado do Rio de Janeiro, mas depois surgiu: União de Niterói e depois também surgiu o RM (União da Região Metropolitana) os Lendários Bonde do Expulsa, União sem Fronteiras... enfim. Então foi organizando dessa forma e para dar continuidade ao funk que tudo começou e acabou por retornar com o nome funk da antiga. O dia 22/01/2015 foi um marco na história do funk da antiga no RJ. Todo mundo foi, não teve violência, não teve confusão, teve nada! Todo mundo pulou, brincou e relembrou os velhos tempos, foi um grande flashback. (E20, São Gonçalo).

A partir das narrativas dos entrevistados, sobretudo organizadores das “resenhas”, buscamos reconstituir o processo de formação do “funk das antigas”, bem como as intrincadas e complexas relações de aproximação e afastamento entre as imagens de funk elaboradas por esses organizadores em relação às outras vertentes ou movimentos funkeiros do passado e do presente.

Tudo começou na favela com pessoas desempregadas, pessoas que não tinham, como eu, perspectiva nenhuma de vida... a se encontrar ali. Pessoas que estavam desempregadas, outras pessoas que, acharam sentido e vontade de fazer um emprego. Neste contexto, começaram as ações sociais, a partir de pessoas sem nenhuma perspectiva de vida. (E5, São Gonçalo).

O marco de origem, por assim dizer, do funk das antigas aparece em muitas entrevistas como um acontecimento despretensioso, surgido de uma conversa informal entre dois moradores de uma comunidade de Niterói no ano de 2015, quinze anos depois após a proibição dos bailes. Atualmente, as “resenhas” se espalharam por todo o estado do Rio de Janeiro, subdividindo-se em siglas que representam suas respectivas regiões e com diretores responsáveis. As reuniões de cada grupo são incrivelmente organizadas a

partir dos mesmos laços de união ou desunião do antigo cenário dado aos anos 1990. Isto porque, nos anos 1990, “seria impensável reunir em paz as galeras dos lados A e B, dada a forte rivalidade” (Entrevistados em consonância com a afirmação). Rivalidade esta que ainda é sentida - entre os seus componentes. Os entrevistados nos revelaram ter sido um grande desafio conseguir tal feito, visto que o tráfico de drogas pesou ainda mais neste processo. Ou seja, galeras dos lados A e B não firmavam sua rivalidade pela premissa de facção criminosa. Contudo, morar em comunidade de facção X era tido como um impeditivo para transitar em espaços de facção Y, sob pena de morte.

Tem gente que nunca pisou eu tal lugar. Eu estou falando fisicamente porque dentro de uma cidade caótica, dentro uma guerra urbana, você fica cercado por não conhecer, você finca uma bandeira da paz real no lugar. Exemplo: Na época de baile corredor, aquela pessoa não podia pisar lá e a outra não podia pisar aqui. E nisso também veio o próprio programa estrutural da cidade: o tráfico. E você tem medo de ir. Hoje através do funk da antiga, independente da construção da violência, você pode pisar. Porque hoje uma camisa de funk da antiga te dá a credibilidade de que você é uma pessoa do bem.
(E10, Niterói).

O que temos como fato é que o diálogo dos diretores das “resenhas”, que antes foram representantes de galera, atravessa não só a polícia, mas de alguma forma atravessa também uma conversa com a liderança das comunidades, para que a festa aconteça sem nenhum perigo. Muito embora os entrevistados não tocaram no ponto sensível de como se dá os acordos com os chefes das comunidades locais, talvez por insegurança ou medo, até aqui sabemos que todos os encontros são oficialmente registrados na Delegacia de Polícia, local responsável por liberar um alvará de permissão. Mais que isso, não há perigo eminente para quem mora em comunidades de facções rivais transitar em espaços disputados pelo tráfico.

Um movimento que, segundo os entrevistados, nasceu de uma ideia de paz e sem “padrinhos”, sem fins lucrativos ou mesmo influência empresarial. Fato ressaltado nos relatos dos organizadores das “resenhas” é que nenhum parlamentar, que se tornou bem-sucedido a partir dos “bailes de corredores” e da promoção da estigmatização do funk como espetáculo da violência, preocupou-se em promover eventos de funks alternativos. A iniciativa, portanto, chega sem apoio oficial e somente sob a vigilância da política e polícia, revelando um forte preconceito que sempre existiu em relação ao funk.

Porque é o seguinte: muita gente perdeu a vida, muita gente ficou para trás, muita gente ficou pelo caminho. Então quem viveu e quem sofreu tudo que a gente sofreu, hoje, tem um orgulho de estar numa resenha com pessoas que estão vivas e que por muito tempo eram desunidos. E hoje estar aqui apertando

a mão, não precisa ser amigo... Isso mostra que quando se tem um “alemão vivo”, prova que eu também estou vivo. Porque é a prova viva que eu curti aquilo, entendeu? Não estou sendo tolerado, mas sim respeitado e recebido. (E10, Niterói).

Como reforçam os organizadores, as “resenhas” são iniciativas da comunidade e para a comunidade. Uma necessidade das periferias para as periferias, um desabafo ou uma vontade de dizer: estamos vivos. Quantos mais estão? Quem aceita o desafio de agradecer e apertar a mão do seu antigo rival? Quem estaria disposto a um resgate a partir da premissa da paz? Mais uma vez, o passado revela sua força na concepção, organização e sociabilidade das “resenhas”. Neste novo momento do movimento, percebemos que há uma conciliação com o passado.

Quem são os Guerreiros?



As pessoas que brigavam. Assim, a logotipo desenvolvida pelo grupo GDA, Guerreiros das antigas, são duas mãos entrelaçadas formando uma união com as duas cores: o vermelho e o azul, simbolizando o fogo e o gelo. Com as duas mãos no meio ali, entendeu? Guerreiros das antigas. E tinha também o lance de facção que um lado é vermelho e o outro é azul. (E10, Niterói. Criador de toda as artes)

5 CAPÍTULO IV: Por dentro das “Resenhas”

Neste capítulo, recorreremos a materiais primários de pesquisa, sobretudo entrevistas, e a fontes bibliográficas. Por aqui conheceremos melhor os muitos fatores que constituem os indivíduos que estão na frente organizacional de toda a estrutura desta nova configuração. Para além, também serão descritos como se deu e o que se encontrou no trabalho feito em campo.

5.1 Fronteiras que separam o movimento funk das antigas do atual

Importante tratar de algumas fronteiras que separam o movimento funk das antigas do atual funk, ainda que ambas as festas aconteçam nos mesmos locais: as favelas. Isso porque há uma forte valorização do que os componentes chamam de “família”. Entre os componentes há o estabelecimento e a construção de uma estética regrada, principalmente, segundo os realizadores do funk das antigas, no que diz respeito à valorização da mulher.

Algumas declarações a respeito do atual funk (dos novinhos):

Isso é verdade, uma letra imoral ela vai levar uma coreografia também imoral. Não é só letra, não. Se começa a fazer gestos. (E2, São Gonçalo)

A gente não tem intenção de minar eles, é pela preocupação pela educação dos que darão continuidade ao movimento. (E10, Niterói)

Eu não gosto também, não gosto, não gosto lá em casa. Minha filha já sabe, não gosto de pessoas que tocando isso junto contigo, na minha casa não. (E9, São Gonçalo)

Sou uma mulher de 42 anos. Hoje eu ouvi uma música que faz aquele efeito de uma mulher vulgar. A ideia de adultização precoce não cabe, entendeu? Não cabe a sexualização para uma criança. O nosso movimento é cultural, atemporal e familiar. Daqui para a frente vai haver outros movimentos funk e outros tipos de funk. (E4, São Gonçalo)

Eu não acho legal a minha filha de 11 anos escutar... esfrega a bunda ali. (E7, São Gonçalo)

Pois é, como eu levar meu sobrinho? E a minha mãe? Não vai tocar no nosso movimento. A gente não vai levar isso para o nosso funk porque a gente tem família. E ali vão as mães e tal... (E2, São Gonçalo)

A gente já conseguiu quebrar barreiras dentro dos órgãos públicos que conseguiram enxergar que o funk da antiga é uma coisa e o funk da garotada é outra. (E5, São Gonçalo)

Pelo que vimos o movimento funk das antigas é completamente contra as composições musicais da atual geração, que segundo eles, estigmatizam a mulher. Com isso, há um esforço de afastar do movimento funk das antigas tudo o que é produzido hoje em formato sensual ou o que comumente se denomina de “funk da putaria”. Como destacado pelos participantes, o funk dos novinhos representa o gênero feminino de forma pejorativa, entoando palavrões etc. Os funks que denunciam a vivência dos moradores locais com tráfico de drogas (os funks proibidões), também não são bem-vindos. Logo, este formato de música não toca nas “resenhas”. Muito embora as festas funk da

atualidade toquem raps e montagens dos anos 1990, na organização das festas dos guerreiros das antigas não será permitido que o movimento inverso ocorra. Há também a preocupação com a educação dos “guerreirinhos”, isto porque em todos os eventos há a presença de crianças. Segundo os seus componentes: “Tocar o funk atual prejudicaria a imagem do movimento e comprometeria a educação de seus filhos”.

Tratando da atual configuração do funk, os MC’s e DJ’s ³⁵do “funk dos novinhos” vão tocar suas músicas somente nas favelas (quando o assunto for o funk proibidão) ou podem ser convidados a tocar em alguma festa elitizada (quando o assunto for o funk da putaria). Contudo, o que eles tocam é um tronco do funk que caminha na contramão do que toca nas “resenhas” dos funks das antigas que objetiva recuperar o sentido da família.

Vejamos abaixo a posição de mulher entrevistada (E4, São Gonçalo), que ao ser questionada sobre a questão do conteúdo das letras no formato do funk sensual, foi aplaudida por todos os convidados em consonância:

(...) Quando a gente fala sobre valorização da mulher, mulher no mercado de trabalho, postos políticos, violência doméstica, estupro... a cultura do estupro que nós estamos tendo atualmente. Não cabe uma música que faz uma hiper sexualização do corpo da mulher, dos órgãos sexuais da mulher, dos movimentos da mulher, das curvas que uma mulher tem. Então não cabe nesse momento no nosso contexto social, esse tipo de música. Não é que a gente criminaliza é porque nós estamos passando por uma sociedade que está em mudança de visão sobre a mulher. Que não vê mais a mulher como só aquele corpo, de antigamente. A mulher hoje em dia é uma mulher que trabalha, é uma mulher que estuda, é uma mulher que pode chegar aonde ela quiser, mas é uma mulher que não quer que o homem a veja como só um corpo, só porque ela sabe dançar e sabe fazer movimento sexual. Então, hoje em dia não cabe uma música que só fale disso, não. Talvez uma música de funk que valorizasse a mulher e valorizasse a inteligência da mulher que colocasse a mulher como um centro e no pilar, né, que a mulher é o pilar de tudo. Ela é a base da família. Ela é a cabeça da família dela, ela que gera ela, ela que cria.

Trata-se de duas esferas que não caminham juntas por defenderem um olhar social diferente, e isso ocorre pelo fato de seus integrantes terem tido experiências diferentes ou por terem vivido em gerações diferentes. Apesar de toda valorização da família, da rejeição a determinados comportamentos entendidos por parte dos organizadores como

³⁵ SIGNIFICADO de MC. [S. l.]: Equipe da Enciclopédia Significados, 2000. Disponível em: <https://www.significados.com.br/mc/#:~:text=Em%20muitos%20casos%2C%20o%20MC,momento%2C%20algo%20conhecido%20como%20freestyle.%3E%20Acessado%20em%2007,%20de%20outubro,%20de%202023>. Acesso em: 19 fev. 2024.

prejudiciais à educação das crianças frequentadoras das “resenhas”, estamos também a explorar, como e se, o Estado faz distinções quando das intervenções que realiza seja nos bailes conhecidos como “proibições” seja nas festas de funk das antigas conhecidas como “resenha”.

Com a intenção de exemplificar o que ocorre por dentro das “resenhas”, abaixo, a partir das palavras de uma entrevistada, veremos como é realidade do Morro do Castro e as experiências sentidas por ela a partir deste território.

Entrevistada: (E4, São Gonçalo) – Bonde dos carrascos.

Embora professora, eu ainda sou vista como uma favelada porque eu uso minha camisa de galera. Eu vou para dentro das favelas ainda curtir o meu funk porque eu gosto, e vou de cabeça erguida. Eu encontro alunos meus dentro da favela, o que para mim é importantíssimo. Eu encontro ex-alunos meus, que estão na graduação, dentro das favelas e a gente troca ideias.

Se eu chegar na escola onde eu trabalho e falar que eu fui para um baile funk na favela x ou y, ouço coisas do tipo: Nossa! Você não tem medo? Você tem coragem? Eu tenho que ter coragem para me jogar da ponte Rio Niterói, gente! Agora, para eu ir para dentro de uma favela com os meus, porque quem está lá são os meus. São os meus alunos, os amigos dos meus filhos.

Eu não tenho medo de entrar em favela e nunca tive, eu sou cria da favela. Então, eu entro na favela de cabeça erguida. E amanhã ou depois se eu tiver um cargo político, porque o futuro a Deus pertence, eu vou continuar entrando na favela como eu entro hoje, de cabeça erguida e para falar com todos de igual para a igual. Porque lá dentro da favela eu não sou professora. Lá dentro da favela eu vou continuar sendo a (E4) do Morro do Castro, como sempre fui conhecida. Ninguém se refere a mim como professora (E4), as pessoas me chamam de (E4). De onde? dos Carrascos! É assim que eu sou conhecida. E eu não tenho problema nenhum com isso e vou continuar sendo a (E4) dos Carrascos, independente de ascensão social e do cargo que eu venha ocupar daqui para a frente. O meu codinome é esse: (E4) dos Carrascos e é assim que todo mundo me conhece e eu tenho muito orgulho.

(E4, São Gonçalo)

O Morro do Castro fica localizado na divisa da cidade de São Gonçalo e Niterói, no estado do Rio de Janeiro. A cidade de Niterói possui cerca de 53 bairros. Os dados do IBGE apontam uma população estimada em 516.981 pessoas, um crescimento de 29.419 pessoas, se comparado aos dados populacionais do último censo feito em 2010. Segundo Moreira (2020) sua história começa na época do Brasil Colônia e serviu como rota dos tropeiros vindos da região dos Lagos para a Baía de Guanabara. Durante as décadas de 1920 e 1940 era formado pelas fazendas: Castro Alves, Cruz Nunes e do Pau Ferro. A fazenda Castro Alves pertencia ao Senhor Castro. A relação senhorial perpetrada no Brasil Colônia ainda se faz presente na história do Brasil contemporâneo. Se antes os indivíduos escravizados eram remanejados de uma área a outra, conforme as necessidades dos

senhores, não é diferente quando pensamos a favela como um espaço que abarca pessoas em situação de subserviência e que também sofrem com o dever de aceitar a situação violenta do espaço ou se deslocar dele, quando possível. Contudo, há um orgulho ainda ferido clamando por respeito na relação de um Brasil que ainda tem por princípio uma ordem ainda escravocrata que pretende dominar ou domesticar corpos.

Nas palavras da professora (E4, São Gonçalo), há a necessidade de dizer: sou do Castro e sou do Bonde dos Carrascos. O funk das antigas, que começa no corredor, parece conferir sentimento não só de pertencimento a determinado local. Acima disso, ele confere honra aos invisibilizados, identidade, um norte cultural e territorial. Essa força e apego que cada componente possui pelo local que pertence, antes testada nos duelos promovidos pelos corredores, se deslocou para um novo cenário onde todos entendem que só por meio da união e do pensamento coletivo, será possível conseguir algum resultado para a busca do tão sonhado respeito e aceitação social. A cidade de Niterói se faz muito importante por ser o território de onde saíram as ideias de união e paz.

Nas palavras do entrevistado (E10, Niterói):

O funk das antigas, não promove só um resgate. A gente quer melhorar, acertar os nossos erros, tentar fazer com que as novas gerações e nossos filhos não odeiem um vizinho de bairro por conta da sua geografia. Hoje nós todos conseguimos mudar a metodologia e aquele ódio que se sentia por uma outra galera e tal... não existe mais. Eu me sinto uma gotinha de um oceano grande, porque o que eu faço é por coletivo e é aí que eu me sinto um gigante, no meu coletivo. Na minha casa eu sou rei e na minha comunidade, melhor do que as palavras são os atos. Nós chegamos aonde chegamos sem influência externa e sem dever alguma coisa ao passado. Quando você melhora como ser humano, seu universo melhora. Nós damos exemplo para as novas gerações. Hoje a camisa do funk da antiga, te dá a credibilidade de ser uma pessoa do bem e isso acaba te dando uma armadura. (E10, Guerreiro da Antiga, Otto de Niterói).

A partir deste relato podemos ver que se antes o corredor, por meio dos atos de rebeldia, tinha por intenção alcançar o respeito mútuo, onde a lei do grupo mais forte prevalecia, agora o que temos é um enorme coletivo unido. Um coletivo que por estar unido usa da mesma rebeldia anterior e seus respectivos bondes, mas que agora almeja e tem como objetivo garantir memória e respeito a seus espaços, principalmente à sua cultura.

No trabalho da autora Grada Kilomba (2019), é abordada a necessidade de termos um percurso sobre consciência coletiva para que novas linguagens sejam criadas. Ao colocar a linguagem na condição de poder e de conhecimento, seus estudos mostram que é nessa reconfiguração de estrutura de poder, que muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a sua noção de conhecimento. (Kilomba; 2019; p.13). Analisando um pouco mais a atitude deste grande coletivo, é possível perceber que os componentes no atual cenário tomaram consciência acerca do seu verdadeiro rival: o Estado. E é com o Estado que, agora, os acordos/ lutas são negociados.

Fizeram uma empresa, onde eles possuem um CNPJ. Enfim, uma pessoa jurídica por trás, uma pessoa da esfera estadual que é Alerj, e dali sai tudo. Aí eles dizem que não tem envolvimento com político, mas enfim tudo deles é aprovado primeiro. (E1, São Gonçalo).

Segundo os entrevistados, a relação do funk da antigas com o Estado nasceu quando os encontros entre as comunidades começaram a acontecer com mais frequência e de forma gradativa. Esses primeiros encontros passaram a ter a marca da perseguição da polícia que embargava, criminalizava e terminava com a festa sem haver nenhum diálogo franco para tal atitude. A partir disso, o coletivo que não aceitou ser silenciado novamente como nos anos de 1990, em reunião, tomou a decisão de criar e registrar uma empresa legal. Nas primeiras linhas, trouxemos a narrativa da entrevista (E1, São Gonçalo) que já havia revelado que o início da união no ano de 2015, ocorreu após uma conversa entre integrantes da galera da Otto, localizada em Niterói/RJ quando nasce o então GDA (Guerreiros das Antigas).

Só que no período de eleição quem tem seus políticos é consegue fazer essa jogada (liberar o evento). Consegue a liberação mais fácil. Faz na praça, você faz em um clube que não tem um laudo do bombeiro, você faz na escola, você faz numa Pracinha pública onde nem é proibida tal sonoridade, você faz em estacionamento de carro, você faz em estacionamento de moto, você faz em casa abandonada, você faz no terraço. (E1, São Gonçalo).

Assim, segundo entrevistas, o coletivo começa a negociar com os batalhões policiais para com isso tentar resolver as burocracias colocadas para a realização de seus eventos, que em tese, ainda são difíceis e precários de se conseguir. Uma precariedade que segue um padrão firmado na lógica da narrativa do Estado, que sempre confere ao

movimento a imagem de algo opaco/precário e sem credibilidade e por isso não há o interesse na liberação das festas.

Atualmente a “resenha” acontece quando se consegue o alvará do batalhão policial local. Esta articulação nasce e precisa acontecer entre o diretor da sigla e a polícia, antes de qualquer realização de “resenha”, sob pena de encerramento da festa. Esta afirmação está embasada nas declarações da diretoria das duas empresas envolvidas nesta pesquisa, que estão a colaborar com o trabalho. Logo, o coletivo viu a necessidade de buscar legalmente um relacionamento com o Estado para que as “resenhas” tivessem alguma legitimidade junto às forças policiais. Em contrapartida, segundo os entrevistados, é possível que a polícia pode estar infiltrada, à paisana, sob a alegação de manter a “ordem social” do servir e proteger. Ao final de cada semana de “resenhas”, a diretoria tem a responsabilidade/obrigação de passar para o batalhão policial, sempre na segunda-feira, quantas pessoas cada festa conseguiu reunir. E mais, eles precisam informar qual foi o valor arrecadado com as bebidas e petiscos, se houve episódios de violência ou se havia pessoas fazendo uso de entorpecentes.

Estive presente em duas “resenhas”, sendo uma na cidade de Niterói (Favela da Brasília) e outra na cidade de São Gonçalo, no bairro Boa Vista (Comunidade do Abacatão). Duas experiências significativamente diferentes, isto porque em Niterói a favela da Brasília, ou a “resenha da capital”, faz-se com a forte marca do tráfico de drogas presente, por isso, o espaço é palco de constantes incursões policiais violentas. Trago essa informação para revelar que em Niterói, segundo a diretoria a UBA (União do Baile das Antigas), juntou-se aproximadamente 3.000 pessoas. Já na cidade de São Gonçalo, reuniu-se cerca de 1.000 pessoas. Gostaria de frisar, novamente, a importância da cidade de Niterói neste trabalho. Na década de 1990, montagens de cunho político já eram desenvolvidas, principalmente, pela favela e galera da Otto/Niterói (vizinha da favela da Brasília) que nesta nova configuração é quem dá início ao movimento que está sendo estudado. Com o intuito de retratar os conteúdos das melodias, que são exclusivas nas “resenhas”, trago com exemplo dois trabalhos feitos pelos MCs – Amilcka e Chocolate:

(Montagem de galera, anos 90.) Sad Saddam Hussein morro da Otto, na terra igual não tem.

Rap som de preto

É som de preto

De favelado
 Mas quando toca
 Ninguém fica parado (tá ligado)
 O nosso som não tem idade
 Não vê raça e nem vê cor
 Mas a sociedade
 Pra gente não dá valor
 Só querem nos criticar
 Pensam que somos animais
 Se existia o lado ruim
 Hoje não existe mais

As duas letras trazidas acima pertencem ao cantor e compositor de funk, Amilcka Rosa Filho, que é oriundo da favela da Otto de Niterói. O cantor foi entrevistado por mim, enquanto desenvolvia o trabalho de conclusão de curso de graduação, e encontrado também por mim, na “resenha” em questão. Ao compor a música “Som de preto”, o M’C emplacou e foi trilha sonora da novela América, de Glória Peres (2005) da Rede Globo de Televisão.

Segundo a revista Veja Rio, a Rede TV foi condenada a indenizar o cantor por utilizar o seu som sem a devida autorização do cantor. Este som repete o refrão: “é som de preto, de favelado, mas quando toca, ninguém fica parado!”, por 10 vezes. A montagem dos anos 1990, trazida em questão, transmite a mesma mensagem durante 2:49 e diz que o morro da Otto na Terra, igual não tem. Quem frequentou os festivais de galera ou os bailes de corredor, como eu e toda a diretoria envolvida na colaboração desta pesquisa, constata que a comunidade da Otto foi e é referência quando o assunto se tratava da força das ideias. Força, neste caso, se traduz no poder de influência que esta comunidade consegue imprimir diante das outras.

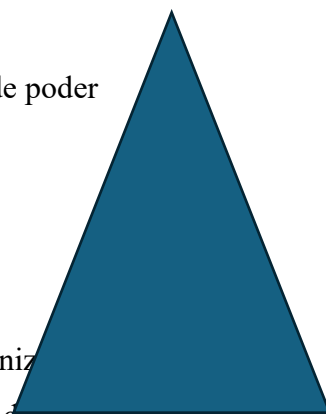
Este local estabeleceu laços de união com inúmeras outras comunidades do Rio de Janeiro, por meio dos seus representantes que saíam de Niterói para visitar outros bailes em cidades diversas. E a insistência da comunidade do Otto em divulgar as suas ideias levou o movimento funk a programas de TV e novelas de alcance nacional, sendo esta a maior prova de resistência cultural. Percebemos que a reivindicação por respeito e liberdade frente ao Estado, no âmbito do funk da antiga, começa logo no final da proibição dos bailes de corredor, no qual o cantor sempre marcou presença. A música do cantor Almicka, foi feita 10 anos antes do coletivo de Niterói conseguir emplacar a união entre as favelas, em 2015.

O Estado do Rio de Janeiro já conta com parlamentares oriundos de favela e muito embora este número ainda não seja suficiente, já temos lideranças importantes vindas de mulheres como Benedita, Renata Souza, Monica Francisco, Marielle Franco, entre outras. Todos em consonância pelo pensamento de superação, afinal ninguém supera a pobreza sozinho. Esta luta por liberdade do povo preto e pobre se mostra centenária e cada grupo utiliza daquilo que está mais próximo, como arma de resistência. No caso do coletivo em evidência, sua arma é a sua cultura, e é por meio dela que tem se conseguido voz.

5.2 Estrutura dos bailes dos anos 1990 x As “Resenhas” ou Bailes das antigas

Formato dos anos 1990 até 2015:

- Empresários – Donos das equipes – Lucro total – Concentração de poder
- Laços políticos – Dominação das narrativas
- Formato das festas e a geografia de cada uma
- Contratação de funcionários
- Funkeiros – No fim da pirâmide



A pirâmide trazida tem a intenção de revelar que o poder de organizar e executar os bailes se concentrava nas mãos de um nicho pequeno de empresários (geralmente donos de equipes de som). Contudo, o novo formato inverteu esta ordem. Durante muitos anos, tais figuras decidiam o que tocava nas festas, as atrações, o local, preço da entrada, valor das bebidas, contratação de funcionários para dar apoio etc. Foi um longo tempo. Só a equipe de som Furacão 2000 (ainda uma das maiores equipes na cena atual do funk), registra seu nascimento em 1976, quase que com o nascimento oficial do gênero funk que ocorre em 1972. Tais empresários não só enriqueceram, como também aspiraram e conseguiram diversos cargos na cena política, como o próprio Rômulo Costa e sua antes esposa Verônica Costa que ainda gozam desses frutos. Os funkeiros ficavam a mercê da divulgação de onde aconteceriam as novas festas e sobre como se daria os eventos. Tudo era ditado, concentrado e centralizado no “guarda-chuva” deste nicho poderoso. O “baile bom” ou aquele que sem dúvida reuniria um público razoavelmente grande, era aquele que oferece duelos de equipes. Havia bailes com até 10 equipes de som e cada Dj, tocava em determinado momento. Era comum, conforme relatos dos

entrevistados, que houvesse competições (ainda que veladas) entre os DJs sobre as melhores equipes.

Podemos utilizar como exemplo um DJ da Furacão 2000 que criava uma batida em que afirmava que sua equipe era a melhor, gesto tomado como desafio pelo DJ da equipe concorrente. O hoje empresário Dênis, antes apenas DJ, fez o seu nome enquanto funcionário e artista principal da equipe Furacão 2000. Há mais de uma década, este artista (que alcançou sua independência) produziu e produz diversas personalidades e beats para cantores como Anitta, dentro do mundo funk.

Enquanto as batalhas de Dj iam acontecendo, onde cada um rivalizava soltando um som que desafiava o outro, no salão o público fazia quase o mesmo. Quando um DJ tocava uma montagem de galera A, sequenciava-se com outra montagem que fizesse referência a galera B. O objetivo era que as pessoas pudessem participar dessas mesmas rivalidades, associadas às montagens, com o público recorrendo à violência. A rivalidade dos Djs, ficava no campo do sample, não evoluindo para violência física. Contudo, segundo entrevistas, eles atuavam para manter a rivalidade física acontecendo em pleno vapor nos salões entre os componentes.

Segundo relatos, as equipes pensavam premiações para a maior galera, com troféus e montagens novas, fora a parte do minuto de silêncio para a “oração da mãe loira”. A responsabilidade estava concentrada em todas as etapas que precediam os bailes. Isso incluía o aluguel de ônibus em condições precárias e irregulares, permitindo que as galeras circulassem por todo o Estado do Rio de Janeiro. Se a meta era lotar o baile, a competição se baseava na capacidade de trazer o maior número de pessoas, onde o termo "mulão" representava o grupo vencedor.

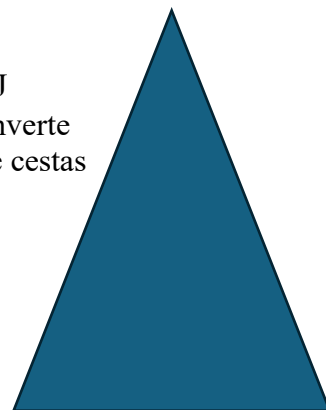
Montagem de Ex.: Verônica falou: Miguel Couto é o baile inteiro. Catiri só tem guerreiro!

No caso acima, se a Verônica ou a “mãe loira” (seu apelido) falou que a comunidade Miguel Couto, localizada no Rio de Janeiro, era o baile inteiro. Automaticamente o público desta localidade se veria representado e ficaria “mais forte”, agindo de forma ainda mais violenta no corredor estabelecido no salão. Cada equipe de som, possuía em suas mãos a responsabilidade de montar a sua equipe de DJs oficiais. Contudo, os funkeiros já escolhiam os Djs favoritos. O favorito era geralmente aquele que fazia as montagens que mais agradariam o público, citando no “grito de galera”,

principalmente, o nome das comunidades (como vimos acima) e assim a deixando mais respeitada frente às outras que eram suas rivais. A rivalidade era constitutiva dessas relações.

Atual formato:

- Funkeiros – Diretoria das células subdividas e espalhadas pelo RJ
- Lucro total – Poder espalhado nas mãos de cada diretoria que converte boa parte em ações sociais no seio das comunidades em forma de cestas básicas.
- Negociação com o Estado
- Laços políticos – Dominação das narrativas
- Formato das festas e a geografia de cada uma
- Contratação de funcionários
- Equipes de som – Sendo contratadas ou fundadas por favelados



Contudo, desde 2015, que o formato mudou. Segundo o público entrevistado, hoje o poder descentralizou-se e passou a estar literalmente concentrado nas mãos dos diretores de galera que aprenderam a operar todo o processo. A diretoria das células que estão a colaborar, informam que atualmente, desde uma pequena “resenha” até um baile, precisa se passar pelas cabeças dos diretores das células. São os diretores, antigos representantes de galera, que inclusive contratam as equipes de som que eles quiserem. O movimento mudou. Inclusive, quem contrata a equipe de som, são os funkeiros. O funkeiro pode alugar a quantidade de caixas de som, definida por ele e a depender do tamanho do público. São eles que seguem fazendo contato diretamente com os donos das equipes de som, que eles escolherem, e em consonância com a comunidade local. Para isso, eles fazem reuniões abertas e semanais. A contratação do Dj e do MC também é definida a partir da decisão feita nessas reuniões semanais.

Isso significa que eles possuem nas mãos todo o poder em qualquer tipo de decisão, principalmente, o poder de contratar a equipe de som que eles quiserem para a sua festa.

5.3 Trabalho de Campo

Festa dos Trabalhadores / “Resenha da Capital”

Bonde dos Carrascos, união: Nova Brasília, Morro do Castro e Tenente Jardim / Niterói



Em 30 de abril de 2023, enquanto pesquisadora, estive em um baile funk da antiga. A “resenha” ocorreu em comemoração ao dia trabalhador, na comunidade da Brasília, localizada na Rua Zulmir Garcia, S/N, Engenhoca, Niterói.

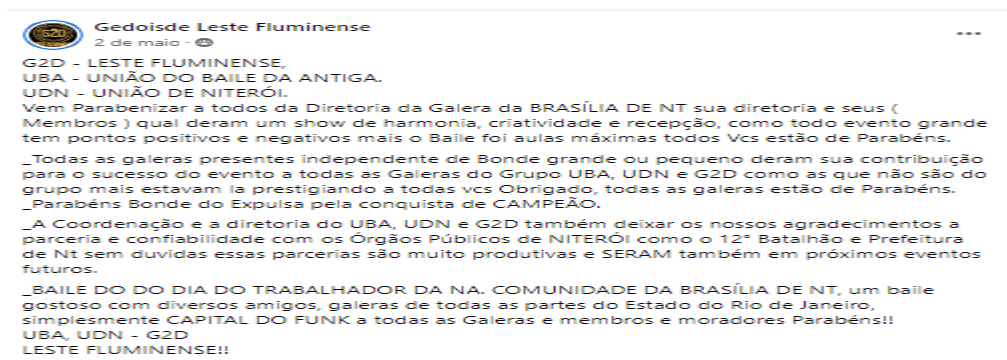
O “baile ou resenha da capital”, como é chamado pelas galeras, foi cuidadosamente inserido na agenda dos bailes organizados pela G2D (Gestão duas vezes inteligente). Esta empresa além de administrar a realização dos bailes, tem a responsabilidade de fazer a interlocução junto aos batalhões policiais de cada cidade para a posterior liberação dos eventos. Sem o aval, por escrito, emitido pelo batalhão policial a festa não pode acontecer. E se acontecer, é considerada uma festa ilegal. Se a o patrulhamento da polícia chegar e o representante da galera não tiver um documento oficial do batalhão, a festa terá fim.

O primeiro passo para que a “resenha” ocorra:

(E5, São Gonçalo) é organizador/diretor da G2D Leste Fluminense, a maior célula que dirige e produz “resenhas” (pequenas festas) até os bailes da antiga (reuniões maiores), e um dos nossos entrevistados. A G2D, aliada da UBA ou União dos Bailes das Antigas, abarca as regiões de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Rio Bonito e regiões adjacências. (E5, São Gonçalo) começa seu trabalho tentando pleitear a posse de um documento que precisa ser emitido pelo batalhão policial. É ele quem faz esta comunicação cuidadosa nas vésperas de cada “resenha”, que só entra na programação e na agenda de divulgação após o aval policial.

A “resenha” em questão ocorreu em Niterói onde o responsável pelo policiamento da região é o 12º Batalhão. Esta seria a primeira atitude para que o evento ocorresse sem conflitos. O diretor está sempre agradecendo a parceria e confiabilidade aos batalhões, por meio de suas redes sociais, onde frisa que tal ponte de comunicação é produtiva e será ainda mais. Ele está sempre pensando na viabilidade das próximas festas.

Vide foto:



Link:

<https://www.facebook.com/groups/726358668259185/search/?q=resenha%20da%20capital%20dia%20do%20trabalhador>

As redes sociais e os grupos de WhatsApp, são os principais canais para a divulgação dos eventos. No espaço virtual, seus representantes divulgam e convocam as pessoas a participarem. Esta festa está programada para começar às 18h.

Preparação padrão das festas



Ps.: Foto tirada no baile, no momento da apresentação/desfile de galera, que no final, venceria o prêmio de ter sido o maior bonde.

Antes da festa começar, no decorrer do dia, cada representante de galera vai até o local levar sua respectiva bandeira e todo o baile fica ornamentado. Cada bandeira leva a imagem de uma mascote. Cada mascote representa um bonde ou galera e é esta bandeira que vai comunicar a presença de determinadas comunidades naquela “resenha” ou baile a depender do tamanho da festa. A bandeira avisa quais integrantes, representado a sua comunidade, estarão presentes. São dezenas de bandeiras enormes espalhadas por todo o local, uma ao lado da outra.

O mesmo acontece com os uniformes para homens e mulheres. Cada integrante que veste a camisa, boné ou vestido, vai carregar na estampa do tecido: o seu mascote, seu nome e o nome da sua comunidade. Ocorre de integrantes admirarem a história de alguma galera e com isso comprar e usar o uniforme de outra comunidade, como forma de mostrar o seu respeito pelos integrantes que marcaram aquela época. Sendo esta uma das formas expressivas de movimentação da economia.

O Dj, sabendo quais galeras marcarão presença, a partir da convocação via redes sociais feitas pelo diretor da célula (neste caso a G2D), prepara as montagens de forma a agradar a todos os presentes. Na festa toca todas as montagens dos anos 90. Dizia-se que essas montagens incitavam a briga, contudo, todas essas músicas continuam tocando e não há um resquício de violência. Inclusive há várias novas versões de montagens carregando o mesmo perfil de conteúdo: letras incitando rivalidade. De 2015, ano que as festas voltaram, nunca houve registros de briga até o presente momento, segundo os entrevistados.

1) Premiações na ocasião

- R\$5.000,00 para a maior galera uniformizada
- R\$1.000,00 para o maior bonde feminino

2) Atrações

- Funk da antiga + FutFunk
- Raps e montagens de galera e futebol antes do baile começar

3) Djs e Equipes de som

- Dj Anderson (da antiga equipe Duda's Cyborg)

- Dj Canibal (Principal Dj desta nova configuração, tendo em vista ser o responsável pela produção de 90% de todo o conteúdo musical e por estar presente nas maiores e principais “resenhas”).
- Equipe de som Xtreme
- Equipe de som Studio

4) Alguns Cantores convidados para a ocasião (Os principais)

- **Mc Mascote – Vidigal**

Em carreira solo, estourou com a música que homenageava Daniela Peres, a filha que Glória Peres que foi assassinada. Lançou 3 CDs e até hoje tem grande influência e relevância no universo funk (proibido) ao propagar ora ideias de paz, ora subversivas contra o comportamento do Estado.

- **Mc Menor do Chapa – Morro do Turano**

Uma das maiores revelações do funk, inclusive fora do Brasil, até a França já se rendeu à força de suas músicas. Foi influenciado por grandes personalidades da história, como Che Guevara, Bob Marley, Martin Luther King, Racionais MCs e Roberto Carlos. Começou sua carreira em 1998.

5) Momento pra Jesus

- Um pregador/missionário vai ao palco e todos param para ouvir a palavra bíblica e na sequência agradecem a Deus pelas suas vidas.

Link:

<https://www.facebook.com/100012225882310/videos/2488971594603213/?idorvanity=726358668259185>

Chegando na festa



Por volta das 19h, desci na rua João Brasil, em Niterói. O acesso ao baile passa por uma subida a pé, onde alguns mototaxistas ficam trabalhando a disposição de quem precisa acessar a comunidade. Ao lado da grande subida para acessar a comunidade, há um pequeno posto de saúde, conhecido como “Policlínica ou Médico da Família” que não funciona como pronto atendimento em emergências e, por isso, pela noite fica sem funcionamento. Para casos de socorro, o local mais próximo seria o Hospital Estadual Azevedo Lima que fica há aproximadamente 4,0 km de distância.

O som estava alto, mas da rua principal não se via o campo onde a festa aconteceria. Percorrendo a subida, observei muitos vendedores ambulantes de balas, bebidas e petiscos, além de alguns catadores de latinhas e garrafas pet. Já no alto da comunidade, havia bares lotados de pessoas que entrariam no baile quando a festa ficasse mais cheia. As casas eram de estrutura simples e havia muros com marcas ou sinais de tiros. Não havia presença de policiais no interior.

A comunidade possui um grande campo aberto de futebol, além de uma quadra menor, mas coberta. O evento aconteceu no campo aberto. Até este ponto, não observei a presença de traficantes. Contudo, eles estavam presentes. Sendo que estavam mais para dentro da comunidade e fora da primeira visão de quem chegasse. No enorme campo montado para o baile, não havia ninguém armado durante todo o evento.

Chamou atenção a quantidade de crianças, acompanhadas por seus responsáveis. Além de adolescentes, filhos e netos dos integrantes ali também estavam. Havia diversos grupos que mostravam estar em família, umas três gerações ao menos. Dentro do campo é proibido levar sua bebida e há um bar que oferece a venda. Provavelmente, este também é um dos meios pelos quais se consegue fomentar as festas. Na medida em que as pessoas vão chegando, vão se acomodando em pares conforme os laços de união firmados no passado. Ou seja, a galera da Brasília ocupava um espaço cuja linha imaginária eram as pessoas daquela localidade e assim ia acontecendo com a chegada das demais pessoas. Ocorria exatamente como ocorrera na década de 90, antes do baile de corredor, nos festivais de galera. A diferença era da aura sem conflito no ambiente.

Era possível saber onde estavam os componentes de cada galera pelo uniforme que estavam usando. Bastava olhar para um determinado ponto e observar a camisa para entender que aquele grupo pertencia a uma determinada comunidade, marcando território e presença. Antigos rivais do corredor apertavam as mãos e sorriam com satisfação, parecendo um gesto de felicidade não só pelo reencontro, mas por estarem vivos e se sentirem vivos e importantes uns para os outros. Ressalto que já havia presenciado este momento quando estive presente em outras “resenhas”, não enquanto pesquisadora, mas como pertencente e fã do movimento.

O campo inteiro estava tomado por muitas bandeiras, ou seja, indica-se que havia dezenas de comunidades ali presentes. A festa começa oficialmente quando O DJ convoca uma galera, que avisava lá nos bastidores, já ter chegado. Na sequência, estouravam-se

fogos para que então o bonde entrasse desfilando com bolas coloridas e fogos de várias cores para deixar o desfile mais bonito. Nesta hora, todos abriam espaço para que eles passassem no meio da multidão e ao fundo tocava a montagem daquela respectiva galera e outros locais que com ela formam os laços de amizade. Quem fazia as honras na ocasião era a comunidade da Brasília, a dona da festa. O desfile aconteceu em todos os momentos em que galeras de outras comunidades iam chegando em grande número de pessoas. Todas as galeras desfilavam querendo ganhar a premiação oferecida, também obedecendo a tradição do passado.



Link para o vídeo do desfile do Bonde do Expulsa (galera vencedora do evento):

<https://www.facebook.com/100090803014472/videos/1263081820994414/?idorvanity=72635866825915>

Antes dos MCs começarem a cantar, já com o baile lotado, teve uma pausa para que um pregador entregasse a palavra de Cristo aos que estavam ali presentes. Observei um grande silêncio como sinal de respeito. Ao percorrer o baile, avistei os artistas convidados. Menor do Chapa, Mc Mascote, Mc Amilckar e alguns outros que pessoas

comuns. Mascote e Menor do Chapa com esposa, filho e alguns amigos.



Apresentação padrão do Mascote Disponível no link:

<https://www.facebook.com/Marcondes878/videos/1262060011364310/?idortvanity=726358668259185>

Não havia sinais de ostentação de armas, nem usuários usando entorpecentes na ocasião, uma premissa dos organizadores. Me aproximei, conversei, tirei fotos, sem encontrar nenhuma barreira e sem me apresentar como pesquisadora, mas como funkeira e fã. Neste ponto quero frisar a conexão do fim do corredor dos anos 90 com o início do funk proibidão. Ambos estão entrelaçados. Acabaram as brigas, iniciaram ideias. Isso reforça o porquê deste baile em questão ter reunido cerca de mais de 3.000 pessoas, em média, e todos estarem em plena consonância.

O decorrer de todo o evento se deu de forma pacífica e no final a maior galera, O Bonde do Expulsa (Comunidades do Coelho e Falange de SG), ganharam o prêmio prometido de maior bonde uniformizado. Vale ressaltar que a comunidade vencedora era parte do conjunto de galeras que compunham o Lado A, enquanto a comunidade da Brasília fazia parte do Lado B. Ou seja, foram duas comunidades que eram absurdamente rivais nos anos de 1990. Para além, vale frisar que os rivais estão vivos e estavam presentes no evento, como amigos. Não tive acesso a informação da premiação feminina, pois já era tarde e precisei ir embora ao considerar os riscos que estavam ali presentes dada a história violenta da polícia com a comunidade local.

Exemplo de agenda dos bailes:



Ação social no Hemorio



Hemorio – frente de trabalho realizadas pela G2D.

1- Resenha BDR (Bonde da Realidade)

União entre as comunidades: Boa Vista, Pedrinha, Barreira, Abacatão / SG

Folder da divulgação do Evento:



Foto tirada enquanto a festa acontecia:



Links de acesso para verificação:

Vídeo de algumas pessoas, enquanto a festa acontecia, disponível em:

<https://www.facebook.com/100091584365247/videos/pcb.134746166254862/109511638798867>


Convocação para a resenha:

<https://www.facebook.com/digao.sg/videos/924298252221353?idorvanity=1588897048225308>

Mascote/bandeira:



Texto de agradecimento padrão:

 **G2D LESTE FLUMINENSE (SG, NT, ITB, RB e MARICÁ).**
 Gedoisde Leste Fluminense · 8 de maio · 🌐

G2D - LESTE FLUMINENSE,
 UBA - UNIÃO DO BAILE DA ANTIGA

Vem Parabenizar a todos da Diretoria do BONDE DA REALIDADE como as galeras que compoem essa união (Membros) qual deram um show de harmonia, criatividade e recepção, como todo evento grande tem pontos positivos e negativos mais a Resenha foi aulas máximas todos Vcs estão de Parabéns.

_Todas as galeras presentes independente de Bonde grande ou pequeno deram sua contribuição para o sucesso do evento a todas as Galeras do Grupo UBA como as que não são do grupo mais estavam lá prestigiando a todas vcs Obrigado, todas as galeras estão de Parabéns.

_A Coordenação e a diretoria do UBA e G2D também deixar os nossos agradecimentos a parceria e confiabilidade com os Órgãos Públicos de SÃO GONÇALO como o 7º Batalhão e Prefeitura sem duvidas essas parcerias são muito produtivas e SERAM também em próximos eventos futuros.

_RESENHA DO BDR, UMA DAS UNIÕES MAIS ANTIGA DE SG, uma Resenha que virou um baile gostoso com diversos amigos, galeras de todas as partes do Estado do Rio de Janeiro, simplesmente (BDR) BONDE DA REALIDADE e todas as Galeras que compoem a União vcs estão de Parabéns!!

UBA - G2D
 LESTE FLUMINENSE!!

Todas as postagens referentes a resenha do BDR, estão disponível no link:

<https://www.facebook.com/search/top?q=resenha%20bdr>

Visita de campo: Resenha de São Gonçalo

A comunidade da Boa Vista, fica na cidade de São Gonçalo. O Bairro Boa Vista é formado por um complexo que envolve um conjunto de comunidades, que se concentra nas localidades do morro do Abacatão, Praia das Pedrinhas (Bahia de Guanabara),

Barreira (local onde hoje funciona o Shopping São Gonçalo, após a remoção de diversas moradias), Biquinha, Rua Nova.

Os laços de união da Boa Vista, que compõe o Lado A de SG, também vem da tradição dos festivais de galera que começaram no início dos anos 90.

A Boa Vista foi a primeira comunidade a vencer um festival no “Quartel General do Funk no Rio de Janeiro”, o Clube Mauá de SG. O clube recebeu o apelido por ser um dos primeiros locais a receber galeras de todos os locais de comunidades do Rio de Janeiro (Zona Oeste, Norte, Sul), o clube Mauá de São Gonçalo. Uma das galeras mais importantes da época do festival, posteriormente teve seu legado continuado nos bailes de corredor, que já incorporava atores mais jovens inspirados no pessoal que fez a primeira história lá no clube Mauá.

Eu fui uma das pessoas que acompanhou os últimos três bailes finais promovidos pelo clube Mauá/SG, no formato de festivais de galera, entre os anos de 1994/95. A quantidade de ônibus que chegava com algumas milhares de pessoas de todo o Rio de Janeiro, era impressionante. Na época ir ao baile funk era o principal lazer de qualquer jovem oriundo de periferias e ir ao Mauá, em especial, lhe conferia certo prestígio. Também sou memória do encerramento abrupto do local para realizações somente para as festas funk, feito por um juiz da vara da infância e adolescência da época. Bem como sou parte da história em que esta comunidade, onde sou nascida e criada, foi campeã do festival com o Rap do Pirão. Felizmente não foi o fim. A continuidade da promoção das festas ficou a poucos metros do Mauá, no Clube Tamoio/SG.

O prestígio da comunidade começa principalmente pelo seu “grito de guerra”, usado nos desfiles, ter virado o hino da Equipe de som Furacão 2000.

Letra:	Campeões é o Lindo parque
F de força	Boa vista, Camarão
U de união	Equipe poderosa
R de rainha do movimento que é bom	Furacão 2000
A de amizade	E quem não gostou
C de coração	
A de autoridade	Autor: Rogerio Lugao Rangel
O "O" de organização	Data de lançamento: 2000
O dois não está sozinho	Artistas: Furacão 2000, MC Leleco
Está com os zeros em união	Álbum: Twister Techno Funk

Outro destaque que fez com que a comunidade tivesse ainda mais tradição, foi a narrativa cantada pelo MC Dieddy, através do Rap do Pirão. O cantor levava uma mensagem de paz e falava sobre consciência a respeito da necessidade de uma união, ao mesmo tempo que dizia que a briga conferia aos funkeiros o estigma de animais e poderia levar a morte de quem praticava.

Trago a letra com a tentativa de ilustrar o padrão dos raps que tinham como marca, em algum momento, rimar com o nome das comunidades. Assim fizeram outros MC's tradicionais, como Claudinho e Buchecha, que foram frequentadores dos bailes e se destacaram no festival do Tamoio com o rap do Salgueiro de SG, que acabou tendo também alcance nacional por meio dos programas de tv.

Letra:	Essa onda de pancada
Para o baile ficar bom	Isso não está com nada
Só depende de você	Você hoje bate muito
Curta o baile meu amigo	E amanhã leva porrada
Com a alegria de viver	Quero ver fraternidade
Faça a fraternidade	Aí no meio do salão
Não arrume confusão	E ouvir a massa unida (O quê?)
Para a massa desse baile	Cantando esse rap
Eu vou cantar esse refrão	Com toda empolgação
(Refrão) O alô Pirão	Lhe pedimos pra parar
Alô, alô Boa Vistão	Com a violência no salão
Vem pro baile meu amigo	Quando eu falo em violência
Vem com amor no coração	Eu lhe digo nunca mais
O alô Pirão	Porque brigando meu amigo
Alô, alô Boa Vistão	Parecemos animais
Vem pro baile meu amigo	E diga violência não
E diga violência não	(Refrão)
Mutuapira e Boa Vista	A violência nos bailes
Vem fazendo a união	Com o funk acabará
Tem a Otto, Boaçu	Mais a rapeize não se toca
Salgueiro e Catarinão	Não para pra pensar
Alô Estrela do Norte	Pois o funk agora
Palmeira e Chumbada	E a diversão do povo
Pra que tanta violência	E se a briga não parar
Isso não os leva a nada	O baile vai parar de novo
(Refrão)	Procuramos transmitir

Nesse rap a verdade
 Porque hoje é importante
 Termos fraternidade
 Só queremos a paz
 Nós só queremos união
 Transmitimos o recado

Do Pira, Boa Vistão

(Refrão)

Rap do Pirão

MC D'Eddy

A letra da canção, foi o motivo pelo qual o cantor e a comunidade ganhassem maior aderência no gosto do público. MC Dieddy, autor do Rap do Pirão, também foi convidado a cantar em programas de alcance nacional, como a Xuxa e Faustão. A comunidade da Boa Vista ficou conhecida, não só no Rio, mas ganhou o alcance do Brasil ao trabalhar com o fator paz em suas canções.

Fator comum

Ao fazer o resgate da história pretendo mostrar o quanto o nome de cada comunidade, reproduz o efeito da visibilidade e da força mostrada nas canções entre uns e os outros. O nome das comunidades é o centro de toda a organização das festas, letras das canções, rivalidades, laços de união ou não... o território é a principal razão das festas. Mostrar a força local e dar foco ao nome da comunidade, é e sempre foi o principal objetivo das pessoas. Este fator é a variante comum presente seja nos festivais, no formato do corredor ou na atual configuração das “resenhas”.

Chegando na resenha

Diferente da geografia da Nova Brasília em Niterói, onde registramos as primeiras ocorrências da pesquisa de campo, aqui trata-se de um espaço com menor presença do tráfico. Por bastante tempo o bairro foi apelidado de terra de Marlboro por ser controlado por milicianos por muitas décadas.

O local da festa foi reservado, em rua pública, por não ter uma quadra própria. O bairro vizinho, Porto da Pedra, já havia realizado um encontro neste formato. Neste caso teve patrocínio, ou seja, não foi organizado pelos próprios funkeiros por meio da UBA/G2D ou GDA que hoje são os principais empresários que organizam mais de 90%

dos bailes e possuem poucos recursos financeiros. As bebidas são vendidas no local da organização do evento.

Cheguei sem encontrar nenhum tipo de impedimento, observei o mesmo padrão das festas que abarcam pelo menos três gerações de pessoas (pais, filhos e netos). A PM não estava com viatura presente. Porém, segundo informações da diretoria, há P2 infiltrados para repassar as informações ao 7º Batalhão, responsável pela área. Como de costume o local estava ornamentado com bandeiras diversas, indicando a presença de várias comunidades dos Municípios de Niterói e SG.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 A questão do funk das antigas como resistência de um movimento subalternizado.

E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo para nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela para tudo nesse sentido. Só que isso está aí... e fala. (Gonzales; 1984. p. 226).

Neste trabalho elevamos as vozes dos componentes do corpo funkeiro com o intuito de analisar os elementos que o circundam e com isso colocá-los em cena. Percorremos um caminho que foi contra a uma forte corrente social, perpetrada de valores morais e pré-conceitos que não cessam de empurrar o gênero funk para uma linha mais marginal. Isto porque a linha da marginalidade, reservada ao funk desde o seu surgimento, agrega juízos de valor que ultrapassam a fronteira cultural e acabam por atingir a dignidade dos indivíduos que já são castigados ou perseguidos por serem oriundos de favelas e de maioria negra.

Os ritmos irreprimíveis do tambor, outrora proibido, muitas vezes ainda são audíveis em seu trabalho. Suas síncopes características ainda animam os desejos básicos - serem livres e serem eles mesmos - revelados nesta conjunção única de corpo e música da contracultura. (Gilroy; 2001, p. 164).

Foi com o som do tambor ao fundo, que nas linhas desta pesquisa, denunciemos as mesmas necessidades básicas, ainda sonhadas por todos os negros: a liberdade. A

ferramenta do tambor vai seguindo o ritmo funk e prima por atingir um termo (presentes nas canções) denominado pelas siglas “P JL”, que configuram as palavras: paz, justiça e liberdade. Os diálogos intensos e muitas vezes amargos em torno do movimento funk oferecem um pequeno lembrete de que há um momento democrático e comunitário que simboliza e antecipa relações sociais de não dominação. A obra de Paul Gilroy (2001), vai acentuar a necessidade de outrora em narrar e superar dores, que permanece sendo a mesma. Aquilo que enche e alimenta o prato das artes negras ainda segue resistindo e só tem força por gritar pelas suas necessidades, por meio da união e solidariedade por aqueles que são o alvo. A música negra, como pontuou o autor, toca no ponto sensível do que ele chama de: terrores indizíveis da experiência escrava. Um terror e uma razão ligados em profunda cumplicidade e cuidadosamente mantido vivo e cultivado no seio social.

Ao mesmo em que avançamos a análise, a partir da mobilização de algumas obras para observar de perto e com mais clareza o objeto trazido para o seio desta pauta, percebemos neste trabalho de pesquisa que os componentes das galeras das antigas, firmaram um elo de solidariedade expressivo uns com os outros. Contudo, apesar da sua espetacularização, a estigmatização e a criminalização do funk permanece latente. Na verdade, o processo de criminalização do funk é o próprio processo de criminalização da pobreza. Em outras palavras, antes do preconceito ser contra o funk, ele existe sobre a população de pobres, negros e favelados. Ou seja, o preconceito é contra quem protagoniza o funk como apontado no trabalho desenvolvido por Leonardo Ferreira (2012).

Fugindo da possibilidade de o estudo estar a favor de advogar a favor ou contra o gênero funk, o balanço conceitual realizado na pesquisa deste autor, trata do gênero segundo a sua importância em todos os seus troncos e o traz para dentro da sala de aula para ser problematizado, visto que estigmatizar o funk também acaba por estigmatizar e rotular quem o consome. Nos parece um trabalho importantíssimo, do ponto de vista pedagógico, uma vez que desvenda o quanto a romantização do preconceito pode desqualificar um indivíduo, visto que segundo os seus estudos, o funk está diretamente ligado ao cotidiano dos jovens. Ainda que alguns jovens não gostem do ritmo, ele se vê obrigado a conviver e se relacionar com esta prática sociocultural, que permeia todo o seu espaço de convivência. É nesse contexto que o indivíduo está formando suas opiniões e definindo em qual lugar ele se enxerga ou enxerga o outro.

Observar como o movimento funk foi se desenvolvendo, ou seja, toda a sua trajetória marcada por conflitos, foi relevante para compreendermos como ele se articula nos atuais dias. A colaboração do podcast ³⁶que era conduzido pelos antropólogos Cristiano Machado e Orlando Calheiros neste sentido nos ajudou a compreender, de forma autobiográfica, todo o percurso estético e social realizado na trajetória do funk no Rio de Janeiro, como também aumentou o pensamento em torno dos contextos e das formas da organização da festa que nunca estiveram estáticas. Ambos os locutores partem da ideia do funk como uma invenção livre e em pleno movimento de transformações. E foi justamente neste formato de liberdade e improviso que o “Funk de galera das antigas” renasceu. As “resenhas” trazidas neste novo formato são a prova de que o jogo de forças travados entre funk, favela e Estado, tiveram como combustível de sucesso a união e a pré-disposição das mentes e dos corpos que sentiram e ainda sentem os reflexos desses poderes.

Os lugares de favela são ainda territórios carentes de serviços básicos quando se trata de qualidade de vida. Um estudo realizado no território do Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, aponta: “Marcado pela violência e pelas consequências da pobreza em seus diferentes aspectos: falta de saneamento, educação, moradia adequada, urbanização, entre outros” (Rodrigues, 2016, p. 127). Para além, também percebemos que esses lugares abrigam as ações mais letais das forças policiais, com graves violações dos direitos civis e humanos da população pobre, negra e favelada (Grillo, 2019).

Abusos de poder, como vimos ao longo do trabalho, seguiram obedecendo uma operacionalização principalmente nas favelas, acentuado entre os anos de 1990 até 2021, com extermínios ativos e absurdas incursões promovendo chacinas em várias localidades do Rio de Janeiro. Mas foi neste período, sobretudo na década de 1990, que um grupo expressivo de funkeiros espalhados por todo o Rio de Janeiro, fundamentavam sua honra, pautados no pertencimento da fronteira cultural, traduzida na festa funk. O que temos hoje se traduz em um grande coletivo de união, algo impensável para aquele período que guardou memórias afetivas e coletivas transcendendo mais de uma década de saudades de um tempo em que se sentiam visíveis uns para os outros. Vivendo no meio do furacão

³⁶ MACHADO, CRISTIANO et al. PODCAST BENZINA NO MEIÃO: EPISÓDIO 19: Benzina no “batidão. Biblioteca Python do Internet Archive 1.9.0: INTERNET ARCHIVE, 21/01/2020. Disponível em: https://archive.org/details/BenzinaNoMeiao2019/BM_020.mp3. Acesso em: 19 fev. 2024.

de mortes - na figura das chacinas e de tanto sangue derramado - o funk e o movimento de quem veste a camisa desta arte negra e periférica, resistiu e sobreviveu.

No grande quadro das espécies, gêneros, raças e classes, o Negro, na sua magnífica obscuridade, representa a síntese destas duas figuras. O Negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido. Produzir o Negro é produzir um vínculo social de submissão e um corpo de exploração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor, e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento. Mercê de trabalhar à corveia, o Negro é também nome de injúria, o símbolo do homem que enfrenta o chicote e o sofrimento num campo de batalha em que se opõem grupos e facções socio racialmente segmentadas. (MBEMBE; 2014, p. 40).

Ao nos debruçarmos na gênese da favela, percebemos nesta pesquisa que entre os elementos que a circundam estiveram em evidência principalmente a lente da mídia, desenhando no imaginário social aquilo que colaboraria para o mercado imobiliário ou deixaria uma parcela elitista satisfeita em suas posições hierárquicas e racistas. O lugar do vagabundo, do criminoso, de urgência por saúde pública, de intervenções etc. como apontado por Lícia Valladares (2000), favoreceu para a construção da identidade de alguns indivíduos na sua maior parte negra. Indivíduos alocados dentro de uma situação luta política que envolve raça, gênero e classes, onde a pobreza e – principalmente – o negro se tornando uma espécie de mercadoria: “O Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital.” (Mbembe; 2014, p. 19). Neste ponto da análise observa-se que as favelas já estão definidas como espaços marginais, os favelados como um produto bruto que vai servir como “avatar do bandido” e um racismo utilizado como ferramenta de manutenção deste sujeito marginalizado. No mais, tal construção segue sendo diariamente reforçada pelos meios de comunicação. Uma lógica que segue servindo para justificar toda a sorte de violência vivida nesses espaços e por essas pessoas, colocadas neste lugar de “coisa” em um movimento contínuo de desumanização.

Se nos anos 50 a violência estava ali, segundo Michel Misse (2008), mas não era percebida até alcançar pessoas de classe média e intelectuais, na atualidade - ainda que com pressões por direitos - o tradicional país estruturalmente desigual permanece imponente diante dos olhos das ciências sociais. Dada a questão, a complexidade da violência urbana instaurada no Rio de Janeiro criou a figura do justiceiro (a polícia), mas em contrapartida levantou uma outra figura: a do guerreiro (o tráfico) num momento em

que pouco ou nada se fez para controlar a violência contra os corpos dispensáveis ou mesmo uma pobreza escancarada na pele de quem habita os espaços da favela. O que temos aqui são relações de poder, como parte de uma herança de um sistema ainda escravista, necessário para a manutenção de um capitalismo que segue mantendo vivo os seus tentáculos coloniais, observados na precarização do trabalho, como eixos que vão se relacionando, como apontado no trabalho desenvolvido por Fabiano Veliq e Paula Magalhães (2022). Para aumentar a percepção sobre a palavra poder, temos por definição a sua palavra: “A etimologia da palavra poder se torna sempre uma palavra ou ação que exprime força, persuasão, controle, regulação etc.” dentro do conjunto de análises feitas por Isabella Maria e Tânia Regina (2010).

Como percebemos, o estado controla secularmente as ferramentas legítimas da força sobre os corpos, nesta antiga batalha de relações de poder. Contudo, onde há opressão e controle, também há formas de resistências. Resistências que podem se apresentar de diversas maneiras, dentre as quais o aparato cultural (neste caso o funk de galeras) – ainda que taxado de marginal e caminhando por estradas de contrapoder – aparece como um dos grandes protagonistas. A cultura aparece como válvula. Seu uso imperceptível segue resistindo a um sórdido prazer que mantém vivo um apartheid brasileiro e neste caso o movimento do “funk de galeras”, mostra – ousadamente – a sua coragem ao desafiar os mais altos poderes, ao mesmo tempo em que atua em favor dos seus através de movimentos políticos e sociais.

Cultura, raça e espaço urbano em diálogo profundo e a buscar formas de reconhecimento. Uma luta que visa desconstruir o terror que o funk, que segundo a mídia, causa. Um pânico fabricado na imaginação social, muitas vezes se valendo do próprio debate público, como aponta João Costa (2005): “Desumanizam negras/os ao associá-las/os ao crime, à corrupção e às favelas - bairros das classes trabalhadoras considerados como o local onde futuras gerações de negras/os perigosas/os”.

Nos anos recentes, em que episódios de violência em bailes funks não são mais relatados, por que os seus componentes ainda encontram enorme dificuldade na promoção dos eventos? A resposta vem da obviedade de nunca ter sido pela razão da violência, muito menos pelas vidas perdidas nos salões, mas por razões muito maiores que visavam impor silêncio aos que nascem do gueto e para o gueto. As várias tentativas de

criminalização do funk, seja por meio de movimentos civis ou de parlamentares, refletem o espelho da criminalização dos corpos pretos e periféricos.

6.2 Contextualizando os argumentos levantados nas hipóteses iniciais.

Nos capítulos 4 e 5 deste trabalho concentramos um olhar para os interlocutores das maiores empresas na frente da organização funk da atualidade sob o nome "resenhas" ou "bailes das antigas", bem como todo o seu mecanismo de funcionamento e formato. Recuperamos os detalhes - que envolvem regras referentes ao que pode e não pode acontecer - e muitos outros elementos presentes nas festas atuais. Complexificamos o atual formato e os comparamos aos acontecimentos pretéritos da antiga estrutura dos bailes de corredor que estiveram presentes nos anos de 1990. Durante a pesquisa observamos o escopo da favela e as interferências sentidas neste campo, ao tratarmos do tema da violência e nos determos a pontos importantes que cercam este espaço.

Concluimos que a violência caminha acentuada por posições políticas, que controlam a forma de atuação das polícias. Como resultado de tais ações, que se concentram a partir de um núcleo (necro) político e fundamentado em mortes, vimos uma realidade traduzida nas formas de chacinas e da normalização das mortes de pretos e pobres, sempre fundamentados num argumento que já não se sustenta: o combate às drogas. O papel da mídia como vimos opera como um canal crucial, que generaliza e atinge de forma negativa, não só os espaços periféricos, mas os corpos favelados.

A pesquisa também pretendeu desmistificar construções imaginárias em torno do movimento funk, principalmente o de "galeras", bem como buscou desfragmentar alguns pontos contidos nas hipóteses trazidas. Tais hipóteses levantadas no início do trabalho, giraram sobre três eixos:

a) Da (re)apropriação do passado do funk, especificamente dos anos 1990;

A função principal da consciência [memória] é antecipar o futuro. Se nos preocupamos com o que existe é porque estamos visando principalmente o futuro, uma vez que o tempo todo estamos atentos à vida. O olhar para o passado, no entanto, é insuficiente, uma vez que nós jamais somos de novo. O passado permite recobrar em nós uma reflexão atenta sobre o futuro. O que

vem à tona do passado não é algo espontâneo e sem sentido. É o que nos faz nos preservar rumo ao futuro. (D'ARC; 2018, p. 04)

Dentro desta perspectiva, podemos afirmar que a era dos anos de 1990 marcou uma geração inteira de pessoas que estiveram insatisfeitas não só com o fim dos eventos, mas principalmente em como se deu tal fim. Tal fim, como vimos, fora orquestrado por uma perseguição carregada de juízos morais e operada por um estado cujo comportamento mostrou-se agir por uma lógica elitista e preconceituosa interessada em praticar seu poder. A reapropriação do passado nesta nova configuração extinguiu o motor da violência, ao mesmo tempo em que enalteceu os territórios e a figura do então “guerreiro da antiga” que revelava sua força antes no formato das brigas nos salões. Como apontado acima no trabalho da Joana D’Arc (2018), os atores dos anos de 1990, mostraram-se atentos a recobrar o passado preservando seus rumos ao futuro.

Não se calem as vozes³⁷, não se deixem calar. Não se perca a esperança. Não se deixem perder. Não se perca a lembrança, não se deixe perder. Se perder a memória vai tudo morrer. Não se esqueçam dos mortos, não se deixem esquecer. Que olvidar nossos mortos é deixar de viver.

As memórias em consonância, ganharam força e corpo. Isto foi percebido por meio da maneira pela qual os integrantes inverteram a lógica da promoção violenta dos eventos - antes concentrada nas mãos de um pequeno nicho empresarial – tomando para si a responsabilidade de pensar outros meios nos quais a união de todas as galeras fosse possível. As vidas perdidas nos salões, são rememoradas nas bandeiras penduradas na ornamentação das festas ou mesmo nas estampas das camisas, vestidos, bonés etc. que são chamadas pelos seus interlocutores de “manto sagrado”. Bandeiras ou camisas, muitas vezes seguem fazendo referência a alguém quem veio a óbito, tendo sua vida ceifada durante as brigas que antes foram fomentadas nos clubes Rio de Janeiro pelos donos das equipes de som. Afetos e sensações de perda foram um dos combustíveis que se mostraram presentes entre os entrevistados que não esqueceram seus mortos e não se deixaram esquecer, ao mesmo tempo em que compreenderam que o passado poderia e foi usado como possibilidade de ação.

Assim, a história é necessária e importante. Esquecer e lembrar são fundamentais, no tempo certo. Nietzsche nos convida a pressentir, por meio do nosso instinto, “quando é necessário sentir de modo histórico, quando de modo a-histórico”. “O histórico e o a-histórico são na mesma medida

³⁷ A Pandorga e a Lei. Op. cit.

necessários para a saúde de um indivíduo, um povo e uma cultura”. Elaborar o passado para subtrair dele o necessário para a afirmação da vida é o desafio que Nietzsche nos propõe. (D'ARC; 2018, p. 17)

A pirâmide de poder - como vimos anteriormente - inverteu seu modo operacional e na atualidade quem decide como, onde e quando acontecerão as festas são os integrantes, que seguem a conferir prestígio e reconhecimento entre os seus e para os seus. Toda a sorte de humilhação, mortes e violência, ecoados pelas vozes dos participantes que colaboraram para este trabalho, não foram esquecidas, pelo contrário foram transformadas em força e capacidade para uma reinvenção futura de uma experiência antes vivida. Assim cumpriu-se o desafio proposto de subtrair o necessário para a afirmação da vida, como colocado no trecho escrito por Joana D’Arc (2018). Enquanto recuperamos trechos de lutas pretéritas e os horrores da ditadura militar contextualizados pela autora, podemos perceber o quanto o fator da memória se entrelaça no campo de dores indizíveis que ainda precisam de remédios. Neste caso, o passado do que ocorreu com o movimento funk desde o seu nascimento até atravessar os anos de 1990 pela promoção dos bailes de corredor, revelaram-se como um fio que se manteve ligado e a unir os tempos do passado, presente e futuro. Resistindo para existir.

b) Da articulação entre organização das “resenhas” (encontros das “galeras funk”), localização territorial e poder público;

Sem perder de vista a ideia de união entre as galeras para que fosse possível executar os eventos de forma pacífica, os integrantes tiveram a ousadia de tentar tal ação mesmo considerando todas as implicações que tal fato poderia custar. O risco de pensar a ação de unir as galeras, significava mais que tratar da paz e dos laços prováveis de união (algo impensável para a época dada a forte rivalidade) entre os componentes, envolveu também os territórios de favela.

Precisamos considerar que tais territórios, no Rio de Janeiro, possuem a questão do controle do tráfico de drogas e o ponto sensível presente pelas veias das facções rivais. Ou seja, o desafio de administrar as festas estava em articular as ações de paz entre os componentes sem acionar a válvula do perigo eminente de perturbar as regras previstas nos seios das facções. Uma das regras colocadas pelo tráfico, envolve não admitir que pessoas residentes de áreas controladas pelo comando vermelho, transitem em territórios

de terceiro comando e vice-versa. Superar isto foi algo interessante do ponto vista dos componentes que informam que tal feito exigiu diversas reuniões entre eles, contudo, os integrantes preferiram não nos colocar a parte de como se deu tal aprofundamento.

Estamos em 27 de junho de 2007. A chamada Constituição Cidadã, marco da transição entre a ditadura e o Estado democrático de direito, está em vigência há quase vinte anos. Após meses de planejamento, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro realiza uma megaoperação no Complexo do Alemão que resulta, segundo os dados oficiais, em 19 mortos. Na ocasião dessa chacina, o comandante do batalhão da área era o coronel Marcus Jardim, que permaneceu no cargo até fevereiro de 2008, quando foi designado para a unidade responsável por comandar o policiamento de toda a cidade do Rio de Janeiro. Depois da promoção, Jardim elencou como um de seus objetivos a repressão aos bailes funk e afirmou, em entrevista, que baile funk em favela é reunião de vagabundos. Como comandante de um batalhão ou agora de uma área de comando, não tenho poder para proibir esses bailes, mas posso dificultar a sua realização. Poucos meses após a declaração, outra operação da PM no Complexo do Alemão deixou nove mortos, e Jardim voltou a falar para a imprensa: A PM é o melhor inseticida contra a dengue. Conhece aquele produto, SBP [inseticida]? Tem o SBPM. Não fica mosquito nenhum em pé. A PM é o melhor inseticida social. (PEDRETTI; 2022, p. 136-137)

O Estado mostrou-se atuante para manter em silêncio qualquer ruído vindo dos bailes funk e o olhar lançado para as pessoas, como vimos acima, é definido como “reunião de vagabundos”. Constatam-se perseguições inauguradas ainda na ditadura militar, por meio do DOPS em 1978, até sua acentuação amparada pela lei Álvaro Lins em 2008. Dentro desta linha temporal, segundo Lucas Pedretti (2022), “No lugar dos opositores políticos, passaram a ser alvos da violência institucional os jovens, negros, pobres, moradores de favelas e periferias.” Uma perseguição que permaneceu trabalhando intensamente até a revogação desta mesma lei no ano de 2009, quando o movimento funk deslocou-se para a pasta dos órgãos da cultura.

Ao remontarmos a história fica límpida a situação na qual os componentes desta esfera cultural tiveram e ainda tem que superar, para que com isso consigam se recolocar na cena conseguindo certo êxito, que somente e oficialmente percebe-se no ano de 2015. Para tanto, as negociações com o poder público foram primordiais no percurso de tal processo, ainda que o trabalho árduo exija lidar com prisões arbitrárias, agressões, destruições de bailes e assassinatos, tudo isso denunciados pela APAFUNK, também no ano de 2015. Mais que isso, precisam agora negociar as festas com os órgãos que historicamente os reprimem.

A reivindicação para existir em meio ao caos, precisou resistir e propor ideias de paz entre as galeras. Algo que pareceu funcionar mesmo em meio ao acúmulo da violência

e do preconceito racial coexistindo. Sabemos que o encerramento das festas com o nome bailes de corredor deu-se ao final do ano de 1999 para 2000. Contudo, no meio deste caminho se oficializaram 15 anos de silêncio. Após toda esta trajetória, os “guerreiros das antigas”, valendo-se de uma luta que acessou a esfera política, articularam-se e fizeram valer suas vozes. Ao que nos parece, o núcleo tem conseguido certa vitória ao fincar uma bandeira que acuse a sua existência dentro desta nova configuração que se apresenta, sem esquecer que as perseguições não são algo pertencentes e exclusivos do passado.

c) Representações sobre vertentes contemporâneas do funk, das quais a “galera funk” deseja se afastar ou sobre as quais têm críticas.

A história da cultura popular funk no Rio de Janeiro consegue dotar de sentidos temas diversos, que vão se transformando ou vão sendo recuperados de geração em geração. Isso se percebe desde os bailes black, atravessam os freestyles com um conteúdo internacional e caminham até a produção de trabalhos nacionais. Para os nacionais, é possível encontrar letras românticas, subversivas na pele dos proibições (tráfico ou putaria), raps de galera, montagens etc. Até os atuais dias, o movimento se expande e segue alcançando um público diversificado dentro e fora do país. Para além, absorve simpatizantes de classes sociais distintas e de pessoas com idades variadas.

O que esta pesquisa revelou para o tronco do universo funk suspenso para observação, neste caso o funk de galeras, foi a necessidade do resgate daquilo que foi experimentado entre o final dos anos de 1980 até o fim dos anos de 1990. O público que colabora e participa desta nova configuração, possuem idades a partir de 40 anos e na época que curtiram os bailes de corredor, eles possuíam a partir de 14 anos. Alguns entrevistados entendem o universo funk, que conseguiram recuperar nos atuais dias, como algo particular e impenetrável. Seguem pensando e agindo permeados por alguns juízos de valores, que concordam entre si que os outros troncos do funk: principalmente o “funk dos novinhos” ou os “proibições”. Vejamos o trecho da entrevista:

Pergunta: A marca do movimento é tocar só o resgate?

Sim, é só coisa boa. Hoje o funk da antiga é uma das melhores coisas aconteceram. Por quê? Porque a gente já estava massacrado.

Pela degradação da própria mulher na favela, da própria cultura que era só palavrão. Era só coisa ruim.

Pergunta: Você está falando do funk de agora?

Sim, eu digo do funk de agora. Um exemplo: Pra alguém que tem filho, que tem neto... eu não vou ser hipócrita. Até pelo que a gente vivia lá atrás, de repente daqui há... como já se passaram 20 ou 30 anos hoje a gente vê com naturalidade. Mas naquela época, não.

De repente daqui a daqui o que essa molecada curte hoje, lá para frente vai ser normal, mas isso não justifica e nem mascara uma coisa que é ruim.

O funk da antiga surgiu por isso, para que a gente pudesse ter o nosso espaço. É a nossa válvula de escape. Antes era só no celular, mas hoje não.

(E10, Niterói.)

A verdade seja dita. Funk da antiga é: montagem, rap, melody, rasteiro e acabou. Só vai tocar aquilo ali e não tem o que inventar. O funk que toca na rádio, nas lives e nas casas de show é maquiado. Porque só se toca o figurino bonitinho, mas nas casas de show é a versão proibida que é a putaria. Então tem esse disfarce.

(E5, São Gonçalo)

Segundo o grupo, o funk da atualidade é definido como algo imoral ou mesmo prejudicial à imagem daquilo que querem mostrar para as autoridades, seus filhos e qualquer outro. Para além, fala-se da preocupação com a imagem da mulher.

As mulheres entrevistadas afirmaram, como vimos em suas declarações presentes no capítulo 5, não se sentir representadas pelo funk que faz jus à sexualização e se opõem a este tronco por estarem preocupadas com a educação dos seus filhos. Estamos tratando da mulher negra, mãe, flagelada por estigmas e que estão a expor a sua força na atual cena da nova configuração do universo do funk carioca por meio dos bailes das antigas ou as ditas “resenhas”.

Os homens entrevistados, que são maioria, também partilham desses mesmos códigos e as regras criadas pelo grupo consistem em reprimir qualquer conteúdo que faça jus ao que eles chamam de apologia a sexo, drogas e violência. Tais representações seguem intencionando transmitir respeito dentro da sua organização e para fora dela com relação ao olhar de quem vê as festas a partir de ângulos sociais diversos.

Afastamentos e críticas sobre a nova geração do funk, segue motivada para perseguir a preservação das experiências vividas como também se mostra dotada de conservadorismo que pretende “melhorar a imagem do movimento”, não permitindo que este seja confundido com o aquilo que se promove como baile, dentro da atualidade.

Ao nos debruçarmos sobre o funk contemporâneo e sua busca por novos sentidos, encontramos diversos elementos que foram desdobrados nesta pesquisa. Podemos

concluir que as hipóteses trazidas ao início do trabalho se sustentam, isto porque tais elementos apareceram como primordiais para tal afirmação, são eles: A Reapropriação ativa do passado, em especial dos anos de 1990. Reapropriação, surgida da articulação entre organização das “resenhas”, localização territorial e poder público. O poder público utilizado como ferramenta de negociação e liberação das festas e o poder paralelo conferindo legitimidade de transição das pessoas nos territórios onde o tráfico de drogas se faz presente (independente de facção). As articulações das “resenhas” estão baseadas nos antigos moldes dos bailes de corredor. Encontra-se presente também uma rede de proteção, seja do passado ou estabelecendo novas maneiras de se articular no presente. Bem como também foi possível perceber que há no seio do coletivo, algumas crenças naquilo que se deve defender, pactuar ou dividir e tais ações devem-se sentimentos de fidelidade. Nesta nova configuração, observamos um modo operacional se mostrando livre de interferências das vertentes dos funks produzidos após os anos 2000, algo que visa buscar preservação e memória. A proteção e o enaltecimento dos territórios que vão compor aquilo que se designou pelo nome de “bondes”, seguem conferindo força aos componentes e as suas respectivas comunidades, a partir dos moldes dos anos de 1990.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-74-91. Racismo 2. Racismo - História 3. Racismo - Teoria, etc. I. Título II. Ribeiro, Djamila III. Série 19-00703 CDD 305.8
- ARAÚJO, Elaine. **Revista Philologus** / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos - Ano 10, nº 28, (jan./abr.2004) - Rio de Janeiro: CiFEFil. 148 p.
- BLACK Rio**. Veja, São Paulo, p. 156-160, 24 nov. 1976.
- CEIA, Eleonora Mesquita. **As Remoções Forçadas na Cidade do Rio de Janeiro à luz do Sistema Interamericano de Direitos Humanos**. R. EMERJ, Rio de Janeiro, v. 20, n. 79, p. 121 - 142, Maio/Agosto. 2017 121.
- CYMROT, Danilo. 2011. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. São Paulo: Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2016.
- CORDEIRO, Aline. **HIP HOP: Uma análise comparativa entre a representação dos cliques norte-americanos e dos cliques locais**. Brasília, 2006.
- FERRAZ, Joana D'Arc Fernandes. **A Pandorga e a Lei: passado-presente-futuro**. Revista Maracanan. n. 18, p. 134-156, jan./jun. 2018.
- FERREIRA, Leonardo. **FUNK E GEOGRAFIA: Breves reflexões e relatos de experiências pedagógicas**. Giramundo, Rio de Janeiro, V. 1, N. 2, p. 81 - 89, jul. /dez. 2014.
- FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes Ferreirinha; RAITZ, Tânia Regina. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. Artigos • Rev. Adm. Pública 44 (2). Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil, 2010.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- GRILLO, Carolina Christoph. **Coisas da Vida no Crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas** / Carolina Christoph Grillo – Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2013. 280 p. Inclui bibliografia.
- GRILLO, Carolina Christoph. **Da violência urbana à guerra: Repensando a sociabilidade violenta**. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, vol. 12, núm. 1, 2019.
- HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 218 p.
- IBASE (BRASIL). IBASE. **Favelas – uma condição urbana de caráter nacional**. In: Favelas – IBASE, 2022.

JULIO, Waiselfisz. **Mapa das mortes por violência**: ESTUDOS AVANÇADOS 21 (61), 2007.

JULIO, Waiselfisz. **Mapa da violência de São Paulo**. Brasília: Unesco, 2005. Mapa da violência 2006: os jovens do Brasil. Brasília: OEI, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244p

LIMA, Raquel Guilherme. **PARA ALÉM DO ‘TRÂNSFUGA DE CLASSE’**: A socialização plural em narrativas da primeira geração de formados no ensino superior. Niterói – RJ, Brasil, 2020.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio; MENEZES, Palloma Valle** **Dossiê “crimes”, territórios e sociabilidade**. (DES)CONTINUIDADES NA EXPERIÊNCIA DE “VIDA SOB CERCO E NA SOCIABILIDADE VIOLENTA. Rio de Janeiro: 2019, p. 529-551.

MAGALHÃES, Alexandre. **A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 36, p. 1-20, 2021.

MEDEIROS, Bianca Freire; MENEZES, Palloma Valle. **As viagens da favela e a vida social dos suvenires**. Rio de Janeiro: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 3 Setembro/Dezembro 2016. doi: 10.1590/S0102-69922016.00030005

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta lança. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.

MELLO, Maria Ignez C; PIEDADE, Acácio Tadeu de C. **Horizontes Antropológicos**: Coletânea Galeras Cariocas. Universidade Federal de Santa Catarina. Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 206-209, out. 1999

MISSE, Michel. **“Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro”**. Civitas, 8:371-385, 2008.

NÓBREGA JÚNIOR, José Maria Pereira da. **A MILITARIZAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA: UM ENTRAVE PARA A DEMOCRACIA BRASILEIRA**. Recebido em 16 de dezembro de 2006. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 35, p. 119-130, fev. 2010. Aprovado em 12 de maio de 2009.

NOVAES, Dennis. **Funk Proibidão**: Música e Poder nas Favelas Cariocas. Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional, 2016 (Dissertação de Mestrado).

NOVAES, Dennis. **Nas redes do batidão**: Técnica, produção e circulação musical no funk carioca / Dennis Novaes. - Rio de Janeiro, 2020. 246f. (Dissertação de doutorado).

OLIVEIRA, L. X. **Blacks sob vigilância**. In: A cena musical da Black Rio: estilos e mediações nos bailes soul dos anos 1970 [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 159-187. ISBN: 978-85-232-1872-0. <https://doi.org/10.7476/9788523218720.0005>.

OLIVEIRA, L. X. Novos Olhares - Vol.8 N.1 ARTIGO | **Disputas ideológicas, cultura negra e jornalismo cultural** 34. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2019.150341. Rio de Janeiro, 2019.

PEDRETTI, Lucas. **Dançando na mira da ditadura: bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2021.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-13.

RODRIGUES, Rute Imanishi. **Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão /Rio de Janeiro: Ipea, 2016. 234. p.: il.: gráfs., mapas color. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7811-271-4**

VALLADARES, Licia do Prado. **A Gênese da Favela Carioca**. A produção anterior às Ciências Sociais. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 15, n.44, p. 5-34, 2000.

VARGAS, João H. Costa. **Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro**. University of Texas, Center for African and African American Studies Department of Anthropology, United States. Artigos • Rev. Antropol. 48 (1) • Jun, 2005.

VELIQ, Fabiano; MAGALHÃES, Paula. **A colonização é aqui e agora: elementos de presentificação do racismo**. Artigos, Trans/Form/Ação 45 (spe), 2022.

VIANNA, Hermano. 1987. **“O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos”**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: <http://goo.gl/jpmGFg>.

VIANNA, Hermano (Org.). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 280 p.

ZAVERUCHA, J. 1998. **A Constituição brasileira de 1988 e seu legado autoritário: formalizando a democracia, mas retirando sua essência**. In: ZAVERUCHA, J. Democracia e instituições políticas brasileiras no final do século XX. Recife: Bagaço, p. 113-147.

SITES CONSULTADOS

CHACINAS policiais. **Grupo de estudos de novos ilegalismos (GENI)**: Universidade Federal Fluminense, 2022. Disponível em: <<https://geni.uff.br/2022/05/06/chacinas-policiais/>>. Acesso em: 07 de fev. 2024.

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA. PROJETO DE LEI Nº 2.229, DE 2021 nº 2.229, de 19 de fevereiro de 2021. Estabelece o dia 12 de julho

como o Dia Nacional do Funk. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2351012&filename=Parecer-CCJC-2023-10-25>. Acesso em: 19 fev. 2024.

DALAQUA, Gustavo; **LE MONDE (BRASIL)**. Le Monde Diplomatique Brasil. Colonialismo cultural e injustiça estética: CULTURA E ESTÉTICA, 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/colonialismo-cultural-e-injustica-estetica/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

DATA LABE. A CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK, 2020. Disponível em: <<https://datalabe.org/funk10anos/?fbclid=IwAR1PfCzXUIGdRO3lrVGySqZ8sc7kgFn2U9RgMO69RC88t9VxeVvIJyzDjk%20%3E%20Acessado%20em%2014,%20de%20ja-neiro,%20de%202024>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

DOM Filó. **WIKIPEDIA**, 2011. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Fil%C3%B3#:~:text=Asfil%C3%B3rio%20de%20Oliveira%20Filho%20\(Rio,em%20gest%C3%A3o%20esportiva%20pela%20FGV](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Fil%C3%B3#:~:text=Asfil%C3%B3rio%20de%20Oliveira%20Filho%20(Rio,em%20gest%C3%A3o%20esportiva%20pela%20FGV)>. Acesso em: 19 fev. 2024.

FUNKEIROS são presos no Rio por apologia ao tráfico. **G1: Agência Estado**, 2010. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/12/funkeiros-sao-presos-no-rio-por-apologia-aotrafico.html#:~:text=S%C3%ADmbolos%20que%20exercem%20grande%20influ%C3%Aancia,ocupa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Complexo%20do%20Alem%C3%A3o>> Acesso em: 19 fev. 2024.

G1. KONDZILLA vira maior canal do YouTube no Brasil e quer dominar funk além de clipes, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/musica/noticia/kondzilla-vira-maior-canal-do-youtube-no-brasil-e-quer-dominar-funk-alem-de-clipes.ghml>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

G1. MUSICAL conta história de 4 décadas do funk no Brasil; relembre 40 hits, 2012. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/08/musical-conta-historia-de-4-decadas-do-funk-no-brasil-relembre-40-hits.html>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GGN. VAI começar o baile black, 2011. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/musica/vai-comecar-o-baile-black/>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GELEDÉS. MINHA mãe, Marielle Franco, e o funk dentro de mim, 2020. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/minha-mae-marielle-franco-e-o-funk-dentro-de-mim/>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

IBASE (BRASIL). IBASE. Favelas – uma condição urbana de caráter nacional, 2022. Disponível em: <<https://ibase.br/favelas-uma-condicao-urbana-de-carater-nacional/#:~:text=Com%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20composi%C3%A7%C3%A3o%20em,e%2069%25%20delas%20s%C3%A3o%20negras>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

IBGE. I Encontro Nacional de Favelas: IBGE promove evento para discutir e rever o conceito de aglomerado subnormal, 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38042-ibge-promove-evento-para-discutir-e-rever-o-conceito-de-aglomerado-subnormal>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

LINHA DO TEMPO das principais chacinhas no Rio de Janeiro. In: **Dicionário de Favelas Marielle Franco**, 19 fev. 2022. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Linha_do_tempo_das_principais_chacinhas_no_Rio_de_Janeiro. Acesso em: 19 fev. 2024.

MACHADO, CRISTIANO et al. PODCAST BENZINA NO MEIÃO: EPISÓDIO 19: Benzina no “batidão. Biblioteca Python do Internet Archive 1.9.0: INTERNET ARCHIVE, 21/01/2020. Disponível em: <https://archive.org/details/BenzinaNoMeiao2019/BM_020.mp3>. Acesso em: 19 fev. 2024.

PROJETO de lei de criminalização do funk repete história do samba, da capoeira e do rap: Senado analisa proposta polêmica que quer transformar um dos ritmos mais tocados no Brasil em ‘crime de saúde pública’. **G1**, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/musica/noticia/projeto-de-lei-de-criminalizacao-do-funk-repete-historia-do-samba-da-capoeira-e-do-rap.ghtml>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

RJ instaura CPI sobre bailes funks. DIÁRIO DO GRANDE ABC: DIÁRIO DO GRANDE ABC, 1999. Disponível em: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/232463/rj-instaura-cpi-sobre-bailes-funks>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SILVIO Almeida: "A raça é um elemento de naturalização da morte": Durante entrevista ao programa '**Roda Viva**', o jurista e pesquisador do racismo também disse que a mídia naturaliza a figura do negro como marginal. [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-06-22/silvio-almeida-a-raca-e-um-elemento-de-naturalizacao-da-morte.html>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SIGNIFICADO de Melôs. **DICIONÁRIO**, 2010. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/melos/#:~:text=Significado%20de%20mel%C3%B4,questio>>

n%C3%A1vel%3B%20talvez%20derivada%20de%20melodia>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SIGNIFICADO de MC. [S. l.]: **Equipe da Enciclopédia Significados**, 2000. Disponível em:

<<https://www.significados.com.br/mc/#:~:text=Em%20muitos%20casos%2C%20o%20MC,momento%2C%20algo%20conhecido%20como%20freestyle.%3E%20Acessado%20em%2007,%20de%20outubro,%20de%202023>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SOM de preto, de favelado, e criminalizado. **FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**, 2009. Disponível em:

<<https://www.palmares.gov.br/?p=3701#:~:text=Seu%20principal%20projeto%20de%20lei,apenas%20pelos%20clubes%20mais%20ricos>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

STJ manda soltar MCs do Alemão acusados de apologia ao crime. **CORREIO BRASILIENSE**, 2010. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/12/26/interna-brasil,229441/stj-manda-soltar-mcs-do-alemao-acusados-de-apologia-ao-crime.shtml>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SUPER pipos 4 no Mauá de SG. **YOUTUBE**, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GqB3-I1766g&t=22s>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

VITÓRIA do batidão: Lei corrige injustiça cometida com o funk ao proibir discriminação. **NÚCLEO PIRATININGA DE COMUNICAÇÃO**: 2008. Disponível em: <<https://nucleopiratininga.org.br/vitoria-do-batidao-lei-corrige-injustica-cometida-com-o-funk-ao-proibir-discriminacao/>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ANEXOS

Material completo, disponível em: <https://fiocruzbr.my.sharepoint.com/personal/norma_miranda_fiocruz_br/Lists/Anexos/AllItems.aspx?env=WebViewList> Acessado em 29, de abril, de 2024.